

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

EDUARDO BUATIM NION DA SILVEIRA

**A PSICOFÍSICA DA REPRESENTAÇÃO:
A INTERAÇÃO PSIQUISMO-CORPO A PARTIR DA ABORDAGEM
QUANTITATIVA NA OBRA FREUDIANA**

CURITIBA

2020

EDUARDO BUATIM NION DA SILVEIRA

**A PSICOFÍSICA DA REPRESENTAÇÃO:
A INTERAÇÃO PSIQUISMO-CORPO A PARTIR DA ABORDAGEM
QUANTITATIVA NA OBRA FREUDIANA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca.

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Sônia Maria Magalhães da Silva - CRB-9/1191

S587p
2020

Silveira, Eduardo Buatim Nion da
A psicofísica da representação : a interação psiquismo-corpo a partir da abordagem quantitativa na obra freudiana / Eduardo Buatim Nion da Silveira ; orientador, Francisco Verardi Bocca. -- 2020
172 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.
Bibliografia: f. 167-17

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicofísica. 3. Corpo e mente. 4. Filosofia.
I. Bocca, Francisco Verardi. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD. 20. ed. – 100



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Filosofia - *Stricto Sensu*

ATA N.º 186/PPGF – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos oito dias do mês de maio de dois mil e vinte, às nove horas realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação do mestrando **Eduardo Buatim Nion da Silveira** intitulada: A PSICOFÍSICA DA REPRESENTAÇÃO: A INTERAÇÃO PSIQUISMO-CORPO A PARTIR DA ABORDAGEM QUANTITATIVA NA OBRA FREUDIANA. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Francisco Verardi Bocca, Dr. Claudio Eduardo Rubin e Dr.^a Josiane Cristina Bocchi. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Francisco Verardi Bocca, o candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa do candidato. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado o candidato **Aprovado** em sua defesa de dissertação conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca **Outorgou** ao candidato o título de Mestre em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 11h30min. Para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora. Os avaliadores Prof. Dr. Claudio Eduardo Rubin e Prof.^a Dr.^a Josiane Cristina Bocchi tiveram participação na banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e está de acordo com as notas e conceitos descritos.

MEMBROS DA BANCA		ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca – PUCPR			9.8
Prof. Dr. Claudio Eduardo Rubin – UP		Participação videoconferência	9.8
Prof. ^a Dr. ^a Josiane Cristina Bocchi – UNESP		Participação videoconferência	9.8
MÉDIA FINAL	9.8	CONCEITO	A

Prof. Dr. Jelson Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*



AGRADECIMENTOS

As raízes deste trabalho estão há muitos anos atrás, fala de um percurso na psicanálise cujo resultado demarcou uma posição epistemologicamente definida, por não dizer assumida, diante do problema mente e cérebro. Como toda assunção na realidade, ela não vem sem desafios e obstáculos. Tanto no interior e fora da comunidade psicanalítica, os desafios surgiram. Do mesmo modo que um valor histórico carregado de verdade descortina-se do recalcado, a delimitação entre os teóricos mais influentes da psicanálise (Freud e Lacan) significou o ponto de partida de uma assunção teórica que resultou numa espécie de redenção epistemológica, especialmente em virtude do reconhecimento de um persistente equívoco, muitas vezes fortalecido por comentadores e psicanalistas, de insistir em uma equivalência paradigmática, e por que não dizer, ontológica entre ambas as teorias. Esta confusão no curso e discurso da psicanálise acabou por delegar sua ciência há uma condição hermética, cindida internamente, e distanciada de qualquer diálogo com as demais áreas do conhecimento. Tudo aquilo que Freud menos aspirava em seu projeto. Portanto, o resgate de suas bases, como também, acompanhar sua epistemologia resultaram para mim, numa apropriação ontológica de seus conceitos, cujos efeitos transitam também por este trabalho. A este percurso que envolve uma apropriação do pensamento freudiano, na dupla face que a sustenta: na clínica e na ciência, nunca abandonada; algumas pessoas foram muito significativas, ocupando um lugar de verdadeiro refúgio. Agradeço primeiramente ao colega, amigo, um verdadeiro mentor Dr. Fábio Thá, cuja integridade, coragem e entusiasmo para com o conhecimento científico constituíram uma base segura na qual pude me apoiar. Sua generosidade ao longo dos anos constituiu a parte mais fecunda desta trajetória. Também ao meu companheiro na vida, Tiago Buatim Nion da Silveira, que dialogou e suportou, no sentido mais amplo do termo, de forma cotidiana às muitas questões articuladas neste trabalho. Parte deste diálogo permitiu construir uma chave de leitura indispensável no pensamento freudiano. Ao meu orientador Dr. Francisco Verardi Bocca, cujo refinamento e honestidade epistemológica incitariam em mim a testemunha e confiança no espaço acadêmico. Não é exagero afirmar que a liberdade de viver neste espaço de ricos debates e oposições diversas, das pontuações tão precisas da tua parte, e de uma leveza tão característica sua, que permitiram este trabalho. Obrigado pela confiança e pelo apoio. Ao meu filho, Caetano Buatim Nion, que empreendeu tempo e investimento nas minhas ausências/presenças. Este tempo de alternâncias necessárias ajudaram-nos, um ao outro, a construir e fortalecer nossos laços com a vida. Aos meus pais,

que me permitiram a ser criança e da necessidade solitária de me fazer adulto, obrigado pela mesma alternância.

Aproveito aqui a oportunidade para dissuadi-los de tomar partido numa disputa supérflua. No cultivo da ciência há um expediente ao quais muitos recorrem: se escolhe uma parte da verdade, se a situa no lugar do todo e, em seu nome, se interdita todo o resto que não é menos verdadeiro (FREUD, 1917/2010, p.317)

RESUMO

A amplitude de expectativas acerca da metapsicologia freudiana corresponde, dentre tantas ambições, à tentativa de preencher uma lacuna funcional acerca da interação mente e cérebro. No interior de suas formulações a teoria freudiana esquematiza um processo hierarquizado de pensamento, essencialmente, essencialmente daquilo que Freud comumente designava como pensamento científico. Seu advento como um complexo de representações mais estáveis do ponto de vista econômico, está presente desde os desenvolvimentos mais precoces da teoria e é justificado por três critérios psicofísicos para sua constituição: i) um protótipo ideal para o pensamento, baseado no princípio de realidade; ii) um fator protetivo, para a regulação econômica; iii) uma modulação de estímulos interoceptivos capazes de emancipar a percepção, distinguindo-a da memória. Tomando como fio condutor as relações tóxico-energéticas do aparelho, reconhecemos na abordagem quantitativa uma estrutura anatomofisiológica hierarquizada e dinâmica, a qual justificará um desenvolvimento estratificado para as representações. Tal processo está conceitualmente apoiado na restrição da livre-energia, e nas exigências de gerenciamento pulsional no interior do aparelho. É nessa arquitetura que os processos econômicos afiguram-se como um fator preponderante para a constituição e emancipação das representações, incluindo sua nosografia clínica. Neste sentido, pretendemos demonstrar que o aparelho psíquico, tal como Freud o concebeu, assevera um paradigma neurofisiológico preciso e coerente ao longo da obra, e que suas hipóteses heurísticas são referidas a partir deste enquadramento substancial para a mente.

Palavras-chave: Anatomofisiologia; Livre-energia; Processo quantitativo; Representação.

ABSTRACT

The range of expectations regarding Freudian metapsychology corresponds, among so many ambitions, to fill a functional gap about the interaction between mind and brain. Within these formulations, Freudian theory outlines a hierarchical process of thought, most of what Freud commonly referred to as scientific thought. Its advent as a complex of more stable representations from an economic point of view has been present since the earliest developments of the theory and is justified given three psychophysical criteria for its constitution: i) an ideal prototype for thinking, based on the principle of reality; ii) a protective factor for economic regulation; iii) a modulation of interoceptive stimuli capable of emancipating perception, distinguishing it from memory. Taking the topic-energetic relations of the psychic apparatus as a guiding principle, we recognize in the quantitative approach a hierarchical and dynamic anatomophysiological structure, which will justify a stratified development for the representations. Free energy restriction supports this process, as well as the internal psychic apparatus demands for drive management. It is from this architecture that economic processes appear as a preponderant factor for the constitution and emancipation of representations, including their clinical nosography. In this sense, we intend to demonstrate that the psychic apparatus, as Freud conceived it, asserts a precise and coherent neurophysiological paradigm throughout his work. More than this, his heuristic hypotheses are referred to from this substantial framework for the mind.

Keywords: Anatomophysiology; Free-energy; Quantitative process; Representation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OS PARADIGMAS DA PSICANÁLISE: UMA ONTOLOGIA PARA O INCONSCIENTE	24
2.1	Entre o energético e a hermenêutica	24
2.2	A atualidade da psicanálise: Uma divergência para o inconsciente	29
2.3	Uma revisão histórica sobre o problema mente e corpo no século XIX.....	35
2.3.1	Uma neurociência quantitativa	37
2.3.2	Um modelo caótico e estratificado para a natureza.....	39
2.3.3	O localizacionismo corticocêntrico.....	45
2.4	O FISCALISMO DE CORRESPONDÊNCIA	48
3	UM CÉREBRO PARA A REPRESENTAÇÃO	51
3.1	A complexização de Reiz para Vorstellung.....	57
3.2	A neurociência representacional de Jackson para Freud	60
3.2.1	A hierarquia dinâmica em Jackson.....	62
3.2.2	A representação corporal em Jackson	64
3.2.3	Dissolução funcional das representações	65
3.2.4	Doutrina da ação-reflexa para a imagem mental.	66
3.3	O quantum da representação Freudiana.....	67
3.4	A psicofísica dos Afetos	71
3.4.1	A dissociação entre imagem e excitação	80
3.5	A psicogênese do Eu: o nascimento do aparelho regulatório	90
3.5.1	O problema da qualidade.....	96
3.6	Para além do princípio de inércia: a <i>bindung</i> e a instauração do Eu-prazer.....	97
4	O PRIVILÉGIO DO ECONÔMICO NA METAPSICOLOGIA.....	102
4.1	Uma tópica energética	102
4.2	O núcleo biológico do inconsciente.....	104

4.2.1	A plenitude da ausência de excitação.....	108
4.3	O trauma como excedente SUMÁRIO	113
4.4	A FISILOGIA INTEROCEPTIVA DAS PULSÕES	120
4.4.1	A vida como rodeio	125
4.5	A atualização da inércia em thanatos	130
5	A IDENTIDADE DE PENSAMENTO: A MODULAÇÃO QUANTITATIVA	
	ENTRE A MEMÓRIA E A PERCEPÇÃO	134
5.1	A emergência do eu-inicial ao eu-prazer	134
5.2	Um aparelho de inferência no teste de realidade	136
5.3	A PERSPECTIVA NEUROEVOLUCIONÁRIA PARA O PSQUISMO	141
5.4	Da entropia corporal a síntese psíquica.....	149
5.4.1	A emancipação da percepção.....	154
5.5	Entre a paixão e a cons-ciência.....	155
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
	REFERÊNCIAS	167

1 INTRODUÇÃO

A questão mente-corpo, que ocupou o debate filosófico ao longo dos séculos, vem ganhando na contemporaneidade alcance nas mais diversas áreas, dentre as quais se destacam as neurociências, as ciências cognitivas e a inteligência artificial (MARBLESTONE; WAYBE; KORDING, 2016).

O desenvolvimento progressivo nestas áreas tem criado um ambiente propício para este debate, quer seja pela inserção dos fenômenos mentais na ciência objetiva, ou então, da difícil ponderação sobre qual medida o campo mental relaciona-se com o suporte material. Não obstante, a cisão do corpo com as ideias não reflete apenas a especificidade dos objetos de investigação, mas sim, de uma questão ontologicamente ampla e não menos controversa que, desde o início do séc. XIX atualizou-se na modernidade como o problema mente e cérebro (BORING, 1950).

É em questões como estas que a ciência intercepta a filosofia. Mesmo diante do progresso científico, no tocante ao puro volume de dados, a filosofia tem sido abordada mais urgentemente. Em meio aos desafios enfrentados pela matemática moderna e pela mecânica quântica, a filosofia articula-se em paralelo com a ciência, enquanto método de investigação, em busca de uma resposta plausível sobre a interação, se é que há, entre a percepção e a realidade. Tomemos como exemplo a jornada intelectual do homem para compreender a natureza do calor, da energia e, finalmente, seguindo a esteira da atualidade, das informações. As características físicas¹ desses fenômenos não são óbvias e indicam a persistência de um antigo problema: o modo como nosso sistema de inferência se constitui.

Se hoje buscamos compreender como certas substâncias químicas podem reagir juntas, podemos realizar uma experiência, ou pelo menos, fazer um cálculo fundado em parâmetros experimentais bem estabelecidos. A utilização destes instrumentos é justificada diante dos resultados, já que suas conclusões não correspondem à experiência direta e intuitiva de nossos sentidos.

Neste âmbito, o debate ontológico entre empiristas e racionalistas atualiza-se na questão, ainda insolúvel nos dias de hoje, de como nossos sistemas cerebrais se organizam. De que modo sintetizamos os estímulos para produzir esta experiência particular e subjetiva que identificamos como o Eu?

¹ Foi somente a partir da publicação de A Mathematical theory of Communication por Claude Shannon em 1948 que a informação passou a ser tratada como uma quantidade física mensurável (STONE, 2015).

O maior objetivo da ciência neural cognitiva é determinar como a informação que alcança o córtex cerebral através dos caminhos aferentes e paralelos são conectados para formar uma percepção consciente e unificada. Uma das esperanças que direcionam a ciência neural cognitiva é que o progresso do entendimento do Bind Problem, o problema ligação, irá produzir nossos primeiros insights em uma base biológica da atenção e ultimamente da consciência. (KANDEL, 2013, p. 448. *Tradução nossa*).

Daí em diante, formular hipóteses sobre a interação mente e corpo ganha relevos cada vez mais amplos e controversos. Haveria, portanto, uma correspondência direta do psíquico com a substância nervosa ou tratar-se-ia de uma concomitância? Ainda mais, seriam estas propriedades distintas entre si, conforme alegam os dualistas? Não obstante, é nesta perspectiva que a substância material pode ser encarnada por uma propriedade distinta a ela, animando-a desde fora. Já para os monistas, a mente é concebida como um fenômeno emergente, constituído e coabitado pela substância física. Entre estes polos extremos habitam perspectivas variadas, acomodadas neste amplo cenário da filosofia da mente. De todo modo, todo este amplo debate demonstra-se pertinentes ao nosso estudo, coincidindo em vários graus com os impasses freudianos.

Afinal, é partindo do sistema nervoso, onde Freud justifica seu arcabouço biológico e filogenético, que pretendemos delinear a constituição, estrutura e dinâmica das representações. É deste paradigma que pretendemos circunscrever a epistemologia freudiana.

Com esta aspiração, algumas questões relativas a uma espécie de ontologia psicanalítica emergem ao nosso estudo: seriam os significados tributários à simples pares de oposição, tal como são concebidas as cadeias simbólicas? Ou ainda, no que tange as representações, uma imagem reflete a substância, ou tratar-se-ia simplesmente de uma informação?

Com o intuito de valorar a profundidade destas questões, utilizamos de um exemplo simples fornecido por Hackworth (2016): Sabemos que tocamos algo quente, porque sentimos. Se algo é percebido como quente, o que são na verdade nossos sentidos, sentindo? Segundo o autor, hoje há evidências para sustentar a hipótese de que a mente tenha aprendido a reconhecer certos sinais elétricos, atribuindo a eles um significado térmico, como o quente. Entretanto, do contrário a nós, a observação da temperatura de um grânulo de mercúrio, não é comprimento da onda, mas microamperes. Então, qual a natureza do calor? Esta pergunta pode parecer, até certo ponto, bastante óbvia, mas ainda persiste nos meios científicos num misto de entusiasmo e desapontamento. Sua natureza insiste para esta dimensão

ontologicamente ampla que, em resumo, nos interpela da seguinte maneira: como a mente aprendeu a ler o sinal? Qual a relação entre o estímulo e o observador em termos físicos?

Impulsionado pelo fracasso dos dispositivos teóricos da filosofia moderna que permitem verificar a relação entre percepção e realidade, Perez; Bocca; Bocchi (2019) reconhecem na teoria freudiana uma formulação possível desde o ponto de vista epistemológico. Segundo os autores, no interior da equação percepção/realidade, exige-se de imediato uma dupla função ontológica para seu desdobramento: algo que, num primeiro momento, se anuncia como uma pergunta expressa sob uma forma compartilhada de códigos, regras e argumentos. Em seguida, de um sujeito capaz de enunciá-lo, dotado de certas condições estruturais para fazê-lo.

O resultado desta enunciação evidencia duas características fundamentais: uma espécie de “ficção originária” e a pressuposição de um “interior/exterior” (2019, p. 10). A primeira destas opera como um tipo de postulado ou axioma que ordenará todas as demais construções subsequentes. Já a segunda trata de pressuposições de um dentro e de um fora.

Ainda segundo os autores, os argumentos freudianos sobre a constituição do Eu conferem um critério conceitual entre a percepção e a memória capaz de atender a distinção entre realidade e alucinação, bem como os pares de oposição objetal. Por este motivo, suas teses são capazes de fornecer uma eventual resposta sobre os fenômenos da percepção, colocando em evidência um conjunto de hipóteses sobre a causa e a fonte da representação. Em resumo, seu alcance permite localizar o indivíduo, o objeto e a realidade.

Neste trabalho, portanto, utilizaremos como referência os dois fundamentos propostos pelos autores supracitados: (1) o de resgatar a “ficção originária” freudiana – que em nossa pesquisa será perfilado pelo paradigma neurobiológico, mais precisamente do curso das quantidades. Nesta perspectiva, o modelo teórico freudiano apresenta os elementos constituintes e uma arquitetura física para seu desenvolvimento. Em seguida (2) o conceito liminar de “interior e exterior” como um recurso atribuído ao Eu, designado por Freud como um complexo de representações na memória capaz de integrar e mediar os polos somáticos e as saídas sensório-motores.

De modo a explorarmos o primeiro fundamento (1), faz-se relevante destacar que fora na condição de neurofisiologista que Sigmund Freud (1856-1939), ao considerar a pertinência de processos de pensamento no estudo das ciências do sistema nervoso, propôs um modelo metapsicológico inovador, cujo modo de processamento permite articular as

diferentes estruturas neurais, biológicas e psíquicas, que até então, eram exploradas isoladamente nas diferentes áreas de interesse (SOLMS, 2002).

No prefácio de a tradução de Suggestion de Bernheim (1888b/1996) Freud critica a antítese entre as séries fisiológicas e ideativas, propondo o que seria um modo mais adequado para compreensão dos estados variados da consciência. Neste ensaio problematizou a persistência do dualismo como um modelo insatisfatório, afirmando que para as séries fisiológicas e psíquicas: “precisa-se urgentemente de um elo que ponha em conexão as duas espécies de fenômenos” (FREUD, 1888b/1996, p. 128). Segundo o autor, as novas hipóteses exigem por parte do investigador um modelo que integre os dados fornecidos por ambos os conhecimentos adquiridos, acomodando-os neste espaço intermediário entre o sistema nervoso e tudo aquilo que doravante, interpretamos como fenômeno mental.

Este apelo esta fundamentado epistemologicamente na convicção freudiana, onde as estruturas físicas e psicológicas convergem nas influências mútuas da excitabilidade. Ademais, é nesta resenha que o teórico confirma seu compromisso psicofisiológico, afirmando que a capacidade de associar elementos é parte integrante do sistema nervoso. Deste modo, a relação entre associação e excitação nervosa forja um conjunto de forças que traz consigo todo o legado da medicina de Helmholtz e de Du Bois-Reymond para o psiquismo freudiano.

É através desta chave de leitura que o aparelho psíquico, tal como Freud o concebeu, reflete as aspirações do materialismo moderno, onde as funções psíquicas coincidem com as exigências neuronais e com os dispositivos fisiológicos adjacentes. As noções quantitativas da economia psíquica pretendem capturar este fundamento, bem como, a articulação necessária para a ampliação de suas teses, tanto neurológicas, quanto psicológicas. Em síntese, sua abordagem econômica permite uma circulação permeável entre dois mundos. Esta abordagem embasará grande parte da especificidade do inconsciente freudiano. Vejamos como Freud, o neurofisiologista, concebe os fenômenos psicológicos:

Não se justifica estabelecer tal contraste, como aqui se faz, entre o córtex cerebral e o resto do sistema nervoso; é improvável que tão profunda modificação funcional no córtex do cérebro possa ocorrer sem vir acompanhada de mudanças importantes na excitabilidade das demais partes do cérebro. Não temos critérios algum que nos possibilite estabelecer uma distinção exata entre um processo psíquico e um processo fisiológico, entre um ato que ocorre no córtex cerebral e um ato que ocorre na substância subcortical; isso porque a “consciência”, o que isto seja não esta ligada a toda atividade do córtex cerebral, e não está sempre ligada em igual grau a alguma

de suas atividades em particular; não é algo que esteja em conexão com alguma região do sistema nervoso² (FREUD, 1888b/1996, p. 128. *Grifo nosso*).

As evidências clínicas e empíricas sobre o funcionamento nervoso já anunciavam a necessidade de revisão dos modelos neurofisiológicos e psíquicos. Conforme indica na citação acima, o autor apresenta, ainda que por oposição, a correlação analogamente identificada entre as atividades psíquicas com as regiões segmentares do córtex.

Este tipo de paralelismo corticocêntrico será um dos principais alvos de sua crítica neurológica, e fornecerá todo o alicerce para sua justificativa metapsicológica. Afinal, um fato que merece destaque é que foi na neurofisiologia que Freud homologou a atividade psíquica a um funcionamento global do cérebro – o que inclui regiões dinâmicas e cooperativas do sistema nervoso, em detrimento de áreas estáticas e independentes do córtex.

Esta vertente estritamente local e observável das funções psíquicas no órgão cerebral fora hipervalorizada no século XIX, e fortemente fomentada na doutrina localizacionista e na frenologia³.

Ao longo de suas teses, Freud desloca as atividades psíquicas (e.g. consciência, percepção, sensibilidade motora, pensamento e a linguagem), outrora restritas a centros segmentares do encéfalo, aos princípios gerais de regulação e variação da excitação por todo o sistema nervoso. O curso destas quantidades, sediadas pela economia nervosa imprimirão modificações duráveis ou parciais no tecido cortical: a *vorstellung* freudiana.

Para fundamentar suas teses, ampara-se em três fontes de evidências: i) nas investigações clínicas a partir dos fenômenos somáticos e variações de consciência presentes nas perturbações nervosas e nos fenômenos hipnóticos; ii) nos modelos dinâmicos e hierárquicos da fisiologia do sistema nervoso e do cérebro e; iii) nos modelos disponíveis da física relativos ao movimento e à troca de energia.

A partir destas evidências, as teses freudianas pretendem ampliar duas áreas da arquitetura cerebral e do trajeto nervoso que condizem com a: (i) estrutura cortical de associação e armazenamento dos estímulos, (ii) o curso e a dinâmica dos retornos fisiológicos, representados sob os mais diversos termos.

² Em nota de rodapé, Freud acrescenta uma nota a guisa de crítica sobre este ponto: Parece-me injustificável e desnecessário supor que uma ação executiva mude de localização no sistema nervoso, se ela foi iniciada conscientemente e, depois, é continuada inconscientemente. Ao contrário, é provável que a região cerebral em questão possa operar com uma quantidade variável de atenção (ou consciência). O próprio Freud repetiu essa afirmação na seção VI de seu artigo metapsicológico sobre “O Inconsciente” (1915d).

³ Base teórica que justificara a corrente chamada de craniologia, onde a característica da personalidade de um indivíduo seria refletida na estrutura externa do crânio. Sua doutrina foi refutada posteriormente como uma espécie de charlatanismo.

Para Freud, uma arquitetura psicofísica que contemple o gerenciamento destes estímulos poderia oferecer uma compreensão mais adequada das perturbações funcionais do sistema nervoso, como também, dos fenômenos variados da atenção consciente. Esta necessidade fora retomada por Freud em seu texto *O Inconsciente* (1915), onde enfatiza a distinção entre uma abordagem descritiva, restrita aos dados da consciência, e uma “psicologia profunda” (FREUD, 1915d/2010, p. 111). Esta definição só pode ser conquistada ao considerar uma abordagem metapsicológica para os processos psíquicos, isto é, integrar aspectos dinâmicos, topográficos e econômicos no modelo. É deste último que Freud privilegia em sua metapsicologia, reivindicando as aspirações de se “perseguir os destinos da magnitude de excitação” (FREUD, 1915d/1992, p. 178). Vale destacar que estas diferentes camadas e inervações para os processos psíquicos, que incluem os centros nervosos inferiores – no sentido topográfico do termo – eram exploradas de forma segmentar e independente na epistemologia do séc. XIX.

Entretanto, Freud empreendeu uma abordagem integrativa para as funções nervosas. Seu eixo teórico está assentado numa perspectiva dinâmica para os estímulos, convergindo hipóteses sobre o funcionamento cerebral, a fisiologia e os afetos para as representações. Ao envolver os dados clínicos com a constituição e o gerenciamento nervoso, Freud concebe uma perspectiva quantitativa para as representações, identificando sua regulação interna a partir de um enquadramento econômico.

Deste modo, ao admitir estes fundamentos buscaremos delimitar os elementos de ligação entre o somático e o psíquico, identificando as bases neurofisiológicas, sempre presentes, na teoria freudiana.

Para as hipóteses quantitativas, Freud introduziu os mais variados termos, conferindo inteligibilidade quanto à natureza e o curso da excitação nervosa, tais como: *quantidade; Qn; catexia; valor; libido; excedente; pulsão; peso; energia nervosa; moção de afeto; quantum; estímulo endógeno; carga; intensidade; tensão; força; impulso; magnitude; investimento; soma; inibição; moção de desejo*; dentre outros.

Ainda que todas estas diferentes terminologias indiquem as mais variadas definições, segundo suas atribuições e diferentes momentos na obra, o que é preservado, ainda que provisoriamente indefinido, é sua natureza física e substancial onde “(...) possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga” (1894/1996, p. 66).

Segundo Pribram e Gill (1976, p. 28), estas considerações são perfeitamente adequadas a "uma definição biológica do conceito de energia que pode ser significativamente ligada à neurofisiologia moderna".

Em consonância, Fulgencio (2018, p. 46) também considera que, muito embora o ponto de vista dinâmico seja análogo às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria, a pulsão é, para Freud, uma força equivalente às propriedades físico-químicas que agem sobre ela.

É justamente neste polo expressivo da atividade neural e psíquica, cuja chave obedece a um processamento quantitativo, que Freud articula na mesma equivalente proporção: pensamento e biologia. É por esta razão que o modelo representacional freudiano admite noções oriundas da histologia, da neurobiologia e da física termodinâmica, pois seus fundamentos atendem ao gerenciamento energético do organismo e do cérebro.

Em continuidade, para que possamos sustentar a solidez do segundo argumento (2) e sua redefinição com os processos físicos adjacentes, faz-se necessário reconstruir de forma sistemática as partes constituintes – a saber, o polo endossomático e o psíquico. Partimo-nos, portanto, das hipóteses da arquitetura neural e da manipulação da fisiológica da excitabilidade para o desenvolvimento psíquico, optando por identificar seu desenvolvimento ao conceito de *Eu*⁴, como uma interface perceptiva e hierarquizada, de modo a relacionar suas partes e, sobretudo, estabelecer a dependência entre ambos.

O estatuto de estratificação da memória, segundo a diferenciação de processos primários e secundários para as representações, indica este alcance duplamente privilegiado do *Eu* freudiano em fornecer uma fronteira liminar entre os estímulos endógenos e exógenos. Suas atribuições tópico-energéticas para os estímulos globais condicionam uma série de subsídios que corroboram com nossa pesquisa, em especial, sobre o problema mente e corpo:

- i. Uma condição topográfica, onde a percepção possui uma face orientada ao órgão biológico e outra voltada aos sistemas perceptivos;
- ii. Uma condição energética, das quais sua própria constituição e atuação sensório-motora incidem na regulação das quantidades fisiológicas do organismo;
- iii. Uma condição qualitativa, como uma projeção psíquica da ação motora e da superfície corporal, orientado pela série prazer/desprazer a partir dos registros de memória.

⁴ James Strachey ao traduzir para o inglês as *Gesammelte Schriften* – edição das obras completas de Freud em alemão - traduziu do alemão, o termo *Ich* por Ego, substituindo o termo inglês *I* pelo latim. Optei por utilizar, neste trabalho, o termo *Eu* por ser a tradução fiel do termo alemão *Ich*.

Neste enquadre, lançamos as seguintes questões que pretendemos responder: como a teoria freudiana constitui a passagem da quantidade para a qualidade que justifica uma intervenção não neurológica, a psicanálise? Há uma emancipação/cisão dos processos neurofisiológicos anteriores de 1886 para o aparelho psíquico, posterior à 1900? Há de fato uma substituição ou transcendência do corpo ao mental, conforme sugerem as abordagens dualistas? E, por fim, até onde podemos sistematizar o pensamento freudiano numa perspectiva energética a ponto de autorizarmos-nos reivindicar sua ontologia nestes termos?

Para lograr nosso objetivo, adotamos uma metodologia de análise epistemológica, segundo viés cronológico dos textos freudianos conforme as indicações de Monzani (2014/1989, p. 74). Este posicionamento diante da obra opõe-se as leituras que afirmam uma ruptura de suas teses iniciais. É neste enquadramento que o autor lê a metapsicologia como o produto de um movimento pendular e espiral, traçando seu percurso teórico como um projeto fidedignamente naturalista. Nesta compreensão, a abordagem utilizada neste ensaio reflete as aspirações do autor, onde os conceitos freudianos devem ser lidos não como um recorte epistemológico, mas sim, daquele que exige por parte do pesquisador uma análise contínua e contextual de seus conceitos.

A fim de cumprir esta proposta de pesquisa, nos concentraremos, no **Capítulo 2**, sobre o paradigma freudiano. A partir desta linha de investigação traçaremos dois eixos metodológicos em torno dos quais nossos objetivos são organizados. No primeiro vetor, trataremos sobre a mudança de paradigma na psicanálise com base na relação psiquismo e corpo nos anos cinquenta. Apresentaremos, ainda que sucintamente, a divergência ontológica dos modelos psíquicos acerca desta questão; investigaremos o contexto neurocientífico de Freud, as principais linhas teóricas e filosóficas a este respeito. No segundo eixo, apresentaremos o paralelismo psicofísico de correspondência, concentrando-nos na corrente e estrutura do circuito nervoso para a produção de imagens mentais.

No **Capítulo 3**, serão tratadas as críticas e contribuições neurológicas efetuadas por Freud a este respeito entre os anos de 1891 a 1900. Verificaremos como o conceito de representação está fundamentado nas teses anatomofisiológicas apresentadas pelo autor no texto *Sobre a concepção das Afasias* (1891). Para tanto, utilizaremos como chave de leitura a otimização do aparelho psíquico baseado na estrutura hierárquica e dinâmica para o gerenciamento econômico. Trataremos em outras duas seções sobre i) a nosografia freudiana com base nas perturbações da disfunção energética e, ii) a ultrapassagem da tendência reflexa a partir da instauração do princípio de prazer.

No **Capítulo 4**, discutiremos a ênfase da abordagem quantitativa e a presença das bases neurais nos textos ulteriores a 1900 e nos escritos metapsicológicos (1914-1917). Evocaremos o dualismo pulsional da segunda tópica como um retorno da preeminência fisiológica dos primeiros escritos.

No **Capítulo 5**, concentrar-nos-emos nas hipóteses sobre a emancipação hierarquizada dos estímulos endógenos ao sistema perceptivo/pensamento com base nas hipóteses quantitativas dos primeiros escritos. Para acompanhar a emancipação da dimensão somato-sexual aos processos de pensamento estaremos articulando a passagem do *Eu-Inicial* ao *Eu-realidade*. Este último, compreendido à luz de Freud, como modos de expressão ideal do gerenciamento econômico e cujo ápice teórico é representado pelo pensamento científico. Este momento da pesquisa estará, portanto, orientado aos textos ulteriores, entre os anos de 1900 à 1938. Por fim, este conjunto teórico pretende demonstrar a proposta freudiana de uma estrutura anatomo-fisiológica para o sistema nervoso na qual suportará o modelo metapsicológico.

Em resumo, esta pesquisa tratará nos dois primeiros capítulos sobre o paradigma neurofisiológico do século XIX; das críticas e diálogos de Freud a este respeito, concentrando-nos na proposta dinâmica e hierárquica do sistema nervoso para suas teses psicológicas. Nos dois últimos capítulos, buscaremos traçar as equivalências funcionais do modelo psíquico entre os textos anteriores e ulteriores à 1900. Utilizamos da *Interpretação dos Sonhos* (1900) como um marco que assinalaria a transição radical de um modelo neurofisiológico para o modelo representacional de mente. Do contrário, pretendemos demonstrar a continuidade do pensamento neurofisiológico do autor representado pela abordagem econômica. Além da análise cronológica dos textos, buscaremos acompanhar o curso do desenvolvimento do *Eu* freudiano de modo a destacar o trabalho progressivo de estratificação, emergência e limites do aparelho psíquico à fisiologia do sistema nervoso.

2 OS PARADIGMAS DA PSICANÁLISE: UMA ONTOLOGIA PARA O INCONSCIENTE

2.1 ENTRE O ENERGÉTICO E A HERMENÊUTICA

É neste espírito de unir o que foi disperso que Monzani (2014, p. 59) inicia sua releitura sobre *A Interpretação dos sonhos* (1900). Dentre as mais variadas impressões que o título enseja no rigor científico, deixando soar um conjunto de teses que beiram o misticismo ou o saber popular, Monzani (2014) enfatiza que o título não é considerado apenas a obra-mestra da literatura psicanalítica, mas um conjunto de hipóteses metodologicamente coerentes, apresentando-nos um Freud que articula, ao mesmo tempo, os mecanismos que regem o psiquismo e os princípios subjacentes a ele. Nele, Freud esforça-se por manter, sob um grave pendor de equilíbrio, as bases explicativas de um substrato material com as produções de sentido. Embora o modelo onírico no qual *A Interpretação dos Sonhos* (1900) privilegie seja, por todos os efeitos um plano carregado de sentido, a obra freudiana está orientada para a compreensão e decifração hermenêutica. Por esta razão, o valor marcado pela interpretação faz emergir um inconsciente mais íntimo, menos impregnado de uma aura patológica. Estes novos ares acabam por imputar no curso da epistemologia freudiana a crença de que as teses apresentadas nos *Sonhos* tenham anunciado a ruptura com os antigos paradigmas, desembaraçando Freud, por fim, da neurofisiologia para uma psicologia pura, segundo o qual o modelo energético do *Projeto* (1895) seria seu maior representante.

Se o inconsciente apresentado em 1900 revela-se como uma organização dotada de sentidos, uma investigação mais detalhada ao longo da obra evidencia pressupostos ancorados em paradigmas precisos, apresentando-nos uma teoria psicológica em conformidade com a estrutura e pensamento de Freud como neurofisiologista. Essa perspectiva é facilmente identificada quando se atenua a distância, quase herética, que separa a *Interpretação dos Sonhos* (1900) das teses sobre as *Afásias* (1891), e o *Projeto* (1895). Inclusive quando recorremos ao Capítulo VI e VII *dos Sonhos* (1900) e constatamos a nítida concordância entre os textos. A aproximação revela um núcleo claramente psicofisiológico de seus conceitos, cujo contorno evoca sempre a este estatuto de objeto natural, nunca abandonado, construindo o valor de sentido segundo os ideais das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*).

Este Freud que promove uma análise do sentido coaduna, bem ou mal, mas longe de contradição, com aquilo que Binswanger (1936) ilustra como uma espécie de materialismo

energético. Este mecanicismo da energia, herdeiro do positivismo do século XIX, é erigido como uma potência de massas pulsionais, advogando a própria corporalidade seu estatuto central. Neste terreno de forças internas, o psiquismo em Freud revela-se infiltrado pelo corpo. É dele sua precipitação.

A observação da análise onírica põe em evidência o sentido latente dos sonhos, como também, fornecem hipóteses sobre seu processo de figurabilidade (*Darstellbarkeit*). Estas hipóteses não apenas revelam a manifestação de desejos ocultos que, mediante o trabalho das resistências deformam sua expressão, mas que ainda admite todo o mecanismo quantitativo subjacente, traduzindo as variâncias de pesos e valores de uma substância nervosa em imagens na superfície perceptiva (1900/1996, p.329).

Neste sentido, toda a arquitetura econômica na teoria freudiana ilustra, ainda que dedutivamente, a dinâmica psicofísica como suporte material para o significado. Sua atribuição, ainda que posterior do ponto de vista do desenvolvimento psíquico torna indispensável às impressões filogenéticas do material sensível. Neste cenário, a obra dos *Sonhos*, não apenas traz até nós um fenômeno dinâmico que se anuncia na tela da consciência, como uma obra onírica que aguarda passivamente por uma interpretação, mas fornece inclusive as indicações de uma estrutura física subjacente: a motivação por trás do olhar do artista, das características da superfície – física – que acolhe os elementos, das ferramentas, as condições da paleta. Em resumo, trata-se apenas de percorrer aquilo que Monzani (2014, p. 90) insiste em valorar ao longo da obra freudiana: de repertoriar o destino dos afetos, seus trajetos e deslocamentos que só podem ser lidos em termos de quantidades entre as representações.

Sem perder de vista seu fundamento, utilizamos a *Interpretação dos Sonhos* (1900) como um marco, inserida num espaço de realidades psíquicas e neurofisiológicas que persistem em sua produção teórica. Daí decorre o valor energético em seus postulados, com toda sua pregnância quantitativa, como um princípio móvel emprestado para as representações.

Se por um lado, *o Projeto* (1895) é descrito como um conjunto de hipóteses neuronais, a *Interpretação dos Sonhos* (1900) por outro, especialmente o capítulo VII, haveria uma reformulação dos caracteres, uma virada terminológica que trataria deste momento em diante, de representações investidas, deslocamentos e condensações.

Entretanto, estas reformulações terminológicas não excluem as hipóteses precedentes, como veremos. Para alguns comentadores da psicanálise a mera substituição de

nomenclaturas traria legitimidade às objeções de tudo aquilo que se encontra mais além de um campo exclusivamente psicológico da teoria, visaria ao detrimento da mítica neurológica. Segundo esta perspectiva a substituição de conceitos encontrados no *Projeto* (1895) para o uso crescente de metáforas psicológicas em conceitos posteriores atestaria ao abandono progressivo desta inspiração implícita, cada vez mais distante, de um Freud baseado em pressupostos materiais.

Stranche (1966) em sua nota bibliográfica na *Standard Edition* admite que em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) encontra-se boa parte do esquema teórico do *Projeto* de 1895, ainda que haja uma substituição mais psicológica dos conceitos. A título de exemplo, verifica-se que o outrora “sistema de neurônios” fora transposto por “sistemas psíquicos”, o conceito de “*Q*” migrou para “investimentos de energia psíquica” e o “princípio de inércia” fora substituído por “princípio de prazer”. Já outros comentadores, como Octave Mannoni (1968/1990), identifica uma passagem menos progressiva dos conceitos neuronais. Segundo a interpretação do autor, houve uma transposição radical do Freud neurologista para o metapsicológico, envolvendo uma substituição das noções fisiológicas por dois pilares conceituais que demarcam o campo da psicanálise: a representação e o desejo.

De acordo com ele, o modelo psíquico a partir da *Interpretação dos Sonhos* (1900) seria dotado de conceitos mais abstratos e psicologicamente condizentes com o aparelho representacional. Daí a categorização, compartilhada por muitos comentadores, de que a obra de 1900 inauguraria o primeiro texto psicanalítico propriamente dito.

Entretanto, uma análise mais atenta dos textos contradiz estes argumentos, especialmente quando as propriedades elementares e funcionais do sistema nervoso são importados *no modus operandi* do aparelho psíquico, incluindo noções basilares da neurofisiologia como: os neurônios, a facilitação, a circulação da excitação, etc. Como podemos claramente identificar na *Interpretação dos Sonhos* (1900):

Insisto tão-somente na idéia de que a atividade do primeiro sistema- ψ está orientada para garantir a livre descarga às quantidades de excitação, enquanto o segundo sistema, por meio das catexias que dele emanam, consegue inibir essa descarga e transformar a catexia numa catexia quiescente, sem dúvida com uma elevação simultânea de seu nível. Presumo, portanto, que sob o domínio do segundo sistema a descarga de excitação seja regida por condições *mecânicas* muito diferentes das que vigoram sob o domínio do primeiro sistema. Depois que o segundo sistema conclui sua atividade exploratória de pensamento, ele suspende a inibição e o represamento das excitações e lhes permite serem descarregadas no movimento (FREUD, 1900/1996, p. 625-626. Grifo nosso).

Freud está reiterando em 1900, que os processos psíquicos secundários envolvem alterações *mecânicas* distintas, tanto para a distribuição, quanto para o escoamento da

excitação. Esta alteração de caráter mecânica foi longamente tratada em as *Afásias (1891)*, conforme veremos. Portanto, restringir seu aparelho psíquico numa perspectiva definitiva seria impossível.

Sobre o estatuto energético destaca-se, inclusive, tudo aquilo que sob as palavras de Monzani (2014) é reafirmado, como “um dos pilares fundamentais da teoria de Freud, não algo estranho à essência do discurso analítico; portanto, não foi nem por inércia teórica nem por ingenuidade filosófica ou epistemológica que Freud manteve e sustentou esse arcabouço teórico” (2014, p. 79). Por outro lado, oscilando entre a recusa e a aceção de abordagens energéticas no interior da obra, o autor observa que há um progressivo interesse de Freud em investigar as noções do sentido, em detrimento de uma roupagem mecanicista de onde partia.

Mesmo que não haja qualquer contradição epistêmica, estamos longe de negar um problema que, aliás, demonstra-se excessivamente atual e que Freud assume, com modéstia científica, adotando uma posição claramente definida quanto as suas bases neurofisiológicas:

Diz respeito a coisas já tão remotas dos problemas de nossa observação e de que possuímos tão escasso conhecimento, que é ocioso tanto combatê-la quanto utilizá-la. (...) Como não podemos esperar até que outra ciência nos apresente as conclusões finais sobre a teoria dos instintos, é bem mais adequado procurarmos ver que luz pode ser lançada sobre esses enigmas biológicos fundamentais por uma síntese dos fenômenos psicológicos (1914/2010, p.22).

Afinal, como que esta dinâmica energética coabita ou transforma-se em fenômeno mental? Não deixa de apaziguar-nos o fato de ser um problema longe de ser esclarecido. Aliás, verificamos a pertinência das questões freudianas que coincidem com um desafio crescente nas ciências cognitivas, e de tudo aquilo que é reconhecido na neurociência atual como o “problema de ligação” (SOLMS, 2002, p.74. *Tradução nossa*).

Para tornar ainda mais espinhosa à questão, Monzani (2014, p. 73) afirma, com um tom de bom humor, que ambas as teorias – a do mecanicismo energético e a do sentido – “não se dão muito bem”! Portanto, quais são as consequências deste diálogo que Freud ousou, como ninguém, aproximar? Ainda que Freud assumia não ter resolvido o problema, e inclusive delegado para as gerações futuras suas respostas, já intuía a existência de bases químicas para as diferentes pulsões:

(...) devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais. (FREUD, 1914/2010, p. 21).

Não podemos perder de vista que a problemática reside, justamente, na concepção freudiana que envolve a transformação da energia endossomática em energia psíquica que, reconhecida ou não, apontará sempre sua origem e coabitação no modelo mental freudiano.

Não obstante, através de uma visão mais atenta, vislumbramos no interior do cenário psicanalítico atual uma teoria cindida. Esta recusa da abordagem energética levou o lacanismo a reconhecer em Freud apenas uma metade, a outra, aquela do ponto de vista afetivo e econômico, destinado nas palavras de Green (1975, p. 11-2), “a total desconsideração”.

Esta virada de paradigma coincide com um apelo objetivista próprio do séc. XX, e que a psicanálise escamoteou gradativamente, conforme veremos. Entretanto, é deste paradigma que reconhecemos como uma ontologia freudiana que pretendemos resgatar em nosso trabalho, onde “a originalidade de Freud estaria exatamente em fazer do inconsciente o ponto de junção entre o sentido e a força”. (MONZANI, 2014, p. 87).

Neste enquadre, ao articular sua complexa e gradativa progressão, o sentido revela-se como um resultado de uma longa trama global do sistema nervoso, envolvendo fatores biológicos e psíquicos. Como forma de tratamento, estas operações efetuadas como modulações quantitativas entre a memória e a percepção consciente, resultarão no material fornecido ao psicanalista: a evocação de uma lembrança, um lapso, um sintoma, um afeto, que sempre se apoiará num desejo histórico a ser reconstruído. Este fato não desconsidera as hipóteses constitutivas do aparelho, a tudo isto que Ricoeur (1965, p. 96) define, como “o problema da explicação. É nestes termos, emprestados de Ricoeur que Monzani (2014, p. 101) utiliza para distinguir, por pura convenção didática, o modelo hermenêutico de um lado, aquele das interpretações, do sentido e da história do indivíduo, e o energético e a força, de outro. Este último, sempre assegurado num arcabouço mecânico-energético para a mente. A toda esta subestrutura neurofisiológica que justifica seu funcionamento: *a explicação*.”

Ao contrário de Ricoeur que aposta em duas epistemologias radicais no interior da obra, Monzani (2014) aposta numa coexistência mútua entre estes dois níveis, coabitando epistemológica e funcionalmente no interior do modelo. Uma subordinação recíproca entre o sentido, segundo o qual emerge a interpretação, e a explicação material como seu fundamento.

Sob a exigência de um modelo explicativo para a representação freudiana, Ibasciati (2018, p. 152), também considera que Freud recorre às deduções especulativas da metapsicologia como um fundamento adequado à proposta empirista da clínica. Esta posição é também aceita por Fulgencio (2018, p. 34) que reconhece no investigador Freud, a

necessidade de um modelo explicativo que condiz com sua formação intelectual. Ainda segundo o autor, esta abordagem quantitativa das forças corresponde a este campo descritivo necessário, uma base explicativa material, onde seu uso é justificado como medida auxiliar.

Fulgencio (2018, p.64-5), se ampara em Green (1995) e Assoun (2000), afirmando que mesmo reconhecendo os limites da metapsicologia, consideram-na como uma fonte inigualável. Por esta razão, há motivo suficiente para revisitá-la e ampliá-la.

Hanns (1999, p. 37), tradutor e autor de inúmeras obras sobre a linguagem freudiana, define o modelo freudiano nestes mesmos moldes, como uma tentativa de correspondência intrínseca entre o mundo das ideias com a fisiologia pulsional.

A epistemologia freudiana, portanto, perfaz este espaço entre a filogênese e o adquirido, reconstruindo o local onde o *Eu* freudiano coabita. Embora persista uma crença fortemente arraigada de que há duas psicanálises: uma delas a dos sentidos, interpretativa, psicológica e humanística; e a outra, a de compromissos bioenergéticos, fica patente neste par de oposições extremas que qualquer tentativa de aproximação e diálogo nestes polos levante cautelas, acirradas suspeitas, quando não menos, fomentem teorias controversas e duvidosas.

Ainda que a abordagem energética envolva a mesma persistência de Freud nestes postulados, mesmo que sob as mais duras penas, já seria um fato que por si só deveria minimizar a objeção daqueles que insistem em afirmar que a teoria psicanalítica seria verdadeiramente pura apenas quando se extirpasse os neurônios e as quantidades físicas de seus constructos. Buscaremos, portanto, relativizar a distância entre ambas, acompanhando a formulação das teses freudianas a este respeito.

2.2 A ATUALIDADE DA PSICANÁLISE: UMA DIVERGÊNCIA PARA O INCONSCIENTE

Se outrora os embates filosóficos entre o idealismo e realismo são expressos na ciência moderna através dos dualismos mente-cérebro, Freud anuncia desde os textos inaugurais de sua teoria – tal como em *Sobre as Concepções das Afasias* (1891) e em *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1895) – a representação como o produto de um processamento neurofisiológico complexo que vai desde as bases endossomáticas à memória, intercambiando e discriminando estímulos na percepção consciente. Neste sentido, o modelo representacional freudiano superaria as antinomias herdadas do pensamento cartesiano, como

também forneceria o desvencilhamento teórico do fisicalismo cerebral. Deste modo, o aparelho psíquico freudiano passa a ser, com efeito, tributário desta ontologia.

Na atualidade, as pesquisas neurocientíficas após o fim dos anos 90 impuseram um diálogo cada vez mais crescente nas relações entre psiquiatria, psicologia cognitiva e psicanálise. Conforme Bocchi (2010) salienta, esta aproximação interdisciplinar reflete duas necessidades: a de um lado, incluir os dados subjetivos no estudo da mente, e de outro, compreender as relações entre mente e cérebro.

Sendo a linguagem uma função de destaque na psicanálise, contribuiu-se, ao longo do tempo, para que muitos teóricos contemporâneos privilegiassem as representações mentais em oposição ao estrato biológico no modelo psicanalítico (BIRMAN, 1999).

Winograh (2013, p.11-24) no prólogo de sua obra apresenta-nos uma revisão histórica sobre os possíveis modos de articulação entre os saberes advindos do espírito, os dados obtidos da clínica psicanalítica, e a de outro, de origem natural, de contornos claramente neurobiológicos. A autora realiza uma varredura epistemológica das leituras efetuadas pelos pós-freudianos a este debate.

Ernest Jones(1953) e James Stranchey (1966), por exemplo, concordam que para Freud não havia uma conclusão definitiva entre a psicologia e a neurologia de seu tempo, e que a fronteira entre ambas as áreas deveriam permanecer claramente delimitadas.

Há também aqueles que apostam numa abordagem mais radical, como Peter Amacher (1965), que é considerado como uma das referências clássicas na exclusão da psicanálise como estatuto de ciência. Para Amacher, os postulados neurológicos apresentados por Freud são, quando não equivocados, considerados ultrapassados, e o fato de seu modelo psíquico estar apoiado nestes frágeis paradigmas, condenaria a psicanálise ao total descrédito e esquecimento.

Neste contexto, optamos por acrescentar um viés alternativo para a compreensão do cenário psicanalítico atual. Esta acepção implicaria na dissociação radical das considerações biológicas e manteria preservada sua ciência do espírito. Esta substituição envolveu uma migração da hermenêutica a outro paradigma, neste caso, a do estruturalismo francês e da lógica formal. Deste modo o psicanalista francês Jacques Lacan vinculou a psicanálise com um paradigma próprio de seu tempo, mais higienizada de toda a maturação biológica-cerebral e substituindo o desenvolvimento energético/afetivo para uma linguagem formal, como veremos.

Para outro grupo, o limite que separa a psicanálise das neurociências é menos evidente. Ao reconhecer os dois afluentes – fisiológicos e ideativos – com uma origem comum, estes autores situam a psicanálise num campo absolutamente natural, tal como Freud concebeu. Neste programa, Frank Sulloway (1979) inauguraria um movimento de que a teoria psicanalítica deveria ser lida como uma síntese entre biologia e psicologia e, como tal, designada como uma espécie de psicobiologia sofisticada. Suas ideias foram duramente criticadas, especialmente por aqueles que defendiam uma leitura exclusivamente humanista da teoria.

Destá vertente psicobiológica, os nomes Karl H. Pribram e Merton M. Gill (1976) são referências obrigatórias. Estes autores defendem que os postulados neurobiológicos da psicanálise estariam adequados aos critérios científicos contemporâneos. Um fato marcante que estes comentadores destacam é de uma possível tradução do *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 nos termos da Teoria da Informação dos anos 70. Para eles, a metapsicologia deveria ser lida como uma criptoneurologia, uma espécie de teoria cognitiva completa e requintada. Além do mais, os autores afirmam que os princípios reguladores apresentados no *Projeto* (1895) e na metapsicologia freudiana, articulada aos avanços da Teoria da Informação, poderiam oferecer uma compreensão mais adequada à neurofisiologia moderna, considerando que as formulações pertinentes aos mecanismos da memória, da atenção, da consciência e dos processos de pensamento seriam relevantes aos estudos da psicologia cognitiva.

Já para os autores como Solms e Salling (1986), não fora o *Projeto* (1895) que merece lugar de destaque nas formulações neurológicas de Freud, e sim, a monografia sobre as *Afásias* de 1891. Neste manuscrito, Freud estabeleceria de modo mais adequado as relações entre a psicanálise e a neurociências, fundamentando, inclusive, o conceito de representação freudiana, como um marco de sua psicologia. Já o *Projeto* de 1895, a luz destes autores, deveria ser lido como um texto eminentemente psicológico, onde Freud formularia grande parte de seus constructos psicanalíticos vindouros.

Do contrário, James Strachey (1966) e Jones (1953) reconhecem no *Projeto* (1895) um manuscrito puramente neurológico que, em virtude destes contornos, fora engavetado pelo próprio autor, até ser redescoberto em meados dos anos 50. Entretanto, estamos de acordo com Winograd, (2013, p.155) que afirma que por maior que seja o esforço por categorizar o *Projeto* num texto psicológico ou neurofisiológico, sua complexidade não o permitiu. Seu

modelo de funcionamento entrecruza noções de ambas as áreas simultaneamente, oscilando termos tanto da neurologia, como também, da psicologia.

Já na literatura psicanalítica atual, ficam evidentes as resistências com relação a uma revisão metapsicológica em Freud que, ao seu modo, utilizou as ferramentas de seu período, indicando a ligação, limites, e necessidades de ampliação sobre a causalidade entre fenômenos orgânicos e psíquicos.

Segundo Thá (2007, p. 41), ao sustentar que a teoria do aparelho psíquico freudiano está estruturada como uma teoria semântico-cognitiva, afirma que: “o modelo mental freudiano pode ser considerado uma grande síntese que conjuga as noções advindas da tradição epistemológica da filosofia moderna e as noções forjadas pelos fisiologistas do sistema nervoso”.

De acordo com o autor, as primeiras obras freudianas de cunho propriamente psicológicos, como a *Interpretação dos Sonhos* (1900), *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) e *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905), vêm demonstrar as formações do inconsciente a partir de uma dimensão semântica claramente cognitivista, tais como: a análise das associações livres de sonhos, atos falhos, chistes e sintomas. Estas formações permitem uma chave de leitura interpretativa suportada no campo do discurso e da linguagem.

Ainda que o aparelho psíquico freudiano conjugue, ao mesmo tempo, uma teoria do pensamento e uma teoria da linguagem, seu duplo alcance fora relegado entre os pós- freudianos que buscaram privilegiar os conceitos biológicos em demérito das produções semânticas.

Foi esta razão que, já no início da década de 50, o médico e psicanalista francês Jacques Lacan deu início a um movimento que propunha uma releitura do inconsciente dissociado de toda a noção maturacional e biologicista.

Ao estabelecer os fundamentos teóricos do modelo de mente no campo da linguística e da antropologia estruturalista francesa, a versão lacaniana de psiquismo reabre o debate ontológico na psicanálise, reposicionando o modelo mental numa outra dialética corpo/mente (ZAFIROPOULOS, 2018).

Nesta perspectiva, as funções psicológicas, suportadas no conceito de representação, tal como Freud designou, sofrem amplas modificações ao incluir o formalismo lógico, a linguística e a matemática no modelo e ensino lacaniano.

De acordo com Thá (2007), Lacan não foi buscar na psicologia *behaviorista* e tampouco no funcionalismo – vertente duramente criticado pelo psicanalista francês – a chave de leitura necessária para sua releitura dos textos freudianos, mas sim através dos paradigmas formalistas que estavam em pleno vigor na França do séc. XX.

Foi no estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure e Jakobson, como também da antropologia de Levi-Strauss, que Lacan propõe uma equivalência conceitual entre a representação freudiana com o significante saussureano. Considerando algumas modificações da linguística saussureana – especialmente no que tange a noção de significado – Lacan dissocia toda a dimensão psicológica da representação, para o modelo formal através das noções do simbólico, do imaginário e do real.

Como podemos notar, a assimilação das abordagens utilizadas por Lacan é decisiva para o destino da psicanálise e, em especial, a todo o desdobramento ontológico que a leitura implica, pois é na categorização de um formalismo simbólico, cujo campo está organizado exterior ao indivíduo, que o sujeito lacaniano se constitui.

Não é por acaso que a releitura do modelo freudiano coincide com as mudanças de paradigmas sobre a natureza do mental no início do século XX, em especial às escolas da filosofia analítica e continental (MIGUENS, 2008). Há uma clara substituição dos paradigmas psicológicos e de cunho biologista para as vertentes funcionalistas, estruturalistas e formalistas da mente. A matematização de sistemas executivos e operacionais da computação contribuiu enormemente para esta forma de ler os processos de pensamento e da linguagem. Neste contexto buscou-se distanciar das formulações psicológicas, afetivas e biológicas que anteriormente eram abordadas em sua dialética excitação/imagem. A representação de natureza perceptiva e imagética é substituída por matematizações, fórmulas e equações simbólicas em cadeia. A psicanálise também não passaria imune a estes novos ares, Miller (1988), por exemplo, ao apresentar o registro simbólico lacaniano conceituado como o Outro, refere-se a esta organização como um sistema formal, composto por elementos em cadeia combinatória, cuja relação de elementos opositivos – concebidos como significantes – propõe uma base não substancial, abstrata e desnaturalizante.

A memória também passa a ser redutível a uma ordem simbólica, isto é, uma combinação lógica que é constituída através de pares de oposição entre os significantes. A título de exemplo, Freud concebia a representação em termos de facilitações neuronais na memória “*Bahnung*”, por onde a quantidade da excitação modifica – funcionalmente – o tecido cortical. A constituição destes traços mnêmicos está baseada na passagem que envolve

a modulação (variação de intensidade) e repetição do estímulo fisiológico, a saber, endógeno. Lacan em sua releitura converte a função da excitação para um simples encadeamento simbólico: "Bahnung evoca a constituição de uma via de continuidade, uma cadeia, e penso mesmo que isso pode ser aproximado da cadeia significativa (...) um elemento associativo, combinatório (LACAN, 1959, p. 53-80).

Enquanto no primeiro modelo destaca-se a intensidade da excitação endógena – de origem biológica – para imprimir a rede do córtex, o segundo privilegia a lógica combinatória, adjacente à estrutura da linguagem. Veremos que Freud também teoriza um processamento lógico em cadeia para os processos de linguagem, mas apenas em outro período do desenvolvimento psíquico e, a partir de outro paradigma que suportará a variação das quantidades para as funções do pensamento e da linguagem: o processo secundário.

O que nos interessa salientar é que o paradigma estrutural em Lacan, e seu conceito de *Outro* como uma instância simbólica apontam para uma lógica formalista. É deste *Outro* como uma dimensão terceira e desencarnada que se atribui a função de instaurar os pares de oposição e fundar o sujeito. Isto significa que o advento do sujeito lacaniano passa a ser redutível a uma função, cujo campo é abstrato e formal.

Por outro lado, a leitura dos pós-freudianos baseados nos pressupostos biológicos se justifica pelo enquadramento teórico que Freud utilizou para suas hipóteses. Neste modelo, as bases filogenéticas e biológicas da representação podem também explicar os fenômenos ideativos e os da linguagem, e não excluí-las.

Com efeito, se os pós-freudianos haviam adotado, por um lado, uma redução aos determinantes biológicos e evolucionistas, por outro, o cenário psicanalítico atual reduz os processos psíquicos aos determinantes lógicos e formais de cunho estruturalista (THÁ, 2007, p. 33).

Neste vetor epistemológico, o quantum de afeto é substituído por um dispositivo metafórico, cujo operador conceitual é referido como uma indicação semântica encadeada por operações formais, e não como um elemento orgânico que urge da sensibilidade. Esta perspectiva é compartilhada por Widlöcher (1986) onde o sentido e a força, o aspecto econômico, são concebidos em termos de uma estrutura de linguagem.

Em oposição, o fator quantitativo na obra freudiana articula a dimensão fisiológica dos afetos como uma prescrição para sua teoria do pensamento e da linguagem. Ao seguir uma abordagem biológica para a mente, Freud congregou um conjunto de campos diversos que vão desde as teorias evolutivas, desenvolvimentistas e neurobiológicas capazes de

estabelecer um anteparo epistemológico comum entre estas teorias: o naturalismo. Portanto, estamos de acordo com Bocchi (2010, p.17) de que as hipóteses biológicas do *Eu* em Freud ocupam um lugar central neste diálogo, tanto epistêmica como contemporânea. Nesta perspectiva, a autora levanta uma importante questão: seria a contribuição do aparelho psíquico freudiano capacitado a se oferecer como uma nova biologia da mente?

Na contramão desta reivindicação, a aceitação atual deste arcabouço proeminente biológico do freudismo conduziu a uma espécie de corte ontológico no interior da teoria psicanalítica. Portanto, com o objetivo de minimizar a distância, buscaremos revisar historicamente os fundamentos do aparelho psíquico freudiano e retomar suas bases constitutivas e gerais com base no quantitativo. É deste fio condutor que buscaremos reivindicar, por direito, um Freud neurofisiologista sempre presente em seus conceitos.

Pois, ainda que os fenômenos históricos constituíssem a base das investigações freudianas, foi na construção de concepções anatomofisiológicas para a representação que o autor encontrou, em muitos aspectos, as hipóteses necessárias para reformular as dicotomias entre monismos e dualismos no interior da teoria. Vale ainda reiterar que na proposta de representação psíquica, tal como Freud a concebeu, que reside à ambição freudiana para um modelo cujo estatuto venha ocupar-se no campo das ciências naturais.

2.3 UMA REVISÃO HISTÓRICA SOBRE O PROBLEMA MENTE E CORPO NO SÉCULO XIX

No ano de 1795, o astrônomo real da Inglaterra, Nevil Maskelyne, percebeu que as observações feitas pelo seu assistente pessoal registravam um intervalo menor, cinco décimos de segundo, em comparação com as suas próprias anotações. Mesmo diante das muitas advertências, as discrepâncias entre os observadores só aumentavam, culminando em até oito décimos de segundo com relação ao renomado astrônomo.

Vinte anos mais tarde, motivado pelos incontáveis desacordos entre astrônomos experientes, o incidente fora investigado por Friedrich Wilhelm Bessel, astrônomo alemão, interessado em erros de medida. Ao final de sua pesquisa, Bessel concluiu que as variações de imprecisão eram influenciadas por aspectos subjetivos, das quais não se tinham controle (SCHULTZ; SCHULTZ, 1992, p. 56-57).

Esta importante descoberta, indica dois fatos sumamente importantes para a ciência: primeiro sobre a natureza do observador humano, e segundo, da influência das condições pessoais e subjetivas para as outras ciências, principalmente aquelas que se apoiam na observação.

A disparidade entre a percepção humana e a natureza sempre orientaram o espírito filosófico e científico. Locke e Berkeley, por exemplo, afirmam uma não correspondência exata entre a percepção e o objeto, considerando a interação entre ambos uma adoção privada do indivíduo sobre o mundo.

Os conhecimentos obtidos da fisiologia que congregam os mecanismos da sensação e dos órgãos dos sentidos tornaram-se pontos de interesse crescente na ciência do século XIX, principalmente, mediante as investigações dos mecanismos relacionados às estruturas de aquisição, armazenamento e transmissão da informação nervosa.

Conforme consta na elaborada tese de Pandovan (2018), a partir de 1850 as investigações sobre as influências mútuas entre as propriedades nervosas e o ambiente impuseram uma virada no cenário científico que contradiziam a dicotomia entre o inato e o adquirido. Segundo o autor, a evolução do conhecimento sobre a relação mente e cérebro foi influenciado graças às pesquisas de Benedikt-August Morel, na França, versando sobre uma constituição patológica adquirida; e por Karl Kahlbaum, na Alemanha, que apresentava noções mais dinâmicas para a doença mental. Kahlbaum, inclusive, chegou a afirmar que a orientação etiológica deve ser rastreada na própria história do desenvolvimento da doença. Esta mudança paradigmática que passa a reconhecer um desenvolvimento progressivo, tanto ontogenética quanto filogeneticamente, produzirá um grande impacto nas pesquisas sobre o sistema nervoso, anunciando uma compreensão menos estática para a relação mente e corpo.

Falar de neurociência no século XIX envolve, portanto, um amplo espectro de atividades e métodos. Embora, já na metade deste período podemos descrever duas grandes abordagens experimentais que se destacaram: 1) o lado anatomofisiológico, que versava sobre a natureza, condução e manipulação das excitações – o aspecto quantitativo e citológico dos impulsos nervosos; e do outro, 2) a doutrina localizacionista, suportada na estrutura anatomomorfológica do sistema nervoso.

Sob estas duas grandes vertentes repousava a concepção de que os fenômenos psicológicos eram correlatos diretos de funções neurais. Esta equivalência entre conteúdos psíquicos e materiais identificava-se de forma precisa e observável na estrutura nervosa, cujo

paralelismo era regido pelo trânsito direto entre o impulso fisiológico e a estrutura segmentar do cérebro, os chamados centros cerebrais.

2.3.1 Uma neurociência quantitativa

A partir de uma abordagem condutiva dos estudos do sistema nervoso, a fisiologia tornou-se uma disciplina promissora. Sua doutrina ambicionou empreender algumas respostas sobre a interação mente e o corpo com base na relação de duas propriedades funcionais do sistema nervoso: o pensamento e a sensação. Apesar dos grandes predecessores no estudo das estimulações elétricas para as funções cerebrais, Schultz & Schultz (1992) indicam que a fisiologia, como um método experimental, recebeu forte influência do alemão Johannes Müller (1801-1858). Professor de anatomia e fisiologia na universidade de Berlim, Müller propôs a teoria das *energias específicas dos nervos*, onde a excitação ou estimulação de um dado nervo é capaz de produzir uma sensação correspondente. Esta abordagem norteou muitas das pesquisas dos mecanismos do sistema nervoso, além de delimitar os receptores periféricos do organismo.

Outro pioneiro nas investigações da natureza reflexa do estímulo foi o médico escocês Marshall Hall (1790-1857). Em Londres, Hall postulou o arco reflexo como um circuito por onde a excitação nervosa trafega, desde o estímulo até sua descarga. Seu esquema prescrevia uma resposta motora à excitação do nervo. Embora tenha sido descoberto em 1833, através das pesquisas da medula espinhal, seu modelo foi ampliado por Johannes Müller para os reflexos cerebrais:

Assim como o arco reflexo é o elemento atômico do funcionamento fisiológico, a representação (*vorstellung*) é o átomo do psiquismo. Esta noção está presente em toda a tradição alemã pós-kantiana e culmina na psicofísica de Weber e Fechner e na psicologia de Wundt. Este último considerava as representações como unidades mentais compostas por duas formas elementares da experiência: as sensações e os sentimentos. As sensações ocorrem quando os órgãos dos sentidos são estimulados e Wundt supunha uma correspondência direta entre a excitação do córtex cerebral e a experiência sensorial correspondente. Os sentimentos são os complementos subjetivos das sensações, é o que lhe dá qualidade. (THÁ, 2007, p. 36)

O resultado destas pesquisas na comunidade científica já era tão promissor, que o circuito nervoso passou a ser compreendido como um condutor de impulsos elétricos, e “o sistema nervoso central funcionava como uma estação distribuidora, enviando os impulsos para as fibras nervosas sensoriais ou motoras” (SCHULTZ;SCHULTZ ,1992, p.58).

Em 1840, um grupo de jovens cientistas – este formado por Carl Ludwig, Emil du Bois-Reymond, Ernest Brücke e Hermann von Helmholtz, todos ex-alunos de Müller – formou a Sociedade Física de Berlim ambicionando, sob a forma de um dramático juramento, traduzir todos os fenômenos relativos à matéria-viva em termos físicos, ou seja, ligar a fisiologia dos impulsos físico-químicos, redutíveis à força de atração e repulsão, ou ainda, postular a existência de outras forças equivalentes à primeira. Esta lei, sob o vigor de um pacto, seguiria o seguinte enunciado: “as únicas forças ativas no organismo são as propriedades físico-químicas” (1992, p.61). Neste imperativo, destaca-se uma fisiologia baseada na máxima do materialismo, onde os fenômenos mentais se coadunam com as operações fisiológicas.

Um marco decisivo para a fundação da psicologia anunciada neste espírito, ao lado de Fechner e Wundt, foi o pesquisador no campo da física e da eletrofisiologia, Hermann von Helmholtz (1821-1894). Vinculado a Universidade de Berlim, seus estudos sobre a física e a matemática deram origem a uma tese sobre a indestrutibilidade da energia, onde além de outros trabalhos de grande importância, tais como a óptica fisiológica e os problemas acústicos, formulou matematicamente a lei da conservação de energia.

A primeira formulação de Helmholtz sobre os princípios da conservação e transformação da força tinha como objetivo quantificar, mecanicamente, todas as ações da natureza pela via da *intensidade* e da *distância*. Segundo Thá (2007, p.38), dois tipos de energias mecânicas eram definidas na física: a energia livre e a energia ligada (quiescente). A soma de ambas, num sistema isolado, presidiria um tipo de variação específica, designada como constância. Vale destacar que Freud, que havia se formado na escola fisiológica de Helmholtz juntamente com Brücke, vinha de um legado onde as forças vivas e as forças de tensão eram opostas, concebidos por outros autores como energia atual e energia potencial, ou ainda, energia cinética e estática.

Como podemos notar, os resultados obtidos com a intersecção da matemática, e da física com a fisiologia, eram promissores. Estas articulações permitiram a Helmholtz fornecer a primeira medida sobre a velocidade do impulso nervoso motor através da condução do estímulo do nervo motor (entre um ponto e outro), registrada como 27 centímetros por segundo. Curiosamente, e não menos importante de frisar que, ao realizar os experimentos sobre os circuitos de feixes sensoriais em indivíduos humanos, os resultados foram tão discrepantes que Helmholtz abandonou a pesquisa.. Entretanto, suas inúmeras contribuições constituem um importante acervo para a psicologia sensorial, incluindo a imprevisibilidade do

aspecto sensório do ser humano. Além desta, sua escola de medicina consagrou uma tendência inovadora como método de pesquisa, reconduzindo os estudos da estrutura anatômica para a fisiologia, abordando o estudo das funções do sistema nervoso em contraste com o localizacionismo material. Fato este muito relevante para a construção do modelo psicanalítico.

Na manhã do dia 22 de outubro de 1850, ainda deitado em sua cama, Gustav Theodor Fechner (1801-1887) foi surpreendido por uma epifania. Filósofo e médico fisiologista na Universidade de Leipzig, Fechner vislumbrou que a lei que governa a relação mente e corpo era a intensidade, isto é, um valor quantitativo entre uma sensação e um estímulo físico.

Fechner concebeu que a progressão de um estímulo físico pode ser caracterizada por uma amplitude geométrica, enquanto que a sensação (endossomática) segue uma progressão aritmética. Ou seja, os efeitos das intensidades do estímulo não são absolutos e sim, relativos à quantidade de sensação que já existe. Esta revelação demonstrou que a qualidade mental, como uma sensação, depende da quantidade diferencial da sensibilidade. Empiricamente, isto significa utilizar-se de uma medida física para a progressão experimental da sensação psicológica. A intensidade, sensório-física, portanto, torna-se-ia à base para a compreensão da mente.

A este propósito, Fechner concebeu uma topografia para a mente, comparando-a com a estrutura de um iceberg, onde uma grande parcela de sua composição estava oculta sob a superfície, suportada por *forças* não observáveis.

A psicofísica de Fechner, tão exaltada por Freud, tornou-se uma vertente de pesquisa derivada deste postulado, definida como um estudo sobre o relacionamento entre as propriedades materiais e os estados mentais. Avançando com suas pesquisas, Fechner publicou dois ensaios sobre a interação quantitativa entre a intensidade do estímulo físico e a sensação, contrariando o postulado kantiano na obra *Critica da Razão Pura* (1781), de que os domínios da matemática não podem ser aplicáveis ao sentido interno e suas leis. Sua descoberta foi comparável às teses de Galileu sobre a queda dos corpos.

2.3.2 Um modelo caótico e estratificado para a natureza

Um ano antes da publicação de *Elementos de Psicofísica* (1860), Charles Robert Darwin (1809-1882) publicava *A origem das Espécies por meio da Seleção Natural* (1859). A teoria da evolução, que situa o homem no reino animal e expressa a luta do organismo com o ambiente, exerceu grande impacto na psicologia, em especial para o jovem Freud que neste período dedicava-se ao estudo da fisiologia. Na mesma ocasião, impulsionado por seu professor de evolucionismo Carl Claus (1895-1899), Freud encontrou na teoria evolutiva, e nas observações histológicas do sistema nervoso, o trajeto hierarquizado das funções nervosas, o *missing link* entre os animais vertebrados inferiores e superiores.

Estas considerações sobre neoaquisições, em termos funcionais do sistema nervoso levaram Freud, mais adiante, a fundamentar suas hipóteses de fixação e regressão em pleno acordo com suas considerações evolutivas da estrutura cerebral. Estas considerações que versam sobre um desenvolvimento estratificado para o sistema nervoso coincidem com as hipóteses de Ernest Heinrich Haeckel (1834-1919), biólogo e naturalista alemão, tradutor e predicador de Darwin neste período. Haeckel inseriu novas hipóteses na teoria da evolução. A mais notória é a Lei Biogenética Fundamental ou Lei da Recapitulação, onde sugere que a ontogênese recapitularia a filogênese. Ou seja, no curso de sua embriogênese, o vertebrado mais evoluído repassaria, funcionalmente, todos os estágios de seus antecedentes, recapitulando o desenvolvimento da espécie. Esta noção, onde as funções anteriores são aglutinadas e incorporadas nas posteriores, servindo-lhe de material é confirmada por Freud em 1930:

As primeiras fases do desenvolvimento não se conservaram em nenhum sentido; desembocaram nas posteriores, as quais serviram de material. (...) Assim chegamos a este resultado: semelhante conservação de todos os estágios anteriores junto a forma última só é possível no anímico, e não estamos condições de obter uma imagem perceptível desse fato (FREUD, 1930/2010, p. 24).

Outro naturalista de grande influência nas teorias freudianas foi *Jean Baptiste Lamarck*, o qual formulou uma teoria comportamental da evolução em seus esforços de adaptação no ambiente. A teoria de herança de caracteres adquiridos, como proposta por Lamarck também produziu enorme contribuição no espírito desenvolvimentista de sua época, evocando um caráter progressivo na interação dos organismos com o ambiente.

Em meados de 1800, o geólogo britânico Charles Lyell também introduziu a noção evolucionista nas teorias geológicas, afirmando que o planeta passou por vários estágios de estratificação, até alcançar a atual estrutura de desenvolvimento.

Estas observações promoveram uma verdadeira revolução no domínio científico e intelectual, sobretudo na sociedade pós Revolução Industrial, herdeira da maquinação dos processos, das engrenagens e da definição de forças para os sistemas físicos. As ciências da física e da arqueologia também impeliam as noções dinâmicas de inconstância e de instabilidade. Ainda que a natureza estivesse sujeita a alterações e a surpresa, sua organização interna manteria uma perspectiva progressiva e regular com o ambiente.

Nestes moldes, a natureza seria dotada de uma lógica que através do método científico, estaria sujeita à inteligibilidade e a apreensão. Neste viés, o trabalho do cientista seria o de aprofundar gradativamente as camadas mais arcaicas de um dado um fenômeno, acessando e interpretando os caracteres mais inacessíveis à observação. A natureza, concebida desta forma, impele ao investigador a adentrar em níveis cada vez mais complexos de abstração, exigindo modelos teóricos cuja decodificação abarque a estas novas realidades.

Ainda no tocante às forças e às intensidades, o filósofo e educador Johann Friedrich Herbart (1776-1841) – identificado pela noção de inconsciente de Leibniz⁵ sobre as percepções liminares da consciência –, formulou que algumas ideias poderiam ultrapassar o limiar dos sentidos ao alcançarem certos níveis ou somas, assumindo a forma de dados de percepção na consciência. Além do aspecto quantitativo, o modelo de Herbart contemplava uma mecânica associacionista. Por exemplo, para que uma ideia acessasse a consciência, ela também deveria combinar-se coerentemente com as ideias adjacentes. Ideias irrelevantes ou incompatíveis ao conjunto de representações vizinhas seriam inibidas e, portanto, expulsas da consciência. Neste modelo, as ideias seriam capazes de entrar em conflito na efetividade perceptiva. Com o intuito de tornar ainda mais inteligível o trânsito destas ideias, Herbart propôs formulações matemáticas para elucidar a dinâmica das leis que as governam. Este paralelismo entre fenômenos psicológicos e a matematização dos processos foi descrita aos moldes de Kant, que por sua vez, sugeria uma magnitude interna mobilizando as representações, diferenciando-as em representações fortes e fracas (KANT, 2006).

Este esquema foi perfeitamente difundido na psicologia fisiológica do século XIX, e seu método seguiu em comum acordo com o espírito das ciências naturais. Segundo Thá

⁵ No início do século XVIII, o matemático e filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) desenvolveu a monadologia. Sua teoria consiste que as mônadas, são elementos não físicos individuais de toda a realidade. Embora, cada mônada seja designada como um elemento mental, elas poderiam assumir propriedades físicas. Quando as mônadas, submetidas a certos agrupamentos, poderiam converter-se em diferentes graus de percepção. Os diferentes níveis de consciência, portanto, dependiam do grau de combinação das mônadas, o que distinguiria entre percepções conscientes ou inconscientes).

(2007), embora Freud nunca o tenha citado diretamente em suas fontes, a idéias herbartianas eram muito divulgadas nos países de língua alemã no século XIX.

Apesar dos inúmeros problemas em correlacionar os eventos psicológicos, de natureza puramente descritiva, aos processos fisiológicos, a psicologia natural ambicionou converter os processos representacionais numa linguagem mensurável, cuja fundamentação é quantitativa.

Herbart, porém, se situou a meio caminho. Inconformado com a impossibilidade de aplicar o método natural de experimentação para a psicologia utilizou-se da matemática como um meio de lograr acesso à ciência. Seu modelo, suportado no associacionismo, esquematiza a relação entre as representações baseadas no conflito e no *princípio da unidade da alma*. No entanto, Simões (2017, p.21) afirma que o modelo associacionista inglês não oferece, no campo psicológico, uma compreensão de como determinados fenômenos independentes podem unir-se à consciência.

Ao conceber uma multiplicidade de representações passíveis de serem percebidas e outras inibidas, Herbart propõe um Eu fundamentalmente dividido. Não obstante, a cisão herbertiana está suportada numa compreensão metafísica da alma, o que mais uma vez o ligaria a Kant. Ainda que a natureza seja guiada por princípios metafísicos, a matéria estaria sujeita a leis naturais. Em *Princípios metafísicos de toda a ciência da natureza* (1786), Kant comenta que há duas formas de se compreender a matéria e suas relações: 1) o mecânico, como elemento atomista; e 2) o dinâmico, apoiado na noção newtoniana de força:

(...) todas as leis mecânicas supõem leis dinâmicas e uma matéria, enquanto em movimento, não se pode ter uma força motriz a não ser em virtude da sua repulsão ou atração, sobre as quais e com as quais age imediatamente no seu movimento e comunica assim o seu próprio movimento a outra matéria (KANT, 2006, p. 88).

Sob a máxima do espírito newtoniano de matéria em movimento, Herbart propõe sua mecânica de representações (*Vorstellungmechanik*). É, pois, na força de oposição entre as representações que os *quantuns* de intensidade são alterados. A mobilidade das representações, portanto, está regida pela força e pela carga que, em seu estado inconsciente, permaneceria em estado de tendência. Ainda que a dinâmica das representações esteja vinculada à força de oposição, a fonte da energia em Herbart é apoiada em sua metafísica, localizando-a externamente à mente, mais precisamente na alma.

Mesmo que mente e a alma dividam as mesmas propriedades, a mente não pode ser identificada com a alma. Já em Freud, sua origem psíquica vem do corpo, como uma *energia* fluindo das pulsões somáticas ou sexuais.

Neste período especulativo sobre a articulação da *energia* e das demais funções mentais, as teses sobre a atividade e o deslocamento das representações, forneceram a Herbart e ao associacionismo psicológico, um lugar de destaque nos estudos sobre a fisiologia cerebral (ANDERSSON, 1997, p. 42).

Como vemos, estas teorias estratificadas e dinâmicas norteiam as questões sobre a relação da mente e seu recém-anunciado órgão, o cérebro humano. A dinâmica de sistemas tão complexos, caóticos e heterogêneos exige a construção de índices de integração e estabilidade dos elementos. Esta perspectiva passou a ocupar um estatuto nuclear no modelo freudiano, principalmente ao conceber uma unidade abrangente do *Eu* que se desenvolve a partir de um longo e complexo intercâmbio maturativo. Conforme Thá nos informa (2007, p. 36), Freud “é um partidário das teses empiristas de que tudo que está na mente esteve antes nos sentidos”. As representações como complexos tributários da percepção, são registradas no aparelho de memória de acordo com os princípios associacionistas, tal como foram estabelecidos por John Stuart Mill (1806-1876):

Mill considerava que é altamente provável que um estado mental tenha um estado nervoso como seu antecedente e causa proximal. Mas, já que nada sabemos dos estados nervosos, devemos estudar os estados mentais diretamente. Uma vez que naquele momento Mill considerava que não era possível deduzir as leis mentais das leis fisiológicas, a psicologia deveria ser estudada como uma ciência distinta e separada. As leis da psicologia devem ser estabelecidas através de observações e experimentos, mas a relação da psicologia com a fisiologia nunca deve ser desprezada ou desvalorizada. A psicologia deve ser informada pela fisiologia, mas nunca reduzida a ela. (THÁ, 2007, p.43)

Se Mill advogava um paralelismo psicofisiológico, das quais os processos inferiores são inacessíveis à observação, caberia à psicologia, como instrumento de inferência e dedução, lograr através dos efeitos das causas fisiológicas seus correlatos imediatos. Outro filósofo de grande influência para Freud foi Franz Brentano (1838-1917), fundador da *psicologia do ato* que havia dedicado boa parte de seus trabalhos à relação da consciência com os objetos. Ao contrário de Mill, Brentano adotava uma perspectiva menos radical entre a mente e a fisiologia. Mesmo que amparado num estatuto emergentista, fomentava que estas diferentes camadas hierárquicas, com seus elementos atribuídos, não poderiam ser concebidas como correlatos diretos dos processos mais simples. Antes, estes processos mais desenvolvidos deveriam ser entendidos como organizações mais complexas, cujas leis e princípios se distinguem dos primeiros. Ao publicar uma *Psicologia desde um ponto de vista*

empírico (1874), Brentano assumiu uma perspectiva hierárquica-emergentista⁶. O autor não apenas adotara esta abordagem na forma de conceber o desenvolvimento da natureza, como também o fizera em sua epistemologia. Para Brentano, o quadro curricular deveria refletir a natureza e a organização dos fenômenos físicos. As primeiras disciplinas eram ministradas segundo a compreensão dos fenômenos mais simples, ao passo que sua sistemática acompanhava a estratificação e dependência dos primeiros. Os estudos eram ministrados segundo a camada mais elementar, para posteriormente acessar a mais complexa e dependente da primeira, por exemplo: da química para a fisiologia, a anatomia, a antropologia, a psicologia e, por conseguinte, a sociologia. Brentano, por outro lado, manteve-se fiel sobre a organização do sistema nervoso, referindo as camadas e seus elementos de forma independente, ainda que levando em consideração sua origem e dependência fisiológicas.

Outro nome de particular relevância para Freud foi Wilhelm Wundt (1832-1920). Em conformidade com a dependência da psicologia com os processos anatomofisiológicos, Wundt também foi adepto da compreensão – e abordagem metodológica – que imputa à fisiologia aos fenômenos psicológicos. Uma vez que as observações provenientes do funcionamento mental emprestaram-se a lógica fisiológica, como por exemplo, a busca por fibras de associação no tecido cortical derivaram da lógica associacionista. Do mesmo modo, com base nas observações psíquicas e na categorização das perturbações, podem-se oferecer hipóteses sobre as relações do cérebro e de seu funcionamento (Thá, 2007, p.36). Freud confirma este intento ao construir sua teoria pulsional:

Como não podemos esperar até que outra ciência nos apresente as conclusões finais sobre a teoria dos pulsionais, é bem mais adequado procurarmos ver que luz pode ser lançada sobre esses enigmas biológicos fundamentais por uma síntese dos fenômenos psicológicos (FREUD, 1920/2010, p.22).

Como podemos notar, Freud apela que uma “outra ciência nos apresente”, assegurando a psicanálise como objeto de investigação e tratamento psíquico. Seu intento não é reduzi-la a outro campo do saber, entretanto, advoga a favor de uma síntese de conhecimento, um modelo teórico que articule, ao mesmo tempo, processos psíquicos e biológicos a fim de lançar luz aos fenômenos da consciência e do pensamento.

Além das abordagens da psicologia e da filosofia, as duas grandes vertentes da neurologia do séc. XIX que buscavam investigar as funções mentais eram a fisiologia e o localizacionismo anatômico. A primeira, indicando os feixes nervosos e a condutibilidade do

⁶ Crença na emergência das propriedades, onde um sistema é constituído pela soma estratificada dos componentes. Oposto ao reducionismo.

estímulo; e a segunda, a localização dos segmentos nervosos e as suas funções correspondentes. Ambas as perspectivas não eram contraditórias entre si, ao contrário. Mesmo as perspectivas mais dinâmicas da fisiologia compreendiam a mobilidade das excitações a partir de processos verificáveis, inclusive passíveis de matematização.

2.3.3 O localizacionismo corticocêntrico

Sendo Freud adepto ao naturalismo positivista, seus postulados ao longo da obra, remetem aos diálogos, as críticas e as extensões conceituais que se contrapõem a um período onde o funcionamento das funções psíquicas estava sediado num paralelismo de correspondência. Isto significa afirmar que as funções mentais correspondiam analogamente aos processos fisiológicos do sistema nervoso. Metodologicamente, Freud estava inserido num contexto de verificação anátomo-clínica, onde a função do médico seria a de traçar os vínculos entre a localização anatômica e suas respectivas funções. Esta correlação direta que envolvia – em tese – as áreas precisas do sistema nervoso e as funções das quais ele desempenha, só foram possíveis mediante a uma concepção doutrinária muito proeminente do sec. XIX: o localizacionismo cerebral (*Lokalisationslehre*).

Para os estudos da mente esta abordagem estava suportada numa concepção corticocêntrica, onde as funções psíquicas estariam identificadas com a camada mais periférica do sistema nervoso, o córtex encefálico. Nesta vertente, os segmentos da superfície cortical, os centros cerebrais, acomodariam de modo cirurgicamente delimitável – e passível de verificação – às diferentes funções.

Em meio aos desafios de verificação, Clarke & Jacyna (1897) mapearam três grandes vertentes que buscavam teorizar como o sistema cerebral atua. A primeira delas, defendida por Albrecht Von Haller (1708-1777), formula que as funções cerebrais são distribuídas integralmente por todo o órgão. Portanto, não haveria necessidade de recorrer a regiões individualizadas para as funções. A segunda hipótese, a de Franz Joseph Gall (1758-1828) afirma que as grandes subdivisões morfológicas são compostas e independentes. As funções seriam correlatos diretos das suas áreas. Gall ainda considerou que no cérebro humano habitariam faculdades mentais inatas, cujas funcionalidades condizem com a região e o

diâmetro cerebral correspondente. Assim, a dimensão anatômica refletiria as características morais e intelectuais de um indivíduo⁷.

A terceira, defendida por Pierre Jean Marie Florens (1794-1867), opõe-se às hipóteses de Gall, afirmando que as grandes subdivisões cerebrais operariam de modo unitário. Ainda que considere a ligação entre uma função e uma área correspondente, uma ação comum envolveria um trabalho cooperativo de outras áreas cerebrais, o que na prática designaria as funções como um todo integrado.

Não obstante a vertente localizacionista não ficara restrita ao paralelismo sensório-motor. Suas hipóteses foram aplicadas aos diferentes estados mentais, traçando paralelos entre os neurônios e as ideias; entre os feixes neuronais e os estados variados de consciência.

Quando Pierre Paul Broca (1824-1880) apresentou, em 1891, suas teses sobre as afasias motoras à Sociedade Anatômica de Paris, ato posteriormente repetido por Carl Wernicke (1848-1905), agora sobre as áreas sensoriais da linguagem, a doutrina localizacionista foi recebida com renovado vigor na comunidade científica. O ambiente acadêmico era fomentado por novas descobertas, e não demoraria muito tempo para que novas hipóteses fossem inseridas neste espaço entre os processos cerebrais e os fisiológicos.

Entre os anos de 1885 e 1886, Freud rumou à Paris estudar com o renomado neurologista clínico Jean-Martin Charcot (1825-1893) na Salpêtrière. Meia década antes de seu texto sobre as *Afasias* (1891), onde apresentaria algumas das críticas neurológicas mais significativas. Conforme explicita Thá (2007, p. 245), a partir de casos de doenças específicas da neurologia de sua época – em especial, a neurose histérica e a neurastenia – Freud pôde, sob a regência de Charcot, identificá-los, classificá-los e descrevê-los sistematicamente, imprimindo as condições necessárias para a categorização clínica de perturbações sensoriais e motoras em larga escala. Ademais, as escolas francesas de neurologia contrastavam com as abordagens localizacionistas germânicas. Enquanto que as escolas alemãs voltavam-se aos correlatos anatômicos das disfunções, através de procedimentos mais invasivos como as dissecações e as autópsias, as escolas francesas, por outro lado, objetivavam o caráter descritivo das perturbações, submetendo a análise clínica das lesões às categorias sintomatológicas. Estas divergências no método forneciam um ambiente propício para construção de novas hipóteses, como veremos.

Em meio a estas acirradas oposições das escolas, Freud estava diante de um contingente clínico favorável. Contava com um número cada vez maior de observações

⁷Conforme nota 3.

disponíveis, além de uma análise pormenorizada das estruturas e segmentos nervosos. Qualquer que fosse o cenário, Freud tinha a possibilidade de confrontar-se com os limites de ambas as perspectivas. Embora as duas escolas apresentassem abordagens distintas em sua metodologia, as neuroses eram reconhecidas mútua e consensualmente como distúrbios anatômicos em sua origem, seja esta por via funcional, ou ainda, na estrutura do sistema nervoso.

O conceito de lesão funcional proposto por Charcot opõe-se ao termo utilizado por Freud nas *Afásias* (1891). Para Charcot, a lesão dinâmica indica uma lesão física detectável que compromete o funcionamento dinâmico da excitação, como por exemplo, um edema. A ausência de *modificação tecidual detectável post mortem* indicaria uma lesão transitória. Ao sugerir que a histeria estava relacionada a uma perturbação funcional do sistema nervoso, a mesma estaria suscetível à sugestão, tese que permitiu a Charcot construir um método de tratamento para as perturbações histéricas baseada na hipnose.

Freud mais uma vez argumenta sobre a natureza anatomicamente determinada para estes casos: as crises e as paralisias deveriam compartilhar os mesmos padrões das lesões orgânicas, já que as sedes do sistema nervoso deveriam estar sujeitas as mesmas leis, ou seja, afetadas sempre do mesmo modo. Fato que não ocorria com as neuroses. Freud sugere que as disfunções histéricas não coincidem com o funcionamento anatômico e, portanto, deveriam ser buscadas numa outra lógica funcional do sistema nervoso: “(...) o braço comporta-se como se não existisse para as operações da associação. Mas tenho que demonstrar que esta consegue estar inacessível sem estar destruída e sem estar lesado seu substrato material (o tecido nervoso da região correspondente do córtex)” (FREUD, 1893a/1996, p. 236). Neste sentido, Freud articula as relações entre a fisiologia da função, a excitação e a representação, como um dado dinâmico no sistema psíquico e nervoso.

Levando em consideração os anos de convivência com Brücke e a influência empírica que exerceu em Freud, a construção da psicanálise não estaria dissociada da medicina experimental e, menos ainda, dos pressupostos neurofisiológicos. É no epicentro deste conflito teórico-metodológico que Freud se posicionou em franca oposição ao localizacionismo anatômico. A fim de articular a dimensão mental e o sistema nervoso, um nome em especial servirá aos nossos propósitos: o psiquiatra e neuropatologista Theodor H. Meynert (1833-1892), que havia impressionado Freud desde quando era estudante, fora sem dúvida, o maior representante da doutrina. Suas teses de profundo viés organicista para a

mente foram qualificadas como uma espécie de mitologia cerebral, segundo a qual o fator anatômico representava a expressão palpável de um processo psicológico.

A doutrina localizacionista, cujo trabalho Meynert precedia, visava a estabelecer o paralelo direto entre as lesões físicas do sistema nervoso e as sintomatologias clínicas. Segundo Meynert, as funções superiores – tais como o intelecto, a memória, a linguagem e a cognição – estavam situadas anatomicamente na parte superior do córtex de modo segmentado e independente. Esta homologação entre a superfície cortical e as funções superiores era plenamente justificada por Meynert, em virtude de que o tecido externo do encéfalo (a porção mais marginal) ocuparia uma topografia privilegiada para a recepção das impressões sensíveis exteriores (FREUD, 1891/2013, p.68).

Conforme vimos em capítulos anteriores, o modelo biológico está inserido numa abordagem associacionista, compreendendo as funções como um conjunto de elementos simples que, ao combinarem-se, formam estruturas mais robustas e complexas. A descoberta de partículas de transmissão e armazenamento da informação, os neurônios, forneceu a ligação conceitual necessária para estreitar as fibras nervosas à própria concepção de mente. Se o sistema nervoso como uma estrutura material correspondia indiscriminadamente à mente em si, a lógica mais imediata é de que cada neurônio deveria corresponder às ideias. Daí em diante, oferecer hipóteses sobre os fenômenos de pensamento com base numa determinação anatômica era um cálculo ademais coerente. Nesta perspectiva, a investigação ou o tratamento do mental deveria estar baseado na intervenção direta ou indireta, bem como na localização das áreas de recepção e associações ideativas, exatamente como nos processos de armazenamento e expressões da linguagem.

2.4 O FISCALISMO DE CORRESPONDÊNCIA

Recorremos às hipóteses meynertianas sobre a projeção⁸ nervosa, de onde Freud dirige suas principais críticas neurológicas. Meynert em sua tese propõe que a reprodução da imagem corporal no encéfalo se efetuará graças a um conjunto de feixes aferentes de substância branca (do tecido subcortical), que conduziriam as impressões periféricas

⁸ Termo neuro-anatômico sobre a reprodução da imagem corporal no cérebro. Freud, entretanto, advoga em oposição às ideias de Theodor Meynert, da seguinte maneira: apenas na substância cinza da medula espinhal, que existem condições de transmissão das fibras da inervação periférica. Sendo, portanto, mais apropriado denominar de projeção este trajeto dos estímulos via medula espinhal e, de representação, para a reprodução ou reconstrução, da imagem corporal no córtex. (2016, pg.73).

(endossomático) para os centros de armazenamento no córtex. Estes neurônios, responsáveis pela condução da informação, teriam uma proporção equivalente de células corticais receptoras, numa correspondência de 1:1. Isto implica que haveria no córtex uma espécie de espelhamento, ou mapas do corpo a priori, onde as células de recepção corresponderiam à mesma totalidade de feixes nervosos.

O resultado deste paralelismo neuronal é de uma reprodução completa e fidedigna do corpo no encéfalo. As perturbações sensíveis ou motoras daí decorrentes seriam facilmente explicadas por lesões nas vias de transmissão, ou nas células de recepção, responsáveis pelo seu armazenamento (FREUD, 1891/2013, p.70).

Em resumo, esquematizamos o princípio geral de Meynert da seguinte forma: os estímulos que chegam da impressão sensorial são convertidos em excitação; seu percurso seria transmitido diretamente para os centros corticais específicos; células receptoras responsáveis pela associação e armazenamento reconduziriam, pela ação do arco-reflexo, as saídas eferentes.

Se no século XIX o homem era determinado pela sua matriz biológica, a correspondência neuronal para a aquisição da imagem mental eleva a matriz biológica numa verificação precisamente localizável, onde o psíquico reflete *diretamente* sua matriz refletora.

Para Meynert, e os demais adeptos do localizacionismo, a imagem do corpo e a linguagem operam tal como um apêndice alongado, partindo da periferia endossomática até os centros especializados.

Freud contesta a relação entre estes circuitos, já que a correspondência entre um processo fisiológico e seu resultado só seriam possíveis mediante a um centro superior cuja única função seria a de coletar a *excitação (Erregung)* fisiológica que trafega *livre e diretamente*.

Hanns (1999, p. 54) esclarece que a neurofisiologia do século XIX compreende todos os estímulos como uma cota de excitação irritável no organismo. Nada seria mais justificável, em termos de um circuito, de que pela ação do arco-reflexo o impulso seria conduzido pela via mais direta e econômica possível, até os centros corticais. Entretanto, ao subordinar o funcionamento do córtex a esta similitude entre as entradas e saídas sensório-motores, os estímulos estariam condicionados a um mero epifenômeno de correspondência (S-R). Este circuito, segundo Freud, demonstrava-se insuficiente para processos neuropsicológicos complexos, tais como o pensamento e a fala espontânea (FREUD, 1891/2013, p. 45).

Estas considerações são longamente justificadas em *As Afasias* (1891), advertindo para aquilo que seriam as mais “novas conquistas da anatomia cerebral” (FREUD, 1891/2016, p. 70-71), capazes de retificar, em pontos essenciais, a arquitetura cortical e o sistema reflexo propostos por Meynet.

3 UM CÉREBRO PARA A REPRESENTAÇÃO

Freud já afirmara em 1891, que parte de suas teses que envolvem a constituição da representação psíquica e seus processos reguladores do sistema nervoso, estão baseadas nas *novas conquistas da anatomia cerebral* (FREUD, 1891/2013, p. 71). Segundo Kaplan-Solms & Solms (2005, p. 20), este esboço teórico legou a psicanálise freudiana a um lugar privilegiado neste debate mente e corpo, considerando-a, inclusive, como resultado imediato desta discussão.

Freud já havia passado vinte anos de investigação sobre o lado físico desta equação, seu percurso gradual como neurofisiologista acompanhou a complexização das diferentes camadas do sistema nervoso: passou da histologia primitiva do gânglio espinhal de peixes e crustáceos, até ascender – no sentido topográfico do termo – da medula espinhal ao tronco encefálico de diferentes classes de animais, até chegar aos centros superiores do córtex humano. Conforme consta na *carta à Bernheim* (1888), sua capacidade de constatação de perturbações anatomo-clínicas era tamanha que lhe foi conferido proeminente reconhecimento na classe médica como neurofisiologista comparativo, capaz de indicar, com precisão, a correlação sintomática à estrutura correspondente sem o submetimento de verificação *pós mortem*.

Neste período, uma das principais vertentes de investigação da medicina no séc. XIX era o estudo relativo à linguagem, sobretudo o dos distúrbios afásicos que, num sentido lato, são também distúrbios da memória (GONÇALVES, 2004, p. 55). Por esta razão que acreditamos que as afasias e as neuroses não ficaram alheias à atenção de Freud, que passou a especular um princípio causal nestes distúrbios.

Se estas perturbações envolvem o armazenamento e a execução dos elementos constituintes da linguagem, ou ainda, reaparecem sob o aforismo neurótico das reminiscências (FREUD, 1893b, p. 86), estes comprometimentos envolvem a representação na memória como o principal agente destas questões. Ademais, em ambos os casos está ausente qualquer possibilidade de verificação anatômica, assim o método anatomo-patológico demonstra-se incapaz de fornecer subsídios seguros a este respeito. Entretanto, a observação sistemática destas perturbações poderiam fornecer hipóteses sobre seu funcionamento e emprestar as leis que os regem, isto é, as lógicas envolvidas e os processos constituintes:

Ademais, existe o fato, inacessível por meio da compreensão mecânica, de que simultaneamente ao estado de excitação, definível mecanicamente, de elementos

cerebrais específicos, estados específicos de consciência, acessíveis somente através de introspecção, podem ocorrer. O fato real da conexão entre mudanças no estado material do cérebro e mudanças no estado de consciência, mesmo que esse fato seja incompreensível mecanicamente, faz do cérebro o órgão da atividade anímica. Mesmo a natureza da conexão sendo incompreensível para nós, ela não é sem leis e, baseado na combinação entre experiência dos sentidos externos, de um lado, e introspecção interna, de outro, estamos aptos para afirmar algo sobre estas leis. Se uma mudança específica no estado material de um elemento cerebral específico conecta com uma mudança no estado de nossa consciência, então esta também é inteiramente específica; entretanto, ela não é dependente somente da mudança no estado material, quer esta conexão ocorra, quer não. Se o mesmo elemento cerebral passa pela mesma mudança de estado em momentos diferentes, então o processo anímico correspondente pode estar ligado a ele numa ocasião e não em outra. No momento, não estamos aptos a formular melhor as leis que governam isto. Não sabemos se a conexão depende, além da mudança de estado dos elementos considerados, de estados e mudanças simultâneos em outros elementos cerebrais, ou, ademais, se também depende de outra coisa. (FREUD, 1888/1990, p. 62-63)

Esta passagem extraída do artigo *Cérebro*⁹ para um dicionário de medicina geral não pertence ao cânone das obras freudianas. Seu conteúdo acompanha o mesmo debate neuropsicológico encontrado em as *Afásias* (1891). Vale destacar que estes três manuscritos, *O Cérebro* (1888) as *Afásias* (1891) e a *Histeria* (1888), pertencem ao primeiro volume do dicionário de medicina geral, editado por Albert Villaret (1888), onde apenas o artigo *Histeria* fora incluído nas obras completas.

Ainda no artigo *Cérebro* (1888), Freud afirma que os estados de consciência, tais como: a percepção de objeto, a representação de objeto, a sensação de necessidade, são acessíveis apenas mediante introspecção. Já os demais processos estariam fora do alcance empírico. Entretanto, reforça a ideia de que estas atividades mecânicas do sistema nervoso, como a excitação cortical, até os estados variados de consciência, refletem alguma conexão entre estes dois níveis. Muito embora, insuficiente do ponto de vista observável, a busca por uma resolução prática diante das perturbações psíquicas exige um modelo que conecte estes dois polos constitutivos.

Motivado por esta lacuna teórica e metodológica, o teórico apoiou-se na clínica e na neurofisiologia para modelar sua herdeira mais legítima: A *Vorstellung* freudiana. Ainda que esta afirmação soe audaciosa para muitos, lembremo-nos que a representação, tal como Freud a concebe, é inteiramente justificada nas suas teses neurológicas entre os anos 1891 e 1896, conforme veremos. Autores como Kaplan-Solms & Solms (2005, p. 36) confirmam este lugar epistemologicamente aceito para a representação freudiana, onde a psicologia e a fisiologia

⁹Brain.In: SOLMS, M.; SALING, M. *A Moment of transition – Two Neuroscientific Articles by Sigmund Freud*. Londres: Karnac Books/ The Institute of Psychoanalysis, 1900.

não são absolutamente distinguíveis. Sobre estas relações recíprocas de uma concomitância psicofísica, Freud complementa em *O Tratamento psíquico* (1890-1905):

É verdade que a medicina moderna teve ocasião suficiente de estudar os nexos entre o corporal e o anímico, nexos cuja existência é inegável; mas, em nenhum caso, deixou de apresentar o anímico como comandado pelo corporal e dependente dele. Destacou, assim, que as operações anímicas supõem um cérebro bem nutrido e de desenvolvimento normal, de sorte que resultam perturbadas toda vez que esse órgão se enferma; (...). A relação entre o corporal e o anímico (no animal, tanto como no homem) é de ação recíproca; mas, no passado, o outro flanco desta relação, a ação do anímico sobre o corpo, encontrou pouca honra aos olhos dos médicos. Pareciam temer que, se concedessem certa autonomia à vida anímica, deixariam de pisar o terreno seguro da ciência (FREUD, 1890/1996, p. 116).

A introdução de um esquema dinâmico para os distúrbios neuróticos – de pensamento – e de linguagem, converte-se numa arquitetura hipotética para remodelar o problema mente-cérebro. O ponto de partida para suas hipóteses esta em sua tese neurológica, longamente detalhada no texto sobre as *Afásias*. Sua crítica é dirigida, portanto, a uma dupla abordagem de seu tempo: primeiro, sobre as concepções corticocêntricas dos processos nervosos que privilegiam os fenômenos oriundos da consciência e, segundo, das tradições fisicalistas de correspondência que não reconhecem as operações complexas entre o estímulo fisiológico e o seu resultado psíquico¹⁰ (FREUD, 1891/2013, p. 79).

Freud então se opõe a tese meynertiana que estabelece relações diretas entre as duas séries. Alega que a própria disposição anatômica – de condução nervosa – dos seres humanos tornaria improvável, por si só, qualquer significação funcional idêntica. Exemplifica:

Uma fibra do nervo óptico conduz uma impressão da retina até o tubérculo quadrigêmeo anterior; neste, ela encontra uma terminação preliminar, e, em seu lugar, uma outra fibra parte da substância do gânglio rumo ao córtex occipital. Na substância do tubérculo quadrigêmeo, teve lugar, porém, a ligação da impressão da retina com a sensação de movimento do músculo do olho; é, então sobremaneira provável que a nova fibra entre o tubérculo quadrigêmeo e o lobo occipital não mais conduz uma impressão da retina, mas sim a conexão de uma ou mais dessas impressões com as sensações de movimento. Ainda mais complexa deve ser essa mudança de significado das fibras no que tange aos sistemas de condução da sensibilidade da pele e dos músculos; ainda não temos ideia alguma sobre quais seriam aqui os *elementos componentes* do novo conteúdo do impulso conduzido. (FREUD, 1891/2013, p. 76. *Grifo nosso*)

A contra resposta ao argumento de Meynert é de uma complexa modificação quantitativa que ocorre ao longo da periferia somática até o córtex. Ademais, o destino desta

¹⁰ Contra o argumento de uma transposição direta entre o plano físico e o psíquico, Freud compartilha da mesma posição de Hughlings Jackson, citando o neurologista em uma nota: “Em todos os nossos estudos de doenças do sistema nervoso devemos estar atentos contra a falácia segundo a qual o que são estados físicos em centros mais baixos se refina transformando-se em estados psíquicos em centros mais elevados; que, por exemplo, vibrações de nervos sensórios tornam-se sensações, ou que de um jeito ou de outro uma ideia produz um movimento” (Cérebro, n.1, p. 306, in FREUD, 1891/2013, p. 143).

impressão nervosa resultaria numa sobreassociação cortical (*Superassoziation*), cujo processamento final constitui uma representação (*Vorstellung*).

Dado às condições morfológicas e funcionais do sistema nervoso humano, o significado qualitativo de um estímulo periférico é determinado por duas condições: 1) a resistência e redistribuição da excitação no córtex (*associação*) e, 2) a variação de magnitude da excitação (*intensidade*).

Ainda que Freud aborde as alterações de significado do estímulo durante o percurso nervoso, não compreende sua modificação qualitativa como o resultado de uma simples disposição de fibras anatômicas. O autor parte dos novos *elementos componentes* da imagem descritos como *sensações de movimento* para compor a significação do estímulo. Eis o segundo fator, a intensidade, que se vincula às sensações fisiológicas de movimento: as estimulações endopsíquicas na teoria.

Em resumo, o estabelecimento associativo da imagem cortical depende da variação – quantitativa – da condução periférica (endossomática). Freud argumenta: “É possível distinguir no correlato fisiológico da sensação a parte correspondente à sensação da parte correspondente da associação?” Ao que em seguida responde: “Certamente, não! Sensação e associação são dois nomes com os quais recobrimos diferentes aspectos do mesmo processo”. (FREUD, 1891/2013, p. 80).

Ao seguir sua linha de pensamento, Freud passa a especular o processamento em termos sobreposicionais, isto é, integrando funcionalmente a associação e a sensação de modo dinâmico por todo o córtex. Recusa-se assim, colocar a representação em um centro cerebral específico e a sensação em outro.

Trata-se, por fim, de um processamento do sistema nervoso, cuja natureza da excitação se expande da periferia endossomática por todo o encéfalo. A distribuição (associação) e sua variância (excitação) serão o correspondente neurofisiológico envolvido, capazes de produzir uma modificação funcional no tecido cortical, as chamadas facilitações (*Bahnungen*). Esta arquitetura neurológica persistirá ao longo do *Projeto* de 1895, reaparecendo, inclusive, na *Interpretação dos Sonhos* (1900), e persistindo com vigor renovado nas produções posteriores:

Evitaremos qualquer abuso desse modo de figuração (*Darstellungsweise*), se nos lembrarmos que representações, pensamentos e formações psíquicas em geral não podem ser localizados nos elementos orgânicos do sistema nervoso, mas sim, por assim, dizer, *entre eles*, onde resistências (*Widerstände*) e facilitações (*Bahnungen*) formam seus correlatos correspondentes. (FREUD, 1900, p. 579. Grifo nosso)

De acordo com Freud, quando uma corrente de excitação cujo comportamento é baseado por repetições e intensidades, ultrapassam as resistências da superfície cortical, sua estrutura sofreria uma modificação funcional permanente, uma facilitação mnemônica. Este fato, por si só, resultaria numa complexização das vias diretas propostas por Meynert, instaurando uma modificação no curso da descarga. Esta condição embasaria neurologicamente uma não correspondência entre o estímulo sensorial e seu resultado psíquico. Uma dissociação progressiva entre o corpo e o psíquico; i) a excitação e a imagem; ii) o afeto e a representação.

Deste modo, a tese freudiana baseia-se num tráfego quantitativo – e não menos subjetivo – para o armazenamento e execução das imagens-lembranças. Não obstante, estas hipóteses econômicas fornecem um quadro patológico para a representação já que esboçariam um ensaio sobre os perigos da evacuação (completa) do estímulo, hipótese que será conceituada na ação primária do sistema nervoso: o princípio de inércia.

Até aqui podemos destacar três premissas neurofisiológicas defendidas por Freud : i) um córtex integrado, como o último estágio da memória; ii) uma corrente de excitação que depende da quantidade de estimulação periférica (endossomática); iii) a redistribuição da variância e da resistência no córtex resultará em facilitações mnemônicas (representações associativas).

Com base nestes textos, obtemos a seguinte equação que persistirá ao longo da teoria: A série de retranscrições no circuito nervoso está vinculada à quantidade de estimulação periférica (endossomática). Lembrando que ao aludir à periferia somática, Freud designa, especificamente, aos feixes mais periféricos do sistema nervoso, cuja carga de excitação é dotada de alta magnitude e grande mobilidade.

Deste modo, a representação, como o último estágio de transcrições, englobaria os elementos constituintes – da periferia somática – de forma caótica e diversa:

Elas contêm a periferia do corpo assim como, para tomarmos de empréstimo um exemplo ao objeto a que estamos aqui nos dedicando – um poema contém o alfabeto, em uma reordenação que serve a outros propósitos, em uma múltipla e diversa conexão entre cada elemento tópico, sendo que alguns podem ser representados várias vezes, ao passo que outros podem não ser representados. (1891/2014, p.76)

Ainda que a monografia de 1891 busque teorizar sobre o processamento linguístico, suas hipóteses gravitam sob o eixo conceitual das representações psíquicas. É sobre este axioma que o autor busca descrever as operações neuropsicológicas envolvidas para a

constituição e distinção das representações. Ao submeter às imagens-lembrança ao tipo de quantidade endossomática, Freud conceitua duas classes de representações que permanecerão relativamente intactas ao longo da obra¹¹.

Elas são: As Representações de Objeto (*Objektvorstellung*) e Representações de Palavra (*Wortvorstellung*) (FREUD, 1891/2013, p.101-102).

A distinção entre ambas é estabelecida segundo: 1) as formas de ligações impostas e, 2) das energias que as atravessam. Vejamos com maior detalhamento:

As Representações de Objeto são constituídas por imagens psíquicas derivadas das periferias somáticas. De natureza interoceptiva, seus processos associativos são designados como complexos abertos e provenientes das mais diversas entradas sensoriais: cinestésica, sonora, tátil, visual, acústica, etc.

Em decorrência de sua aproximação com os processos endógenos, estas representações estão submetidas às grandes quantidades de excitação. Por esta razão são vinculadas conceitualmente aos processos primários cuja descarga tende a uma circulação contínua e intensa. Posteriormente, outro termo será utilizado para designar este tipo de circuito, a livre energia. Por estarem vinculadas a estes processos mais basais, anteriores às abstrações mais sofisticadas do aparelho que dependem de ligação e inibição, este processo é considerado mais precedente do ponto de vista do desenvolvimento.

Já as Representações de Palavra, no entanto, são mais estruturadas do ponto de vista cognitivo e lógico já que sua constituição depende de imagens sensoriais provenientes da palavra, seja esta falada, motora ou escrita, exigindo um mínimo de estimulação periférica, isto é, trabalhar com quantidades de excitação menores. Portanto, os processos de associação (*Assoziationsvorgang*) decorrentes estão em conformidade com as regras lexicais e, portanto, designadas como fechadas. Isto significa que embora as associações sejam capazes de ampliação, as leis que regem seus vínculos são limitadas (léxico). Conforme já citamos, esta

¹¹ Conforme Britto salienta em seu Posfácio (1891/2013, p.158-9), Freud promoveu uma diferenciação na nomenclatura destes conceitos. O que nas *Afásias* (1891) fora denominado como representação de objeto (*Objektvorstellung*), no texto *O Inconsciente* de 1915 passou a ser referido como representação de coisa (*Sachvorstellung*). Neste texto, a representação de objeto fora designada como uma união entre a representação de coisa e representação de palavra (*wortvorstellung*). É desta representação que promoveria uma condição psíquica necessária para o acesso aos sistemas pré-consciente e consciente. Na seção VII do referido artigo, encontramos a seguinte descrição: “Vemos agora que aquela que denominamos de representação de objeto consciente pode se cindir em representação de palavra e representação de coisa. Esta última consiste no investimento se não de imagens mnésicas da coisa, ao menos de traços mnésicos mais distantes e que derivam delas. Agora parece que sabemos de imediato em que uma representação consciente se distingue de uma representação inconsciente: a representação de palavra que lhe pertence; a representação inconsciente é somente representação de coisa”.

abordagem econômica exige que este grupo de representações devem trabalhar com cargas minimamente deslocáveis para lograr um acesso adequado nos sistemas posteriores.

Todavia, segundo Freud, a *Representação-Palavra* conquista seu significado último quando a *Representação de Objeto* é vinculada a ela. Isto significa que o sentido passa a ser tributário à experiência sensível, à coisa. Para o teórico, uma das hipóteses sobre a conexão entre ambas as representações (*objeto e palavra*) é de que estas se encontram na extremidade sensorial do aparelho, por intermédio das imagens de som (FREUD, 1891/2013, p. 103). Esta relação interdependente entre os estados de excitação e o sistema sensorial condicionará toda a dimensão subjetiva para a linguagem. Esta relação entre biologia e a linguagem será retomada, com todo seu viés filogenético, nos *Estudos sobre a Histeria*, conforme veremos.

Anos mais tarde em o *Eu e o Isso* (1923/2011, p. 24-6), Freud amplia este esquema, afirmando que o acesso para a consciência depende da conversão em percepções externas, desde que se respeitem as leis quantitativas que regem seu funcionamento. Desta forma, amplia a exigência teórica de que as representações inconscientes devem ligar-se exclusivamente às *Representações de Palavra*, embora encontrem nas palavras caminhos privilegiados.

Vale destacar que os termos *abertos*, para as imagens periféricas endossomáticas, e *fechados*, para os elementos linguísticos e lexicais, permitem interpretar como Freud se utiliza deste esquema como uma espécie de ensaio teórico para os processos primários e secundários, designados também, como livres e ligados, respectivamente.

3.1 A COMPLEXIZAÇÃO DE REIZ PARA VORSTELLUNG

Ao abordar sua crítica à doutrina corticocêntrica e da não localidade – segmentar – para as funções, Freud estabelece que a relação entre processos fisiológicos e os processos psicológicos não é direta, mas sim de concomitantes dependentes, ou seja, ocorrem simultânea e paralelamente.

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não se encontra, provavelmente, numa relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não se interrompem ao iniciarem-se os processos psíquicos. Ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que a partir de um certo momento, um fenômeno psíquico corresponde a um ou mais de seus elos. O processo psíquico é, assim, paralelo ao processo fisiológico (“a dependent concomitant”) (FREUD, 1891, p. 105).

Portanto, para a cada estado encefálico corresponderia, com diferentes graus de variação, a um estado da alma. Nesta concepção, seriam dois modos de se perceber a mesma natureza, cuja gradação na percepção deriva diametralmente a processos distintos. A oposição ao modelo de Meynert torna evidente uma variação de graus, mas não de natureza quanto à subordinação nervosa. Tratar-se-ia então, dali em diante, de uma complexidade no arranjo psicofísico que poderia resultar, ao completar idealmente seu desenvolvimento, num fenômeno psíquico. Embora esta aquisição corresponda a uma conquista não anatômica, e sim funcional do sistema nervoso para as representações.

É nesta perspectiva que Freud compartilha da mesma explicação de Wernicke sobre a impossibilidade de verificação anatômica dos processos ideativos que, segundo ele “só se poderiam localizar os mais simples elementos psíquicos, ou seja, cada uma das representações sensoriais isoladas” de forma precisa na anatomia cerebral. Aliás, o próprio Wernicke admite, não sem ressalvas, que apenas na terminação central do nervo periférico, responsável por receber uma parcela da impressão, que poderia ser identificada. Como então, complementa Freud enfaticamente, a de incorrer no erro de tentar localizar um conceito, seja “uma atividade inteira da alma (*ganze Seellenvermögen*), seja ainda, um elemento psíquico?” (FREUD, 1891/2013, p. 77-8). Como então empreender tamanha ambição para as grandes atividades psíquicas, estas que correspondem a relações fisiológicas muito mais amplas e complexas? A suposição básica é que, tratando-se de vias funcionais, uma transposição direta é naturalmente injustificada.

Diante deste abismo epistemológico que reconhece, ao mesmo tempo, as correlações anatomofisiológicas de um lado, e ainda admite uma não localidade verificável, de outro: *Qual seria, então, o correlato fisiológico da representação simples que emerge e volta a emergir?*

Claramente nada estático, mas sim algo da natureza de um processo. Esse processo *tolera a localização*, ele parte de um ponto especial do córtex cerebral e se expande, a partir dele, para todo o córtex ou ao longo de caminhos especiais. Quando esse processo se completa, ele deixa uma modificação no córtex cerebral afetado por ele, a possibilidade da lembrança. É bastante duvidoso que essa modificação também corresponda a algo psíquico; nossa consciência não indica nada que justifique o nome de “imagem mnêmica latente” do lado psíquico. Porém, sempre que esse mesmo estado do córtex for estimulado de novo, o psíquico ressurgirá como imagem de lembrança. (FREUD, 1891/2013, p. 79. *Grifo nosso*)

Como podemos notar, esta citação nos revela a natureza substancial da representação freudiana, situando-a num modelo que tolera a localização anatômica, mas não se reduz a ela. Embora muitos comentadores insistam na suposta exclusão das hipóteses neurológicas a partir

de 1900, vemos que seu aparelho psíquico na *Interpretação dos Sonhos* (1900) é inteiramente amparado nas concepções neurológicas da associação e distribuição cortical das *Afásias* de 1891.

Com certo tom de confissão, estas noções são transcritas quase que literalmente pelo teórico em a *Interpretação dos Sonhos* (1900):

Devemos, portanto, assumir que a base da associação reside nos sistemas mnêmicos. A associação consistiria, assim, no fato de que, como resultado das resistências e do estabelecimento de vias facilitadas, uma excitação se transmite mais prontamente de um dado elemento *Mnem* para outro elemento *Mnem* do que para um terceiro. (FREUD, 1900/1996, p. 539)

Deste modo, Freud fornece um esquema patológico das representações suportado na dinâmica e regulação econômica. Abaixo, Freud mais uma vez conceitua a variação quantitativa como uma mudança de propriedade fisiológica:

Tomarei a expressão “lesão funcional e dinâmica” em seu sentido próprio de “alteração de função ou de dinamismo”, alteração de uma propriedade funcional. Uma alteração assim seria, por exemplo, uma diminuição da excitabilidade ou de uma qualidade fisiológica que, no estado normal, permanece constante, ou varia dentro de limites determinados. (FREUD, 1893a/2006, p. 207)

Diante de Charcot, Freud estabelece duas premissas para sua ciência psicológica: i) as perturbações neuróticas são determinadas por conflitos ideativos, e ii) as representações são constituídas e mobilizadas por correntes fisiológicas, *um quantum*.

É deste quadro patológico para as representações que Freud irá conceber dois modos de processamento que se distinguem pela forma como a energia é descarregada nos sistemas adjacentes e posteriores, ou seja, das quantidades que as representações serão submetidas e operacionalizadas no aparelho psíquico e motor. Segundo Caropreso (2006 p.02-03) é possível realizar duas leituras sobre a relação entre a representação e o cérebro nos primeiros textos. Em 1891, no artigo sobre as *Afásias*, a representação é teorizada como um concomitante psíquico de um processo cortical associativo, já em 1895, no *Projeto*, a representação passa a ser o próprio processo cortical. O inconsciente é claramente identificado como um conjunto de processos neurológicos, fora do alcance da consciência. É deste enquadre que Freud propõe que o termo psíquico seja designado apenas a estes processos independentes da consciência, pensando-na como uma pequena parte de processos mais amplos.

Em seu artigo, Bocca (2011, p. 893) enfatiza um modo de se pensar o par consciente/inconsciente que reaparecerá em vários graus de significação ao longo da teoria:

A própria distinção entre representações conscientes e inconscientes, foi dada pela hipótese de que o que promove a distinção entre elas não é seu conteúdo ideacional, mas a clareza e a intensidade delas, que permite seu reconhecimento como consciente ou sua permanência como inconsciente. Quando uma representação alcança certo limiar de intensidade muda de estatuto.

Isto significa que uma qualidade ou atributo do psíquico está submetido ao gerenciamento da energia nervosa pela atenção. Entretanto, vale frisar que o caráter voluntário da atenção não situa a consciência como agente regulador do comportamento ou do próprio psiquismo. A atuação da atenção é estendida a um processo psíquico inconsciente, julgando e acionar as defesas antes mesmo da percepção consciente (FREUD, 1915/2010, p.134). A intensidade da excitação mobilizada pela atenção é o que permitira a mobilidade das representações como fator consciente ou inconsciente. É desta perspectiva que levaria Freud a formular uma teoria da consciência em termos neuropsicológicos.

3.2 A NEUROCIÊNCIA REPRESENTACIONAL DE JACKSON PARA FREUD

Ao abandonar o fisicalismo de correspondência e a fisiologia de Wernicke, o modelo biológico de Freud aprofunda-se cada vez mais na estrutura dinâmico-hierarquizada de Jackson, onde estabeleceu, nas palavras de Binswanger “o liame entre a neurologia e a biologia da função” (1970, p. 74). Embora não tenha recebido maior destaque além das *Afásias*, o neurologista inglês Jonh Hughlings Jackson (1835-1911), citado por Freud em 1891, formula o cérebro em termos dinâmicos e evolutivos.

Isto significa que as diferentes estratificações funcionais do cérebro mobilizam as representações em termos de evolução, regressão e dissolução (*dissolution*). Suas hipóteses sobre os fenômenos afásicos são coerentes com as hipóteses de dissolução funcional para a representação freudiana, tanto no aspecto psíquico, como também, de execução, conforme veremos.

Esta abordagem chamou a atenção de Freud por duas razões: primeiro por conta do aspecto amplamente dinâmico, porém, estratificado do sistema nervoso e, segundo, pela influência do quantum de afeto como fator preeminente para a mobilidade, seja esta para o destacamento ou perturbação da representação. Jackson, ao observar que restos de linguagem eram preservados mesmo após o adoecimento afásico, concebeu que esta ocorrência súbita e inesperada da função persistia em virtude da *intensidade*, ou seja, episódios de grande

excitação interna vividos momentos antes do adoecimento. Estas representações isoladas e compulsivas seriam como “restos” de linguagem emocional, isto é, uma *recurrent utterances*. (1891/2013, p. 56). Uma espécie de linguagem estereotipada pré-proposicional que persiste na memória graças à intensa moção afetiva experienciada durante *o processamento* linguístico. Portanto, o automatismo de repetição estaria vinculado conceitualmente ao incremento da excitação nos sistemas de execução.

Deste modo, as lesões obedeceriam a este princípio hierárquico de estratificação quantitativa do cérebro, afetando primeiramente as camadas superiores do córtex que correspondem aos processos de pensamento, memória e linguagem mais recentes, como por exemplo, os idiomas recém-adquiridos. Deste modo, a título de exemplo, a língua materna seria mais resistente ao prejuízo, já que estas representações estão vinculadas às camadas funcionais mais antigas e, portanto, mais duráveis.

Já uma perturbação nos níveis superiores obedeceria aos princípios de involução funcional, onde as representações mais intensas e primitivas assumiriam compulsivamente uma emergência. Neste modelo, não apenas dinâmico, mas que reconhece as camadas superiores como um nível protetivo anti-estímulos, fica patente o modelo jacksoniano para a regressão freudiana da libido (*Rückbildung*) no adoecimento neurótico.

Ao reconhecermos no modelo cerebral proposto por Jackson uma concordância paradigmática ao modelo freudiano, dedicaremos algumas linhas gerais sobre a teoria de Jackson, apresentando os pontos de maior relevância com o modelo freudiano.

Em março de 1884 de 1932, Jackson proferiu algumas palestras no *Royal College of Physician*, onde apresentou os aspectos mais marcantes de sua teoria dinâmica e representacional para a neurociência (1958, p.45-75). Em seu discurso, apresentou também, um modelo de representação do corpo no encéfalo que estão em muitos aspectos em conformidade com o aparelho freudiano que, tal como Freud, lançou severas críticas ao localizacionismo psíquico. Embora suas teses busquem elucidar muitos dos comprometimentos nervosos, incluindo desde perturbações neuro-esqueléticas e congênitas, iremos nos limitar aos aspectos relativos à representação mental. Em suas hipóteses, Jackson apresenta um modelo funcional do cérebro baseado na doutrina da evolução.

Sua aplicação para o sistema nervoso é proposto segundo um processamento anatomofisiológico que se opõe a uma perspectiva puramente morfológica das funções. Esta distinção é de particular importância para nosso estudo, pois além de delimitar o alvo da

crítica neurológica freudiana, reconstrói o substrato nervoso e as influências na qual o aparelho psíquico está constituído.

A doutrina anatomo-morfológica organiza as divisões do sistema nervoso – medula espinhal, medula oblonga, etc. – de acordo com a localização verificável e correspondente da função, conforme já apresentamos em capítulos anteriores. Em contraste, a perspectiva anatomofisiológica baseia-se no fluxo – ascendente e descendente – das entradas e saídas sensório-motoras. E, cujo ponto de partida, está na dinâmica e variação do estímulo nas áreas de armazenamento e execução. Em resumo, esta abordagem busca compreender os trabalhos impostos na corrente do estímulo fisiológico em seus diferentes níveis de tratamento nervoso.

Jackson identifica, então, toda a estrutura nervosa de forma dinâmica-evolutiva, onde o cérebro é concebido como uma forma estratificada de processamento. Abordagem que também utilizará para as representações mentais. Vale ressaltar que, assim como Freud, o teórico acredita que algumas operações são executadas em centros cerebrais especializados, entretanto, sua hierarquização cooperativa diz respeito ao modo que o fluxo ascendente e descendente do estímulo obtém expressão nos sistemas responsáveis, ou seja, com maior liberdade ou resistência em sua passagem, determinando diferentes fenômenos psíquicos e somáticos.

3.2.1 A hierarquia dinâmica em Jackson

Para Jackson, o sistema cerebral é dotado de uma organização desonesta de representabilidade. Isto significa que ao longo do percurso ascendente da excitação, os estímulos são processados segundo uma estratificação desigual ou não equivalente. Sua premissa está em conformidade com a doutrina da evolução, sugerindo que os centros nervosos superiores são constituídos, basicamente, por uma composição sensório-motora altamente complexa e funcionalmente diferenciada dos demais níveis de tratamento – do estímulo. Seria, portanto, na região cortical que o processamento imporia resistências mais eficientes, exigindo ligações mais restritas e moderadas rumo à descarga.

Para Jackson, seria da estrutura cortical composta por circunvoluções, células e fibras complexas que poderia abrigar um funcionamento que identifica-se como a base física da mente. Entretanto, segundo o autor, ainda que estas organizações envolvam operações altamente especializadas, as camadas superiores seriam menos estáveis e duradouras com relação aos centros inferiores. Em contraste, os centros inferiores de processamento são

dotados de natureza mais automática e compulsiva. Esta característica se dá em virtude do modo que a energia flui nestes centros, tornando as representações mais estáveis e resistentes ao prejuízo. Outra característica dos centros inferiores é que nestas camadas habitam grande parte das influências herdadas, dividindo lado a lado com as qualidades adquiridas em tempos precoces do desenvolvimento, especialmente aquelas da infância e/ou de alto valor afetivo.

Vale destacar que estas características de estabilidade, encontrada nos centros inferiores, dizem respeito ao modo que a corrente de excitação flui mais facilmente entre os elementos sensório-motores. Portanto, ainda que sua organização implique num funcionamento muito simples, eles são concebidos como muito organizados. Já os centros superiores compreendidos como configurações sensório-motoras mais complexas, seriam responsáveis por mobilizar inibições descendentes aos estímulos que tendem à descarga com mais facilidade (menor resistência e maior intensidade).

Assim, dotados de funções inibitórias e de ligações, os centros superiores seriam os responsáveis pelos regimes voluntários e, portanto, seriam os mais aptos para as novas aquisições (aprendizado) ao longo da vida.

Esta arquitetura dinâmica-evolutiva promoveria um aumento gradual de complexidade ascendente, cujo caráter não é verificável anatomicamente. O trajeto da excitação nos centros sensório-motores são orientados do mais simples ao mais complexo, do mais geral ao mais especializado, de maior intensidade e liberdade para maior inibição e ligação. Embora esta transformação dependa de certas condições para sua consecução, Hughlings descreve três fatores inter-relacionados para a hierarquização dos processos: i) O desenvolvimento a partir do que *devemos*: tudo aquilo que está de acordo com o que somos projetados por herança. ii) O desenvolvimento a partir do que *podemos*: aquisições adquiridas do ambiente externo. iii) O desenvolvimento a partir da *evolução interna*. A este último é atribuído o desenvolvimento de certas características típicas dos centros superiores humanos. A qualidade destes centros (responsáveis pela evolução interna) diferem-se extensamente dos animais inferiores, dotados de um sistema nervoso menos complexo. Nos animais superiores, estes centros são responsáveis por muitos rearranjos nervosos que dependem de profunda e gradativa interação ambiental. Prova disso é que, segundo Jackson, quando esta interação é deficiente ou muito perturbada, as atividades automáticas dos centros inferiores estarão em maior atividade. Assim a evolução interna seria uma combinação entre os aspectos herdados e adquiridos que estariam relacionados para orientar as ligações – sensório-motores – da camada superior.

Como podemos notar, Jackson distingue diferentes níveis de processamento dos estímulos. Estas camadas não condizem com localizações morfológicas do cérebro, cuja doutrina privilegia a verificação observável. Trata-se, por fim, de relações funcionais entre o estímulo e a descarga nos centros sensório-motores do cérebro. Vejamos que a camada mais basal para o processamento nervoso abriga dois tipos de representações que tendem a repetição, em virtude da frequência de intensidade que as acometem: as representações de origem herdada e as representações de maior intensidade afetiva.

Não obstante, estas teses estão em conformidade com as hipóteses freudianas que concebe, também, distritos funcionais distintos para o *Eu*:

As vivências do eu parecem no começo se perder para a herança, mas se repetem com frequência e intensidades suficientes em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros através das gerações, se transpõem, por assim dizer, em vivências do isso, cujas impressões são conservadas por herança. Desse modo, o isso hereditário alberga em seu interior os restos de inumeráveis existências de eu, e quando o eu extrai do isso (a força para) seu super-eu a partir do Isso, talvez apenas faça aparecer de novo anteriores formas de Eu, mais antigas, dando-lhes uma ressurreição. (FREUD, 1923, p. 48).

3.2.2 A representação corporal em Jackson.

Para Jackson, a consciência representa o estado mais adaptado da hierarquia, o que implica na possibilidade representar todas as partes do organismo num todo integrado. Embora as camadas superiores se diferenciem parcialmente, estes processos não são independentes de sua base fisiológica. Jackson não compreende uma distinção radical entre centros inferiores e superiores, onde os primeiros seriam responsáveis pela pura coleta de impressões endógenas, e os centros superiores na mera coordenação dos primeiros. As representações oriundas das impressões mais basais seriam re-representadas nos centros coordenadores superiores, agrupando os elementos mais simples em combinação com as representações mais complexas e especializadas. Embora nas camadas inferiores haja a presença de centros destinados à questões puramente locais, já que estas funções não requerem vasta multiplicação funcional e não exijam re-representações em níveis superiores.

Cada nível da hierarquia seria responsável por diferentes graus de abstração da informação. As representações partiriam de uma camada mais basal de origem física, uma camada intermediária de representações, e uma camada superior, responsável por representações altamente complexas, como o pensamento, a lógica, a linguagem intelectual, e

as representações de objeto total, etc. Para concluir, os centros inferiores seriam os representativos, os intermediários os re-representativos, e os superiores re-re-representativos.

É deste último que emergirá o arranjo nervoso responsável por concatenar a miríade de impressões sensório-motoras de todas as partes do corpo, ainda que indiretamente. E nisto Jackson insiste: os centros superiores seriam os responsáveis pelo último estágio de abrangência, o processamento de combinações mais complexas e especializadas.

Entretanto, o nível mais apto no desenvolvimento evolutivo seria, portanto, o mais frágil. Se estes centros são os mais elevados para representar a mente em si, é também o 'lugar' da representação do corpo. Portanto, para Jackson, a representação da mente e do corpo é amalgamada numa unidade representativa funcional, por onde o corpo e a representação passam a ser encarados como um trabalho constitutivo e emergente ao longo da hierarquia.

3.2.3 Dissolução funcional das representações

Como já apresentamos anteriormente nas *Afásias* (1891), Freud cita o autor para exemplificar as perturbações do processamento da representação linguística. Como vimos anteriormente, Jackson concebe as doenças nervosas a partir de seu pressuposto de dissolução funcional. Nos fenômenos afásicos, por exemplo, a perturbação não atingiria somente os aspectos mais recentes da linguagem, mas também, nas características do processamento linguístico superior, tais como a linguagem intelectual. Para o autor, este tipo de linguagem requer um maior controle inibitório e de ligações mais amplas ao longo de seu processamento. Sua operação depende de uma maior abstração, pois exige para sua consecução, uma maior regulação das camadas inferiores, de maior excitação. Ao considerar os estados afetivos ligados às camadas mais precedentes no desenvolvimento, a dissolução da camada posterior promoveria um destacamento da linguagem emocional. O mesmo processo se repetiria para as funções da memória. Primeiro, um prejuízo das memórias mais recentes, com todas as suas conexões com a realidade atual, e um destacamento progressivo das representações mais arcaicas, privilegiando a reprodução de imagens-lembranças dotadas de alto valor afetivo/emocional.

Jackson incluirá toda uma gama de patologias baseadas em seu modelo de dissolução hierárquica: paralisias, atrofias musculares e convulsões, que seguiriam o mesmo padrão dissolutivo da hierarquia funcional. Por decorrência do caráter negativo da desmontagem,

toda a sorte de comportamentos que definem uma perturbação nervosa como as alucinações, delírios, condutas extravagantes, etc. seriam à luz de Jackson, apenas a expressão de processos mais estáveis, um destacamento dos níveis mais persistentes do desenvolvimento. Serão, por fim, tudo aquilo que o teórico chamará de *sobreviventes*. Tudo aquilo que a doença lhe poupou.

Entretanto, Jackson não apenas considera o aspecto negativo da dissolução. Ao conceber estados positivos, o autor compreende o destacamento dos sobreviventes, não apenas como a mera expressão dos níveis inferiores, mas um destacamento compensatório, uma hiperativação dos conteúdos remanescentes. O efeito negativo da lesão implicaria nisto, num contraponto colateral superpositivo. Por exemplo, a mania ou paroxismo epilético seria interpretado como uma compensação funcional, uma descarga hiperfisiológica excessiva em virtude do prejuízo das camadas inibitórias. Segundo o argumento do teórico, estes casos dependem de uma descarga de energia excessiva, onde as células motivadas por uma nutrição fisiológica anormal atingem, repentinamente, uma tensão extremamente elevada. Em decorrência, esta instabilidade celular não é descarregada apenas em linhas descendentes, mas também, em arranjos sensório-motores colaterais. A descarga seguiria, então, em linhas cruzadas em direção à periferia nervosa, como uma hiperatividade compensatória. Ao atingir a camada evolutiva remanescente, haveria um destacamento da camada decrescente mais apta. Se na doutrina da evolução os arranjos superiores, que evoluíram a partir dos inferiores, seriam responsáveis por inibir e administrar o fluxo dos estímulos inferiores, Jackson compara a estrutura emergentista de suas hipóteses como um governo que emerge do povo e passa a dirigir a nação. A dissolução seguiria este processo reverso. Não seria apenas excluída a organização mais alta de seu cargo, como também, promoveria uma liberação – desordenada dos inferiores. A exaustão dos centros superiores promoveria uma anarquia severa das camadas intermediárias das quais emergiu. Eis que encontramos em Jackson um modelo neurofisiológico para ações cooperativas e elaboradas, cuja estratificação funcional é parcialmente independente, visando concatenar processos caóticos em síntese. Esta arquitetura que congrega noções de estratificação e codependência é capaz de justificar estados de consciência coexistentes.

3.2.4 Doutrina da ação-reflexa para a imagem mental.

Segundo Jackson, os arranjos nervosos são fisiologicamente dinamizados pelas ações reflexas. Para Jackson o circuito nervoso vinculado aos estímulos retino-oculares são – como todo o modelo – regulados pelas ações reflexas. As ideias visuais fracas, seriam decorrentes de uma estimulação reflexa suave, isto é, estimulações não provocadas pela incidência direta da periferia ao centro especializado. Ao modo que atividades excessivas – da periferia – até os centros, imporiam descargas reflexas completas, induzindo ideias visuais vívidas. Notemos que Jackson faz uso do termo ideia visual para designar a imagem mental da percepção, a representação propriamente dita. As células instáveis acometidas por incremento de excitabilidade emocional ou qualquer outro processo patológico, terá como consequência uma descarga súbita e excessiva no sistema sensorio-motor, manifestando desde ações espasmódicas dos olhos ou projeções ideativas de imagens visuais (alucinação).

Deste modo, tanto Freud quanto Jackson, suportados em seu modelo hierárquico evolutivo, coincidem que o acréscimo emocional e a excitação fisiológica provê uma identidade psicofisiológica para a representação psíquica.

3.3 O QUANTUM DA REPRESENTAÇÃO FREUDIANA

"Toda teoria psicológica digna de consideração terá que fornecer uma explicação para a memória" (FREUD, 1895b/1992, p.343).

No capítulo sobre a *Psicoterapia da histeria* em os *Estudos* (1895), Freud constrói um modelo geral das representações na memória com base nos conteúdos patogênicos da neurose:

Descrevi esses agrupamentos de lembranças semelhantes, em coleções dispostas em seqüências lineares (como um arquivo de documentos, um maço de papéis, etc.) como constituindo “temas”. Esses temas exibem um segundo tipo de arranjo. (...) As camadas mais periféricas contém as lembranças (ou arquivos), as quais pertencem a temas diferentes, são recordados com facilidade e sempre estiveram claramente conscientes. Quanto mais aprofundamos, mais difícil se torna o reconhecimento das lembranças emergentes, até que, perto do núcleo, esbarramos em lembranças que o paciente renega até mesmo ao reproduzi-las (FREUD, 1895a/1996, p.301)

Ao observar os pacientes rememorando certos fatos significativos e, ainda assim, não identificarem-se com as próprias lembranças, renegando-as em qualquer nível, Freud passa a especular a ação de um mecanismo defensivo e construir um modelo das representações com base nele. Com relação as representações, elas seriam ordenadas de forma concêntrica e cronológica, partindo do núcleo patogênico até a periferia. É da periferia que linhas decrescentes de resistência seguiriam nexos causais até o núcleo traumático. A análise visaria, justamente, percorrer estas camadas de nexos-lembranças à medida que as resistências

fossem superadas. Este percurso – analítico – seguiria uma ordem oposta ao núcleo, partindo das representações mais periféricas, mais identificadas com o *Eu* – e, portanto, mais conscientes, em direção às representações nucleares.

Em 25 de Maio de 1895, Freud envia uma correspondência a Fliess sobre seu interesse em introduzir a economia das *forças nervosas* para a psicologia – da memória:

Estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. (MASSON, 1986/1895, p. 130).

Passados quatro anos das *Afásias*, entre os dias 06 e 17 de Dezembro de 1896, Freud envia mais duas correspondências à Fliess versando sobre esta articulação. A última, intitulada como “hipóteses de trabalho” versa sobre a necessidade de se construir uma síntese entre os dados fornecidos pela observação psicológica e uma abordagem organológica (MASSON, 1986/1896, p. 216). Freud admite, inclusive, que o espaço intermediário entre a consciência e a estrutura material – o sistema nervoso – é fruto de hipóteses puramente dedutivas.

Buscando modelar esta lacuna funcional entre a fonte orgânica e a consciência que, no dia 06 de Dezembro enviou um esboço, conhecido como *Carta 52* (MASSON, 1986/1896, p. 206), onde apresentou algumas das hipóteses sobre a estrutura e funcionamento da memória.

A importância teórica deste sistema reside na hipótese freudiana de que a memória promove uma ligação regulatória entre o sistema nervoso e a percepção. Em sua tese, nunca abandonada, o mecanismo psíquico, ou seja, a memória propriamente dita – se desenvolveu mediante um longo processo de estratificação funcional. Seu material, sob a forma de traços mnêmicos, fica sujeito de tempos em tempos a uma modificação quantitativa ao longo de inúmeras reinscrições. Isto é, os dados sensoriais seriam convertidos em representações, esta hipótese, como foi dito a Fliess, já havia exposto nas *Afásias* (1891).

Freud complementa que o que há de mais original em sua teoria é a tese de que os traços mnêmicos não se fazem presentes de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, resultando na possibilidade de lembrança. Este trabalho de retranscrição contínua, onde o recordado não coincide com o acontecido em si, foi longamente detalhada em suas implicações clínicas em *Construções em Análise* (1937) e *Análise terminável e interminável*, do mesmo ano, abordando, inclusive, sobre os limites do rememorável.

Agora adentraremos nos conceitos mais significativos para nossa pesquisa. Ainda na *Carta 52*, Freud retoma o esquema apresentado nas *Afásias* (1891), salientando para o interlocutor que os trajetos de excitação, por onde a representação é rearranjada, provém de um trabalho imposto entre a periferia nervosa até o córtex cerebral. Lembrando que esta região cerebral é a área mais marginal do órgão, o encéfalo propriamente dito. Através dele que um complexo de fibras nervosas específicas operariam como um veículo de transmissão do impulso nervoso: “uma cadeia de neurônios” que se estendem por todo este trajeto (1986/1896, p. 208).

Devemos nos deter ao fato de que as representações, cujo impulso sensorial e nervoso advém da periferia somática, são designadas por Freud como representações abertas, enquanto que as representações lexicais, capazes de ligação mais restritas, são concebidas como fechadas. Na *Carta*, complementa ainda que estes diferentes registros na memória correspondem a conquistas sucessivas em diversas fases da vida, seguindo: “a crença numa tendência ao ajustamento quantitativo”. (MASSON, 1986/1896, p. 209). Entendamos, portanto, o esquema elaborado por Freud para a retranscrição da informação sensorial na memória:

Na primeira inscrição, teríamos as percepções - *W* (*Wahrnehmungen*), que correspondem aos neurônios em que se originam as imagens, ligadas a consciência e que não conservam traço algum. Os primeiros registros mnêmicos, propriamente ditos, seriam os signos de percepção - *WZ* (*Wahrnehmunszeichen*), as indicações de percepção que constituem a primeira transcrição do ocorrido que se associam por simultaneidade. Sendo a consciência e a memória mutuamente excludentes, estas inscrições não podem alcançar a consciência por si mesma.

A segunda forma de transcrição, a inconsciência - *UB* (*Unbewusstsein*) ordena tais registros segundo relações causais, correspondendo a traços e lembranças conceituais que também não têm acesso à consciência. Por último, a pré-consciência constituindo a terceira transcrição, vinculadas às representações verbais e aos processos do *Eu*.

Com este postulado em mãos, Freud acrescenta a importância de fatores inibitórios progressivos que impediriam a emergência destes conteúdos e que justificam sua tendência ao *ajustamento* da excitação: “(...) cada transcrição posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período precedente e seguindo as vias abertas naquela época” (1986/1896, p. 209).

Como podemos notar eis o anacronismo freudiano, onde a emergência de uma imagem/excitação não submetida a ligações inibitórias posteriores, será compelida a uma descarga direta no córtex, impedindo uma periodicidade da frequência, um sentido temporal. Isto significa que o sentido cronológico está em conformidade com o processo secundário.

Esta estrutura hierarquizada das representações irá fornecer mais subsídios sobre a emergência de traços mnêmicos que atenderão aos aspectos econômicos do aparelho. Por exemplo, as representações mais ligadas operariam de modo mais estáveis, em oposição a uma emergência da excitação, cujo comportamento é livre, automático e compulsivo, característicos do circuito nervoso periférico. Podemos notar o quanto Freud já intuía um limite para o princípio do prazer ao teorizar a impossibilidade de efetuar barreiras de proteção contra estímulos.

Não é pra menos que a teoria das pulsões ocupará um lugar central na mecânica das representações freudianas. Segundo Hanns (1999, p. 84), as pulsões estariam mais próximas das bases neuroanatômicas, penetrando no aparelho psíquico e submetendo dois modos de processamento dos estímulos na memória: o processamento primário, mais precedente, onde o aparelho se restringe a dotar os processos em imagens e qualificá-los afetivamente (associá-los ao prazer e ao desprazer). Seriam estas *imagens-sensações* que operariam mais próximas dos princípios endógenos, onde a dinâmica da excitação percorre estados livres e de magnitudes intensas.

Já o processamento secundário, como uma operação posterior, submete os estímulos a ações inibitórias durante o escoamento. O fracionamento da excitação, próprias destas representações em contato com o mundo exterior (percepção submetida à realidade), permitiriam ligações lógicas mais estruturadas. Este sequenciamento – mais estruturado – para as imagens-sensações implicam em associações (*verknüpft*) mais restritos e, portanto, mais coerentes com o princípio da realidade.

Enfatizando a importância de um ajustamento econômico para a memória, em *Uma nota sobre Bloco Mágico* (1925/2011), Freud traça uma analogia entre o aparelho psíquico e um artefato lúdico especial¹². Neste comparativo, o teórico busca formalizar três componentes

¹² O Bloco Mágico é uma prancha de resina ou cera castanha-escura, com uma borda de papel; sobre a prancha está colocada uma folha fina e transparente (...). Ela própria consiste em duas camadas (...). A camada superior é um pedaço transparente de celulósido; a inferior é feita de papel encerado fino e transparente. (...) Para utilizar o Bloco Mágico, (...) um estilete pontiagudo calca a superfície, cujas depressões nela feitas constituem a ‘escrita’. (...) Nos pontos em que o estilete toca, ele pressiona a superfície inferior do papel encerado sobre a prancha de cera, e os sulcos são visíveis como escrita preta sobre a superfície cinzento-esbranquiçada do celulósido, antes lisa. Querendo-se destruir o que foi escrito, necessário é só levantar a folha de cobertura dupla da prancha de cera com um puxão leve (...). O estreito contato entre o papel encerado e a prancha de cera nos lugares que foram

intercambiáveis para a representação: o sistema perceptivo, a memória e a excitação. Vejamos o que nos diz Freud: se ao invés de escrevermos normalmente na superfície de celulóide o estilete for pressionado com demasiada força, poderão ocorrer duas consequências: 1) a união entre a folha de celulóide e o papel encerado, tornando-os funcionalmente indistintos, ou 2) a ruptura de ambos.

Segundo a analogia freudiana, a prancha de cera designa o inconsciente e a sua capacidade de acolher, permanentemente, as marcas mnêmicas. A camada superior é uma alusão ao sistema Pcpt-Cs, como uma tela capaz de estar aberta para a recepção e, ao mesmo tempo, operar como uma película protetora. O que Freud está salientando neste comparativo é do papel dos excedentes de excitação, dos perigos de uma ultrapassagem da pressão (excitação) como um fator desencadeante de uma perturbação funcional entre a percepção e a memória. Ademais, Freud conecta neste esquema a própria natureza da representação freudiana, uma propriedade interdependente dos três fatores: a imagem, a representação e o fisiológico. É deste último que o quantitativo refaz. Sua regulação irá determinar a constituição, modulação e qualidade das representações.

3.4 A PSICOFÍSICA DOS AFETOS

É inegável que a constatação do fator sexual nas afecções nervosas insiste nesta proposição quantitativa no modelo freudiano. Ainda que Freud refaz o impacto traumático dos afetos, anteriormente ligado à teoria da sedução¹³ Os elementos internos que compõe a etiologia da neurose permanecem intocáveis, pavimentando os alicerces do modelo psicanalítico, especialmente no que tange ao ponto central de nossa pesquisa: a relação entre a *imagem* e a *excitação*. Monzani (2014), bem como muitos outros comentadores, consideram que a ultrapassagem da teoria da sedução reinscrevem alguns dos axiomas da teoria psicanalítica, tais como: i) o papel da sexualidade infantil; ii) o complexo de Édipo; e iii) a função da fantasia. Notemos, portanto, que a persistência da quantidade não alude ao acaso,

calçados (do qual dependeu a visibilidade da escrita) assim acaba, e não torna a suceder ao se reunirem novamente as duas superfícies. O Bloco Mágico está agora limpo de escrita e pronto para receber novas notas.

¹³ A teoria da sedução situa o fator etiológico da neurose em virtude de uma sedução de ordem traumática, em tempos precoces de um indivíduo. Ainda que seus efeitos patogênicos sejam acometidos somente na puberdade, momento onde a dimensão sexual seria dotada de significado, o conflito entre a lembrança intolerável e o afeto correspondente promoveria uma dissociação psíquica.

mantendo alguns dos elementos indissociáveis à primeira teoria. Ao longo da teoria freudiana verificamos a repetição dos mesmos caracteres: o incremento de excitação como uma ameaça capaz de desarticular o próprio indivíduo desde a interioridade.

Esta dialética imagem/excitação acomodará um postulado teórico que situa a representação a partir de um modelo explicativo do psiquismo, aquele que está em conformidade com os constructos neurobiológicos. Ainda que esta articulação “só tenham alcançado um ponto de equilíbrio no seu estágio terminal” (MONZANI, 2014, p. 31).

Aliás, o próprio termo *aparelho* já homologa a mecânica de relações entre a imagem (*Vorstellung*) e a excitação (*Erregung*) das quais fomentam sua natureza psíquica: um processamento; podendo ser este de linguagem, neuronal ou representacional. Eis a tentativa de equilíbrio na qual pretendemos conciliar neste trabalho. De fato, este equilíbrio está suportado em tudo aquilo que Freud designa como uma estabilidade do sistema nervoso, e nos alerta para os perigos de uma distribuição não uniforme da excitação para a constituição psíquica.

Conforme bem explicita Bocca (2011, p.883) Freud, em conformidade com o padrões estabelecidos por Charcot, buscou investigar os fenomenos histéricos a partir das indicações somáticas. Entretanto, à medida que avançava nas observações passou a introduzir progressivamente seus próprios pontos de vista. Esta iniciativa levou em consideração outros fatores na etiologia dos sintomas, apontando os fatores psicológicos envolvidos e identificando na história pessoal dos pacientes a presença de eventos significativos na explicação dos quadros. Os dados permitiram especular a presença de um conflito psíquico pautado na incompatibilidade da carga afetiva com as representações conscientes. Segundo Bocca (2011), foi no verbete *Histeria*, de 1888, que Freud finalmente contrapõe-se a hipótese de perturbação anatômica, reconhecendo na histeria uma correspondência mútua e dependente entre a fisiologia e a psicologia:

Isso esteve apoiado na distinção dos sintomas físicos, marcados por convulsões, contraturas, paralisias, perturbações da sensibilidade, dos sintomas psíquicos compreendidos como alterações nos elos de associação entre representações, que têm como produto inibições da atividade voluntária, sufocamento de sentimentos etc. Isso impôs o reconhecimento que uma alteração da excitabilidade no sistema nervoso sempre aparece em conexão com alterações psíquicas.(BOCCA, 2011, p. 884)

Em suma, esta ação recíproca entre as séries permitira um método de tratamento em níveis – fisiológicos – inacessíveis à intervenção direta. Para o autor, este fato traria consigo “o problema de avaliar o sentido e o nível de influência entre ambas” (BOCCA, 2011, p. 885)

Com o intuito de modelar as propriedades quantitativas, e seus efeitos no campo psíquico que Freud, em parceria com Joseph Breuer (1842-1925) escreve os *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Num sugestivo capítulo sobre *As Excitações Tônicas Intracerebrais – os Afetos*, item (B) o teórico reconhece os incrementos da excitação como um fator gradativo que, de início, indeterminado e sem propósitos, passa a progredir a uma quantidade relativa na percepção até mobilizar os complexos ideativos:

Na puberdade a sexualidade surge, na primeira dessas formas, como uma elevação vaga, indeterminada e despropositada da excitação. À medida que o desenvolvimento se processa, tal elevação endógena de excitação, determinada pelo funcionamento das glândulas sexuais torna-se firmemente vinculada à percepção ou a ideia do outro sexo e, a rigor, à ideia de um indivíduo em particular quando ocorre o notável fenômeno de apaixonar-se. Essa ideia absorve toda a quantidade de excitação liberada pela pulsão sexual torna-se uma ideia afetiva. (BREUER 1893a/1996, p. 221)

A metapsicologia que pretende preencher duas lacunas teóricas – a dos processos inconscientes e da relação mente e cérebro – pode ser claramente transcrito na teoria freudiana sob a dialética imagem/excitação. Foi por meio do reconhecimento desta articulação que os autores apresentam as primeiras formulações sobre os mecanismos de defesa, suportados nos processos dinâmicos. É desta articulação que resultaria na disjunção entre a ideia e a carga de excitação, como seu correlato afetivo. Trata-se, por fim de explorar uma teoria do afeto que prima pelo caráter quantitativo, acentuando uma característica portadora de substancialidade para os processos psíquicos.

Embora o grau de interação nunca tenha chegado a um consenso entre os teóricos, Bocca (2011, p. 891) adverte que para Breuer o sentido preponderante da neurose é pré-definido por uma determinação fisiológica sobre as representações. Em sua tese sobre a disposição ou suscetibilidade patogênica, um indivíduo seria predisposto à sugestionabilidade e intensidade excitatória que o deixaria vulnerável em condições de intensidade afetiva, manifestando as perturbações psíquicas e somáticas identificada na maioria dos casos.

Freud, por outro lado, sustenta a dissociação neurótica como condições psiquicamente adquiridas. Em sua etiologia ideogênica, um evento traumático ou excessivamente afetivo, especialmente na infância, seria capaz de promover uma dissociação

massiva de representações na consciência. No melhor dos casos, tratar-se ia de um esquecimento, cujo preço subjetivo reapareceria em conflitos posteriores:

uma ocorrência de uma incompatibilidade em sua vida representativa, isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade do pensamento (FREUD, 1894/1996, p.55).

De acordo com Bocca (2011) a solidariedade entre fatores quantitativos e ideativos permitiu que em as *Neuropsicoses de Defesa* (1894) e os *Estudos sobre a Histeria* (1895), Freud privilegiasse o aspecto ideativo, sob a forma de moral, como fator precipitante da defesa. É, pois, no mecanismo da defesa que se firmaria a consolidação entre as representações do *Eu* e a sexualidade, quanto elemento endógeno, na repercussão do conflito.

Para Freud, a genese da neurose estaria vinculada a um conjunto de causas definidas como equação etiológica. O que Pierre Janet (1859-1947) e Josef Breuer chamavam de “cisão da consciência”, -- onde elementos psíquicos são separados das demais representações – poderia ser explicado, segundo Freud, pela ação da defesa psíquica, um ato psíquico voluntário, ainda que inconsciente, de mobilização dos afetos corporais. Diante de uma incompatibilidade *intensa* na vida representativa, uma contradição de interesses cujo valor afetivo é proporcional a sua intensidade, atuariam três condições clinicamente observadas nas psiconeuroses: a amnésia como fator protetivo, a compulsão à repetição, e a conversão somática – este último para os casos de histeria conversiva.

A fim de discutir a pertinência do fator quantitativo na administração psíquica, dois textos são sumamente significativos neste primeiro período da teoria: “*A sexualidade na etiologia das neuroses*” (1898) e “*Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*” (1908). O primeiro privilegia a terapêutica das neuroses atuais (neurastenia e neurose de angustia), e o segundo, em especial, sobre o quanto as psiconeuroses (histeria e neurose obsessiva) forneceriam um modelo etiológico do caráter universal da sexualidade humana. Sobre o processo de organização da libido, Freud pressupõe que os fatores hereditários e sua chamada *predisposição neuropática* não fornecem determinações exclusivas para suas causas. Reconhece, portanto, a importância do processo de sexuação no curso do desenvolvimento humano.

Contudo, vale frisar que ao descartar pré-condições anatômicas na causalidade neurótica, Freud adscrive à fisiologia seu elemento de ligação entre o sistema nervoso e o psíquico. Este fato recolocará, vez ou outra, o debate disposicional e a influência filogenética

ao longo da obra. Ademais, veremos que o abandono da participação anatômica na neurose não descartou as maiores formulações de Freud a respeito do funcionamento nervoso e da morfologia cerebral. Ao contrário, todo o desenvolvimento do aparelho psíquico freudiano, incluindo as regras que permitiram a postulação de um deslocamento alternativo dos afetos, são referidos a partir de uma construção contínua sobre a dinâmica fisiológica e cerebral.

Para dar conta deste fenômeno, Freud buscou modelar uma arquitetura representacional em conformidade com os processos anatomofisiológicos supostamente envolvidos. O afeto receberia, então, toda a significação conceitual como um elo intermediário entre a vida representativa e a dimensão biológica. Representações e afetos seriam, por fim, ligados conceitualmente por quantidades de excitação. Por esta razão que para minimizar a ação de certas representações, implicaria por parte da defesa, em uma redução ou deslocamento das cargas – de excitação – na consciência: “(...) o modo de tornar inócua a representação inconciliável é transpor ao corporal a soma de excitação, para o qual eu proporia o nome de conversão” (FREUD, 1894b/1996, P. 50).

Mais adiante, consuma o valor psicofísico entre as representações e os afetos:

(...) o fator característico da histeria não é a divisão da consciência, mas a capacidade de conversão, e podemos aduzir, como parte importante da predisposição para a histeria – predisposição ainda desconhecida em outros aspectos –, uma aptidão psicofísica para transpor enormes somas de excitação para a inervação somática (FREUD, 1894/1996, p.57).

A causa precipitante nas neuroses estaria, portanto, vinculada a um conflito psíquico, e o fator auxiliar uma intensidade adjacente. Um acréscimo súbito que perturbaria a ação da resistência: um susto, um esgotamento psíquico, a intensidade de uma emoção, etc. Estes conteúdos somato-afetivos forneceriam o papel circundante para uma perturbação econômica no psiquismo. Como fator endógeno, se destacariam os processos bio-químicos, as excitações, as zonas erógenas, os estímulos interoceptivos, os afetos e as pulsões propriamente ditas.

(...) cada uma das grandes neuroses enumeradas tem por causa imediata uma perturbação particular da economia nervosa, e estas modificações patológicas funcionais *registram como fonte comum a vida sexual do indivíduo, seja uma desordem da vida sexual atual, seja uns acontecimentos importantes da vida sexual passada* (FREUD, 1896/1996, p. 149).

A investigação nosográfica em psicanálise estaria subordinada na possibilidade de escutar evidências sobre estes dois polos constituintes, a conexão – ou dissociação – entre a excitação e as ideias. Seria a qualidade deste vínculo que determinariam o adoecimento psíquico, e seu tratamento, que envolve a superação dos sintomas implicaria, na mesma

proporção, na ultrapassagem das resistências para o rememorar. Esta tarefa teria apenas um objetivo nos casos de neurose, reconciliar o afeto desvinculado com a representação original.

Ainda em 1896, no texto *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, ainda confrontando o espírito anatômico das neuroses em Charcot, Freud destaca a “a existência de transições e graus de disposição nervosa” (Freud, 1896/1996, p. 79). As patologias, segundo Freud, revelariam esta determinação quantitativa, afirmando, inclusive, que a distinção entre o normal e o patológico é traçado pela flutuação de graus, uma variação da intensidade.

Ainda que tais relações entre as imagens e as excitações são compreendidas como modificações fisiológicas, estas são designadas como alterações na distribuição da excitabilidade. É deste processamento contínuo – e indissociável – entre fatores anímicos e fisiológicos que os pensamentos ocupam um lugar privilegiado nas neuroses. Esta perspectiva opõe-se as hipóteses de Charcot (1825-1893), cujo peso recai inteiramente no papel anatômico da lesão. Freud, entretanto, já na apresentação de *Histeria (1888a)*, ao introduzir o polo ideativo na causação dos fenômenos histéricos, destaca o papel fisiopatológico das cargas como princípios elementares do sistema nervoso:

A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa em uma fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso. Uma fórmula fisiopatológica deste tipo, no entanto, ainda não foi descoberta; por enquanto devemos contentar-nos em definir as neuroses de um modo puramente nosográfico, pela totalidade dos sintomas que ela apresenta (FREUD, 1888a/1996, p. 79).

Como vemos, os processos de pensamento equiparam-se em importância teórica nas hipóteses sobre o funcionamento nervoso. Vale retomar que em seus primeiros questionamentos sobre o estatuto do corpo na conversão histérica, entre os anos de 1888 à 1895, Freud no artigo intitulado *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim* de 1886 já afirmara que “nenhuma sintomatologia definida pode ser atribuída à histeria, simplesmente porque nela pode ocorrer qualquer combinação de sintomas” (1886/1996, p.16).

Esta observação indica que o corpo histérico é submetido a um jogo de forças desproporcional à disposição corporal anatômica, e ainda, assinala sua ineficácia como método de investigação e terapêutica. Afinal, Freud não reconhecia apenas uma desproporção dos processos convertidos, como também, não considerava lesões anatômicas observáveis entre os centros cerebrais e os feixes periféricos. Isto não descarta a condição, jamais abandonada, de que o órgão responsável pelos processos de pensamento e suas relações com os feixes somato-periféricos partiam das funções nervosas e cerebrais. Tratava-se daí em

diante de modelar, com diferentes pesos de significação prática, novas hipóteses do funcionamento cerebral, que leve em consideração funções não restritas a segmentação local para os processos psíquicos.

Breuer, em seu conceito de *facilitação anormal* (*abnorme Bahnung*) na conversão histérica atesta para o valor neuropsicológico da perturbação, ao descrever que o excedente da excitação romperia o isolamento normal entre o córtex como “o órgão da representação” e as demais inervações somáticas (BREUER, 1895a/1996, p. 261). O curso livre da excitação fluiria em direção à periferia somática, produzindo grande parte das nosografias registradas na histeria: distúrbios senso-perceptivos e motores, ataques convulsivos, perturbações da sensibilidade, distúrbios viscerais, etc.

Seguindo os princípios de significação atribuída as estas regiões corporais, as funções anatômicas do corpo estariam sujeitas as regras da significação particular e, portanto, passíveis de mobilidade. Neste texto os autores estão apresentando dois componentes significativos sobre os sintomas neuróticos: i) aludem a uma extensão conceitual privada na forma de signos ideativos e; ii) a carga afetiva submetido às regras do funcionamento nervoso. Portanto, ainda que estas forças sejam explicitadas nos termos de uma carga afetiva, os elementos constituintes são caracterizados como variáveis da excitação nervosa.

Ainda que Breuer assumia que não está interessado num modelo psicológico e, tampouco, numa fisiologia dos afetos, fica clara sua abordagem neurofisiológica para a mecânica das imagens mentais. Em *A Psicoterapia da Histeria* (1895a/1996, p. 214), o autor apresenta um sistema de fibras associativas que interconecta a atividade cerebral denominada de excitação tônica intracerebral (*intraerebrale tonische Erregung*). Esta interface excitatória, dotada de tensão permanente no encéfalo, orienta uma gama de funcionamentos psicofísicos, tais como: *a alternância entre sono e vigília, os estados de expectativa e preparação para ação*. Afirma ainda, que este reservatório de excitabilidade não tem sua origem nos estímulos endógenos e, tampouco, advindas da percepção, mas de uma substância estimulável inerente, suscetível de aumento ou diminuição nervosa:

Se todas as células nervosas se encontram em um estado de excitação mediana e excitam a seus prolongamentos nervosos, toda essa imensa rede forma um reservatório unitário de "tensão nervosa". Assim, além da energia potencial que repousa no patrimônio químico da célula e daquela forma de energia cinética desconhecida por nós que, no estado de excitação, percorre as fibras, teríamos que supor ainda um estado de repouso da excitação nervosa, a excitação tônica ou tensão nervosa. (BREUER, 1895a/1996, p. 223)

É nesta dimensão topográfica e energética que está situada a fronteira mente e corpo na perspectiva breueriana, constituindo ao que o autor intitula como “*a base psicofísica dos afetos*”. (BREUER, 1895a, p. 221). Podemos notar o quanto desta noção de uma *substância tônica intracerebral* irá antever o jogo de forças encontradas no aparelho neuronal e psíquico freudiano.

Nesta concepção, a otimização das funções psíquicas dependem de uma distribuição regular e homogênea da energia, fato que alude às oscilações normais do ciclo sono-vigília. Do contrário, as alterações destes níveis impelem que certas regiões do encéfalo, empenhadas pela execução de tarefas globais, apresentem-se em condições disfuncionais, ou até mesmo antevendo o surgimento do desprazer como sinal deste incremento. O nível de comprometimento seria então designado como um fator de inconsciência. Vejamos o quanto Freud amplia o modelo breueriano na *Interpretação dos Sonhos* de 1900, ao introduzir a função do *Eu* como uma organização reguladora da distribuição da energia, em plena conformidade com o *Projeto* de 1895:

Por conseguinte, a precondição do sono é uma *queda da carga endógena no núcleo de y* [percepção], que torna supérflua a função secundária. No sono, o indivíduo se encontra no estado ideal de inércia, livre de sua reserva de Q. Nos adultos, essa reserva se encontra acumulada no “ego”; podemos supor que é a *descarga do ego* que determina e caracteriza o sono. E aqui, como se percebe de imediato, temos a *precondição dos processos psíquicos primários*. (FREUD, 1900/1996, p. 437)

O *Eu* freudiano não apenas constitui-se como uma facilitação cortical para a circulação, mas também converte-se num reservatório de excitabilidade, impondo um gerenciamento na distribuição dos estímulos. Por essa razão que Freud escapa de um determinismo endógeno, pois seu modelo contempla a percepção e o pensamento como instâncias ativas, regulatórias e discriminativas para os estímulos.

Em conformidade com estas hipóteses, Freud introduz com maior propriedade conceitual a representação afetiva (*affektive Vorstellung*) no *Projeto* de 1895. Um modelo de psicologia quantitativa que irá fornecer diretrizes para o papel potencialmente patológico dos afetos. Alicerçado nesta concepção, o sexual irá ganhando cada vez mais relevância conceitual até receber estatuto de estímulo endógeno por excelência.

O texto *Tratamento Psíquico* (1890/1905), atesta seu compromisso psicológico com a neurofisiologia a partir do que denominará como “*ação recíproca*”. A construção de um elo intermediário mente e corpo, a designação de seu aparelho psíquico onde as representações são capazes de produzir uma ação sobre o segundo:

(...) Tais estados têm recebido o nome de nervosismo (neurastenia, histeria) e têm sido definidos como enfermidades meramente funcionais do sistema nervoso. [...] Ao menos em alguns desses casos, os signos patológicos não provêm senão de um influxo alterado da ação de suas mentes sobre seus corpos. Portanto, a causa imediata da perturbação deve ser buscada em suas mentes. (FREUD, 1905a/1996, p. 273--4).

Lembremo-nos que foi na observação de ideias *excedentes* nos quadros patológicos que Freud especulou o modo como certas *intensidades* ideativas forneciam um *modus operandi* de uma dinâmica interna e, portanto, passível de generalização. Do mesmo modo que as observações clínicas atestavam uma arquitetura lógica dos processos de pensamento, os modelos neurofisiológicos baseados no curso da excitação indicavam processos passíveis de modelagem. No campo da fisiologia a hereditariedade ganha um tônus especialmente marcante para o psiquismo. Afinal, a equação da economia psíquica dependerá do acréscimo da excitação e das defesas que lhe estão disponíveis.

Em sua psicologia, Freud sugere a presença de alterações no fluxo da excitação do sistema nervoso afetada pela ação associativa dos pensamentos. Tal prerrogativa implica em submeter estes pensamentos à hiperativação, inibição e deslocamentos do fluxo da percepção consciente:

As alterações psíquicas, que é preciso postular como base do *status* histérico se desdobram por inteiro no âmbito da atividade encefálica inconsciente, automática. Talvez ainda se possa destacar que, na histeria, a influência dos processos psíquicos sobre os processos físicos do organismo está aumentada, (como em todas as neuroses), e que os pacientes histéricos trabalham com um *excedente de excitação* no sistema nervoso, o qual se exterioriza ora inibindo, ora estimulando, e que se *desloca com grande liberdade* dentro do sistema nervoso. (FREUD, 1888a/1996, p. 54. *Grifo nosso*).

Na passagem acima, os estados inconscientes pertencem a um âmbito de atividades nervosas que orientam os automatismos. Os processos somáticos, daí decorrentes, seriam então influenciados por excedentes livres da corrente. A compulsão a repetição seguiria, então, uma determinação própria do sistema nervoso. Neste sentido, arriscando-nos a uma aproximação forçada: é como se encontrássemos nesta arquitetura primitiva do sistema nervoso, e apenas nela, um funcionamento típico de um epifenômeno. Um paralelismo direto entre a fonte de excitação e seu resultado psíquico. Do contrário, ao tratar de uma mediação do aparelho psíquico mais sofisticado, o *Eu* como uma interface mnemônica mais consistente, seria capaz de balizar o impulso direto, redistribuir e atenuar suas cargas, vinculando a excitação correspondente em imagens mais complexas.

Embora, a dimensão afetiva, mais próxima da dinâmica endossomática, estaria sempre submetida a lógica precedente de funcionamento, a tudo aquilo que Freud se refere como a “expressão das emoções” (1905/1996, p. 274).

Os afetos em sentido estrito se singularizam por uma relação muito particular com os processos corporais; mas, a rigor, *todos os estados mentais*, incluindo os que habitualmente consideramos “*processos de pensamento*”, são em certa medida *afetivos* (...). Até mesmo a tranquila atividade de pensar em “*representações*” provoca, segundo seus conteúdos, excitações permanentes sobre os músculos lisos e estriados. (FREUD, 1905a/1996, p. 275. *Grifo nosso*).

Estas mesmas quantidades submetidas aos processos psíquicos estariam ora inibindo, ora estimulando a multiplicidade de fenômenos observados nas neuroses. Ou seja, a ocorrência de uma afecção neurótica depende uma fórmula que leve em conta o fator quantitativo, uma carga de estimulação endógena de um lado, e a capacidade de resistência anímica de outro. Esta equação mantém-se fiel ao longo da obra freudiana, conforme veremos adiante.

Em relação à conexão causal entre o plano somático e o psíquico, Freud encontra no elemento excitante o meio de comunicação entre estes dois mundos. No primeiro capítulo de *Interpretação dos Sonhos* (1900) vemos a prevalência do modelo organicista em seu modelo:

As suspeitas dos psiquiatras colocaram a mente, por assim dizer, sob tutela, e eles agora insistem que a nenhum de seus impulsos deve-se permitir sugerir que tenha um significado próprio. Este seu comportamento apenas mostra quão pouca confiança eles realmente têm na validade da conexão causal entre o somático e o mental. Mesmo quando a investigação mostra que a causa excitante primária de um fenômeno é psíquica, uma pesquisa mais profunda irá um dia mais adiante nesse caminho e descobrirá a base orgânica do acontecimento mental (FREUD, 1900/1996 p. 78).

3.4.1 A dissociação entre imagem e excitação

Os conceitos de representação (*Vorstellung*) e afeto (*Affekt*) estão presentes desde as primeiras teses freudianas, adequando-se ao modelo à medida que ampliam as noções dinâmicas e hierarquizadas¹⁴ do sistema nervoso. De acordo com Winograd (2013, p.91) os afetos são elementos centrais na teoria freudiana, não apenas como conceito indispensável para se pensar a estrutura constituinte do aparelho, mas inclusive, em toda sua pertinência clínica.

¹⁴ Leia-se também evolutivas.

Sua relevância teórica desdobra-se desde os investimentos e hostilidades dirigidos ao analista, nas investigações nosográficas, nas variações e inibições no curso do desenvolvimento de um indivíduo, até mesmo na cura neurótica – sem confundir seu emprego, via transferência, como um recurso sugestivo por parte do analista. Na clínica ab-reativa, por exemplo, a catarse perseguiria a este ideal terapêutico: a de vincular a ideia incompatível com o afeto dissociado. Na clínica interpretativa, o afeto reaparece tecnicamente como uma bússola, orientando a escuta entre uma dissociação constituinte que reaparece entre o pensar e o sentir. Os afetos podem, assim, oferecer uma chave de leitura dos processos psíquicos, em especial, do fenômeno onírico: “Se eu nos sonhos sinto medo de uns ladrões, os ladrões são por certo imaginários, mas o medo é real, e o mesmo ocorre quando me regozijo nos sonhos” (FREUD, 1900/1996, p.493).

Ainda que os afetos oníricos são representados de forma múltipla e invertida no sonho, tratando-se de representações mais distorcidas pela ação da repressão, elas, invertidas ou não, denotam sempre a uma lógica dotada de verdade.

Deste modo, a significação do afeto na teoria freudiana reaparece nos mais variados contextos e práticas. Embora Freud nunca tenha definido uma natureza determinante para eles, o autor sempre estreitou seu vínculo com as fontes somáticas. Esta concepção surge como um *valeur affectif* (valor afetivo) na teoria, sendo o próprio “monte de afeto” (*Affektbetrag*) utilizado para designar esta intensidade psíquica correlata à quantidade de excitação.

Winograd (2013, p. 92) em sua pesquisa sobre o emprego do termo afeto na teoria freudiana afirma que, autores como Laplanche & Pontalis, 1970 e Serge André, 1995 viram muitas dificuldades em definir seu estatuto teórico ao longo da obra, preferindo categorizar o termo como uma noção. Bruno Rey (1998) por outro lado, reconhece que dentre todos os termos mais subjetivos empregados por Freud, tais como as emoções ou os sentimentos, o afeto é o único que se impõe como um conceito consolidado em virtude do uso corrente e do amplo significado na teoria.

Do incremento de excitação à teoria da angústia, do auto-erotismo ao amor, do organismo individual à psicologia das massas, encontramos no afeto o incremento somático por excelência na teoria freudiana. Ainda que os afetos não sejam reduzidos aos montantes de excitação endógena, é pelo fato de estarem vinculados à fonte somática, que estes estímulos estão submetidos aos processos primários. Razão pela qual seu comportamento no sistema nervoso e no aparelho psíquico identifica-se com os montantes de energia: ativação/inibição,

deslocamento, descargas mínimas ou intensas. São estas operações no curso da excitação, que seriam responsáveis por promover supressão (*Unterdrückung*) e, porventura, regressão dos montantes de afeto no aparelho.

Ao tratar dos seus destinos pela ideia reprimida, Freud estabelece uma correlação conceitual, não redutível, entre afetos, sentimentos, sensação e moção pulsional como variações quantitativas de origem somática:

Em primeiro lugar, pode ocorrer que uma moção de afeto ou de sentimento seja percebida, mas erradamente. Pela repressão de seu representante genuíno, foi compelida a enlaçar-se com outra representação, e assim a consciência a tem por exteriorização desta última. Quando restauramos a concatenação correta, chamamos de “inconsciente” à moção afetiva originária, ainda que seu afeto nunca o tenha sido, pois só sua representação teve que pagar tributo à repressão. O uso das expressões ‘afeto inconsciente’ e ‘sentimento inconsciente’ remete em geral aos destinos do fator quantitativo da moção pulsional, que são consequência da repressão. (FREUD, 1915a/2010, p. 91-2) .

Uma das finalidades da repressão seria, portanto, a de interromper a emergência da moção pulsional num afeto consciente. No texto, *O Inconsciente* (1915) Freud explicita o vínculo estratificado entre as pulsões, os afetos e as ideias na dinâmica psíquica:

O uso das expressões “afeto inconsciente” e “emoção inconsciente” remete aos destinos do fator quantitativo do impulso pulsional, em consequência da repressão. Sabemos que esses destinos podem ser três: ou o afeto continua como é, no todo ou em parte; ou se transforma num montante de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia; ou é suprimido, ou seja, seu desenvolvimento é interrompido.(...) Toda diferença vem de que ideias são investimentos – de traços mnêmicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações. No estado atual de nosso conhecimento dos afetos e sentimentos não somos capazes de exprimir essa diferença de modo mais claro. (FREUD, 1915a/2010, p.116-7)

Em nota de rodapé, Freud aborda, mais uma vez, seu grande interesse teórico, a de modelar o trajeto quantitativo nos sistemas posteriores: “A afetividade se exterioriza essencialmente em descarga motora (secretora, vaso-reguladora) para alteração (interna) do próprio corpo sem relação com o mundo externo; a motilidade, em ações destinadas à alteração do mundo externo”.

Ou seja, as excitações somáticas são concebidas a partir de um ideal hierarquizado, cujo trabalho implica em vincular o organismo ao mundo externo. Do contrário, deixado à própria sorte, a condição centrípeta do corpo inviabiliza seu acesso em direção à realidade externa. A repressão ou uma falha neste curso ascendente implicaria numa fixação ou retorno a este estado anterior. Em uma citação na *Interpretação dos Sonhos* (1900) reconhecemos a mesma linguagem biológica dos afetos do *Projeto* (1895): “Sou compelido – por outras razões – a retratar a *liberação* dos afetos como um processo centrífugo dirigido para o interior do

corpo e análogo aos processos de inervação motora e secretória” (FREUD, 1900/1996, p.500. Grifo nosso).

É sobre este fator filogenético que Freud aborda a natureza biológica das emoções nos *Estudos*:

Mas eu sustento que o fato de que a histérica crie, mediante simbolização, uma expressão somática para a representação de colorido afetivo é menos individual e arbitrário do que se suporia. Ao tomar literalmente a expressão linguística, ao sentir a 'punhalada no coração' ou a 'bofetada' após um comentário depreciativo como um episódio real, ela não toma liberdade com as palavras, mas torna a animar as sensações às quais a expressão linguística deve sua justificação. (...) Todas estas sensações e inervações pertencem à 'expressão das emoções', que, como nos ensinou Darwin, consiste em operações em sua origem providas de sentido e de acordo a um fim; por mais que hoje se encontrem, na maioria dos casos, debilitadas a tal ponto que sua expressão linguística nos pareça uma transferência figurada, é muito provável que tudo isso fosse compreendido literalmente, e a histeria acerta quando restabelece para suas inervações mais intensas o sentido originário da palavra." (FREUD, 1893b/1996, p.202)

Nesta citação, o autor deixa clara a vinculação teórica entre as excitações somáticas e as emoções, compreendendo o significado semântico da histeria a partir da fisiologia dos afetos. Para embasar suas hipóteses recorre à obra: *A expressão das emoções nos homens e animais* (1872) de Charles Darwin. Nesta obra, Darwin define a ontogenia dos afetos como uma recapitulação filogenética da espécie.

Ainda que uma determinada expressão hereditária de afetos tenha uma importância irrelevante ou não usual no presente, entende sua repetição como um padrão biologicamente determinado, cuja atividade pode se manifestar involuntariamente podendo, inclusive, tornar-se um substrato biológico para processos de figuração representacional e/ou linguísticas.

Como vemos, as concepções freudianas sobre a herança estão intimamente relacionadas à *expressão* das emoções, ou seja, correspondem a uma recapitulação primitiva de uma linguagem corporal que, via de regra, se relacionam com os processos emocionais. Segundo Freud, não seria a relação entre os elementos executivos da linguagem que produzem o significado, e sim, na fonte biológica das sensações/emoções há muito tempo estabelecidas. A linguagem apenas se utiliza, em tempos posteriores e com recursos mais aptos disponíveis, um distanciamento dos processos primários. Isto não significa que as emoções/sensações estão desvinculadas de uma base individual, recentemente adquirida na história de um indivíduo, ao contrário, todo o edifício psicanalítico esta fundamentado na configuração da memória ontogenética, ou seja, nos dados de lembrança consciente e inconsciente vividos por um indivíduo ao longo de sua vida.

Ademais, toda a justificativa da psicanálise reside neste espaço teórico – e metodológico – que perfaz o trajeto entre a memória e a percepção. Entretanto, os afetos operariam mais próximos dos processos primários, cuja aproximação com organismo tenderia a uma compulsão universal da espécie. A experiência individual forneceria, por outro lado, restabelecer o modo particular como este sentido é experienciado, ligado e dirigido no ambiente.

Isto significa que as experiências filogenéticas ditadas pelo corpo, em contato com os primeiros objetos do mundo, forneceria a base generativa das representações. Os símbolos universais se apoiam nesta hipótese, a de uma linguagem primitiva das emoções e dos afetos sumamente corporais. Vejamos como Freud articula o modelo darwinista das expressões na produção psíquica.

Em uma “Análise de uma fobia em um menino de 5 anos” (FREUD, 1909/2015) verificamos que nas tramas oníricas de Hans, o cenário figurava duas girafas no quarto da criança – uma grande e outra amarrotada. Certo momento, Hans senta em cima da girafa amarrotada, fazendo a outra a gritar. Desesperada, a girafa grande protestava por estar afastada da companheira. De acordo com Freud, o conteúdo manifesto representava outra fantasia inconsciente composta pela ambição de tomar posse (sentar em cima) da mãe (girafa amarrotada) para desespero do pai (girafa grande). Também, em suas fantasias, a irmã Hanna era constantemente associada a um *lumf* (fezes).

A equivalência simbólica entre sentar em cima (possuir), animais (pessoas), fezes (expulsar/controlar), são alguns dos exemplos de como as imagens infantis estão apoiadas nas experiências corporais, e do modo como estas experiências físicas e emocionais, são biologicamente repassadas dando-lhe um caráter universal. Segundo Freud, a anatomia do corpo, a dinâmica e a disposição do sistema sensorial e nervoso com os primeiros objetos (sentar, engulir, cuspir, defecar, etc) emprestam-se como imagens. Primeiras representações de uma relação que será armazenada e reproduzida ao longo da história de um indivíduo. Como vemos, trata-se de uma lógica primitiva suportada num senso biológico para as emoções. Para Freud, a linguagem é, a priori, desprovida de sentido, apenas quando animada pela fonte originária das palavras, pode, por fim, restituir-lhe o vínculo que fora perdido: a dimensão do corpo e dos afetos que lhe são próprios.

Para o metapsicólogo é nos afetos que encontraríamos o ponto de junção entre a natureza e o espírito. A palavra, no entanto, ambiciona capturar um sentido que lhe é sempre corporal.

Ao buscar restabelecer os vínculos conceituais entre as cotas de afeto e as quantidades, Winograd (2013, p. 31) apresenta-nos o conceito de *Membrana*. Para a autora este esquema designaria uma espécie de película permeável entre duas realidades, do mesmo modo que permitiria, ao mesmo tempo, distinguir conceitualmente uma realidade psíquica e uma realidade biológica. Este conceito-limite é aplicado por Freud sob o termo *Grenzbegriff* para representar a fronteira entre o somático e o psíquico. Apesar de o autor se valer do termo unicamente para designar a fronteira entre as pulsões e a vida anímica, o conceito de *Membrana* de Winograd (2013) pode abarcar todo conjunto de estímulos endossomáticos conceitualizados por Freud, tais como: as excitações, os afetos, as pulsões e o próprio *Isso*. De nossa parte tomamos o esquema *Membrana* emprestado para designar conceitualmente o plano quantitativo que assediam as imagens psíquicas. Epistemologicamente, estes conceitos- limites permitiram a Freud dialogar entre duas áreas do conhecimento simultaneamente: a biologia e a filosofia.

É conhecido o fato de que, até os dias de hoje, os processos ligados à intelectualidade, a discriminação cognitiva e à atenção superior, requerem um aperfeiçoamento maturativo do aparelho psíquico e neurológico. Freud, desde os primeiros escritos, reconhece nestas atribuições um processamento secundário, em contraste com as emoções e os afetos que, como tal, operam num funcionamento preliminar, o processo primário.

O modo como estas dinâmicas basais, abaixo da linha da *Membrana*, podem afetar os processos de pensamento são didaticamente exemplificados por Freud numa experiência corriqueira. No *Projeto para uma psicologia científica* (1895b) no capítulo sobre *A perturbação do pensamento pelo afeto*, nos diz:

A experiência cotidiana ensina que a geração de afeto inibe de várias maneiras o curso normal do pensamento. Em primeiro lugar, isso se dá no sentido de serem esquecidas muitas vias de pensamento que seriam normalmente levadas em conta - isto é, à semelhança do que ocorre nos sonhos. Assim, por exemplo, ocorreu-me, durante a agitação causada por uma grande angústia, esquecer de fazer uso do telefone que acabara de ser instalado em minha casa. A via recém-estabelecida sucumbia ao estado afetivo: a *facilitação* - ou seja, o que estava *estabelecido desde longa data* - levou a melhor. Esse esquecimento envolve o desaparecimento da [capacidade de] seleção, da eficiência e da lógica no decurso [do pensamento], tal como acontece nos sonhos. Em segundo lugar, [o afeto inibe o pensamento] no sentido de que, sem que haja nenhum esquecimento, adotam-se vias que são geralmente evitadas: sobretudo, vias que *conduzem à descarga*, [tais como] ações [efetuadas] sob a influência do afeto. Em suma, pois, o processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido. (FREUD, 1895b/1996, p. 390)

Seguindo uma linguagem neurológica no *Projeto* (1895), Freud esclarece que a disseminação dos impulsos nervosos dos processos primários trafegam entre os neurônios de forma *indiscriminada e desordenada*, o que acarretaria numa expressão energética abrupta e quantitativamente equivalente à dinâmica dos afetos, sejam estes de prazer ou desprazer.

Já os processos secundários, oriundos de inibições efetuadas pelo *Eu*, são responsáveis por desvios ou *drenagens* da energia para canais competentes, isto é um escoamento mais moderado e específico. Segundo Freud, este processo (inibitório) visaria resguardar o sistema nervoso – e o aparelho psíquico – de perturbações funcionais. Estes processos serão mais bem explorados mais adiante.

Eis que ao longo dos anos, o autor consolida sua hierarquização de processos psíquicos a partir de processos estratificados e modos de descarga. A preocupação em teorizar a dialética imagem/excitação poderia oferecer uma mecânica geral da relação mente e corpo. Este alcance teórico permitiria uma compreensão mais precisa entre os fenômenos nervosos e ideativos, quanto da possibilidade de se construir um método de tratamento onde a dimensão psicológica forneceria a via de acesso e intervenção nestas áreas:

Os colegas que consideram puramente psicológica minha teoria da histeria, e que por isso a qualificam de antemão como incapaz de solucionar um problema patológico, deduzirão deste ensaio que sua objeção transfere injustificadamente para a teoria o que constitui uma característica da técnica. Apenas a técnica terapêutica é puramente psicológica; a teoria de modo algum deixa de apontar para as bases orgânicas da neurose, muito embora não as procure em alguma alteração anatomopatológica e substitua provisoriamente pela função orgânica a alteração química esperada, mas ainda impossível de conceber atualmente. Ninguém há de querer negar o caráter de fator orgânico da função sexual, na qual vejo a fundamentação da histeria e das psiconeuroses em geral. Suspeito que nenhuma teoria da vida sexual possa evitar a hipótese da existência de determinadas substâncias sexuais de ação excitante (FREUD, 1905a/1996, p. 109).

A fim de corroborar com nossas considerações, encontramos outra citação a este respeito onde Freud evidencia as duas linhas de investigação da psicanálise. De um lado, aquelas relativas ao método, das investigações clínicas e hermenêuticas, representadas pelo campo ontogenético na teoria, e de outro, aquelas do plano explicativo, da constituição e funcionamento do aparelho psíquico. Deste último que encontramos todo o intento e afirmação de Freud na neurobiologia:

Considero um erro de método recorrer a uma explicação da filogênese antes de esgotar as possibilidades da ontogênese; não vejo razão para obstinadamente negar a pré-história infantil a importância que de boa vontade se concebe a pré-história ancestral; não posso ignorar que os motivos e produções filogenéticos carecem eles mesmos de elucidação, que em toda uma série de casos pode vir da infância individual, e por fim não me surpreendo se a manutenção das mesmas condições fizer ressurgir organicamente no indivíduo o que elas criaram em tempos pré-

históricos e deixaram como predisposição para a reaquisição (FREUD, 1918-1914/2010, p. 130).

Ainda que Freud recorra à psicologia da representação para explicar a causalidade neurótica, bem como, sua justificativa para o tratamento, admite que os fundamentos de sua teoria sejam encontrados nos alicerces orgânicos. É neste momento que o autor recorre às teses neurológicas, reafirmando a ausência de alteração anatomopatológica destas perturbações.

A reconciliação da psicologia com a neurofisiologia conceberá um modelo integrativo para a representação freudiana, concebendo-a como um fluxo constituinte entre a periferia somática às facilitações corticais; sua psicopatologia estará fundamentada nas mesmas leis constituintes: na falha regulatória das quantidades pulsionais em direção ao sistema Pcpt-Cs. As condições psicopatológicas mais graves, como as psicoses, são fundamentadas neste mesmo princípio, porém em tempos urgentes de constituição, na primeira infância (FREUD, 1939/2018, p.205). A impossibilidade deste empenho promoverá uma condição cronicamente perturbadora no circuito nervoso, uma indistinção – pelo incremento da excitabilidade fisiológica – no sistema perceptivo-mnemônico. Condição que resultará num comprometimento funcional entre a alucinação e a lembrança.

Nestas condições, carentes de regulação representativa, o aparelho seguirá um funcionamento anterior ao princípio do prazer, um ideal mais primitivo do sistema nervoso: uma descarga compulsiva e automática, representada pela pulsão de morte.

Freud irá se valer deste mesmo gerenciamento energético para designar as psiconeuroses, concebendo-as como um desvio intrapsíquico – da atenção consciente – dos *quantuns* de afetos incompatíveis com a vida ideativa. Este deslocamento defensivo é plenamente justificado na abordagem econômica. Vejamos em seu artigo, *As Neuropsicoses de defesa* (1894b):

Este é, no entanto, um processo complexo, já que o afeto correspondente à representação já inscreveu no eu sua marca mnêmica, obrigando-a a valer-se de um estratagema que consiste em transformar a representação forte e uma fraca, extraindo dela o afeto, ou seja, o incremento de excitação nela entranhada. Enfraquecida, a representação já não tem como interferir no trabalho associativo, mas o incremento de excitação que foi descolado dela deve ser dirigido ao outro. (FREUD, 1894, p.56)

Vale destacar que o fator econômico fornece, inclusive, um modelo esquemático para a formação simbólica, conforme indica no *Projeto* de 1895:

A expressão “excessivamente intensa” aponta para características quantitativas. É plausível supor que o *recalcamento* tenha o sentido quantitativo de ser despojado de Q, e que a soma dos dois [da compulsão e do recalcamento] seja igual ao normal. Sendo assim, só a distribuição se modificou. Algo foi acrescentado a A, que foi subtraído de B. O processo patológico é um processo de *deslocamento*, tal como vimos a conhecer nos sonhos - ou seja, um processo primário. (FREUD, 1895b, p. 404).

Neste ponto, há um abismo antitético entre a qualidade e a quantidade. Para Freud, os processos inconscientes e pré-conscientes são representados unicamente como quantidades de excitação. Caberia à consciência, quanto aos órgãos dos sentidos, a identificação e interpretação destas quantidades¹⁵. Deste modo, Freud suporta o mecanismo de defesa sob o princípio de discriminação e redistribuição dos *quantuns*, e consumando a fórmula que garantirá sua especificidade metapsicológica:

(...) nas funções mentais, deve-se distinguir algo - uma carga de afeto ou soma de excitação - que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. (FREUD, 1894b, p. 66).

A possibilidade de converter em imagens psíquicas os processos quantitativos advoga para esta possibilidade de desarticulação subjetiva na teoria freudiana. Ao envolver a tradução e dissociação de sensações e afetos em imagens, distingue a psicanálise das demais psicologias descritivas, já que estas se baseiam numa certa proporcionalidade intrínseca entre a representação e o afeto (MONZANI, 2014, p. 89). A psicologia freudiana está suportada nesta tentativa de ligação e tradução dos processos quantitativos, onde a defesa e a interpretação, respectivamente, ocuparão um lugar privilegiado.

Em *Neuropsicoses de Defesa* (1894), Freud estreita a relação do *Eu* no acionamento defensivo capaz de desarticular a ideia e o quantum de afeto. As variações de quantidade são determinantes no modo de gerenciamento econômico, ou seja, o quanto de libido o *Eu* dispõe para identificar, dominar e escoar a excitação em níveis adequados de tensão.

O *rascunho H*, intitulado “*A Paranóia*”, anexo à correspondência a Fliess de 24 de Janeiro de 1895, o autor apresentará, ainda na forma de um esboço sucinto, as primeiras estruturas nosográficas da teoria psicanalítica (MASSOUN, 1986/1895, p. 108). Nele, estabelece os diferentes polos dissociativos – entre a ideia e o afeto correspondente – com os quadros sintomáticos, descrevendo as seguintes características: na histeria, o afeto intolerável seria afastado da consciência e convertido para as inervações somáticas associadas ao conflito.

¹⁵ Conforme nota 14.

Nas neuroses obsessivas o afeto não sucumbiria à repressão, mantendo-se conservados e substituídos por afetos opostos (formação reativa), ou ainda, deslocados para outro conjunto de associações (de ideias) prevalentes, mesmo que estas sejam eleitas a partir de relações de compromisso com o conflito. Posteriormente, Freud irá aprofundar o deslocamento obsessivo para os atos cerimoniais, como uma forma de dominação dos conteúdos intoleráveis, além de descrever os sintomas de anulação e isolamento, típico nestes quadros. Nos casos mais graves, como a paranóia e/ou na confusão alucinatória, a representação e o afeto são contidos e projetados na realidade externa, o que precipitaria num desligamento parcial com o mundo.

Não obstante, uma das mais destacáveis articulações entre o gerenciamento energético e a defesa psíquica, esta centrada na teoria da angústia. Embora, a psicanálise tenha-se forjado a partir das necessidades clínicas do conflito ideativo¹⁶, outros quadros não subjetivados, ou seja, aqueles que não obedecem à mecânica representacional irão paulatinamente adquirindo maiores refinamentos conceituais, especialmente após os anos de 1926.

Um destes quadros é o conceito de angústia. Sua nosografia fornecerá outros desvios teóricos, como também expressará, tal como define Maldavsky uma espécie de “hemorragia libidinal” no sistema (1995, p. 77). Embora haja uma modificação conceitual entre a primeira e a segunda tópica, a angústia sempre aludirá aos perigos que ameaçam o psiquismo diante da irreduzibilidade excitatória do organismo: “o afeto de angústia permanece, portanto, ligado à impossibilidade de liquidação de uma tensão. A dimensão quantitativa permanece inelutável: o afeto é o resultado de uma quantidade de excitação não-ligável, não descarregável” (GREEN, 1982, p. 81).

Quando Freud propõe esta nova entidade nosográfica em 1895, fica patente que a neurose de angústia reposicionaria a dialética imagem/excitação nos moldes de um paralelismo entre as séries fisiológicas e psicológicas. Ao apresentar-nos uma condição onde a excitação é impossibilitada de acesso ao plano das representações corticais, considerado desde 1891 a sede da memória, estes estímulos não seriam associados (ligados) às demais representações. Nesta condição de liberdade endógena, a excitação seria descarregada diretamente como uma tensão somática difusa (pressão). O acúmulo, não reconhecido na esfera ideativa, teria como resultado uma série de sintomas corporais específicos, tais como as

¹⁶ Como fator de inconsciência.

taquicardias, os tremores, a hiperventilação, etc. Já no campo ideativo, as representações não seriam dotadas de energia suficiente e deste modo incapazes de transformar esta tensão em estímulo libidinoso. Em contra-partida, a excitação seria impedida de submeter-se ao princípio de prazer e de, por fim, efetuar uma descarga moderada.

Se, para fixar melhor nossas representações sobre isto, supusermos que a excitação sexual somática se exterioriza como uma pressão sobre uma parede provida de terminações nervosas, as vesículas seminais, então, esta excitação visceral aumentará de modo contínuo, mas apenas a partir de certa altura será capaz de vencer a resistência da condução interpolada até o córtex cerebral e exteriorizar-se como estímulo psíquico (FREUD, 1895c/1996, p. 108).

Neste novo esquema, trata-se não apenas de um impedimento de descarga somato-sexual, e sim, de um não reconhecimento perceptivo (psíquico) do estímulo endógeno capaz de transformar a excitação visceral (interno) em excitação sexual dirigido a um objeto (exterior). O que está em jogo é o impedimento de uma tradução psíquica, por parte do indivíduo, de uma excitação. Apenas elevando-se a determinado nível, o estímulo vencerá as resistências corticais e exterioriza-se como uma representação psíquica, isto é, emergirá como um fenômeno psíquico, garantindo-lhe a possibilidade – ou não – de percepção. Portanto, ao garantir os trabalho e ligações necessárias para a tradução psíquica, a serie entre os níveis fisiológicos e psicológicos estariam de acordo com os correlatos emergentes. Um trabalho ascendente que envolve uma série de inibições e ligações da livre energia no córtex cerebral. Não é difícil notar o quanto na neurose de angústia o modelo do arco-reflexo incide com maior prevalência no que diz respeito a fonte e escoamento direto da excitação. O que Freud passa a reiterar, com todo seu teor neuro-anatômico, é a necessidade de escoamentos moderados no encéfalo para a constituição, funcionamento e reconhecimento estável de uma representação psíquica.

3.5 A PSICOGÊNESE DO EU: O NASCIMENTO DO APARELHO REGULATÓRIO

Para construir sua ficção de um aparelho psíquico que explicaria boa parte dos sofrimentos nervosos, Freud não nega sua ambição em realizar uma psicologia mecanicista, na qual os processos psíquicos são pensados como: i) estados quantitativamente determinados; e de ii) partículas materiais.

Tudo parecia se encaixar, exalta Freud à Fliess ao conceber sua máquina do pensar. Inicialmente regulada por princípios automáticos sob a ação primária do arco-reflexo, o

aparelho de repente complexiza-se diante de seus olhos: “(...) as engrenagens ajustavam a perfeição, dando a impressão de que o conjunto era realmente uma máquina que, de um instante para outro, poderia começar a andar sozinha” (FREUD, 1895b, p. 326).

Trata-se, sob o recorte preciso de Monzani (2014, p. 113), de fundamentar as observações clínicas num modelo de “excitações internas, estímulos internos e de leis que regulam o fluxo (ou a retenção) da quantidade que atravessa (ou não) os neurônios”. Um princípio neuronal básico e autônomo onde a fórmula estabelece as seguintes operações:

Partindo desta concepção, pode-se estabelecer um princípio básico da atividade neuronal com referência a quantidade (Q), um princípio que prometeria ser muito ilustrativo, já que parecia compreender a função (neuronal) na sua totalidade. Refiro-me ao princípio da inércia neuronal, segundo o qual os neurônios tendem a descarregar-se de Q. (FREUD, 1895b/1992, p. 296)

Ao propor uma *Psicologia científica* (1895), Freud deduz três sistemas neuronais distintos [*phi* (Φ), *psi* (ψ) e *ômega* (ω)], para percepção, memória e consciência, respectivamente. A circulação no circuito de neurônios é representada pela sigla de (Q), uma quantidade. Ainda que sua natureza não seja explorada no texto, Freud a define como uma ação que se distingue do repouso e que está submetida às leis gerais do movimento.

Para que o sistema perceptivo-mnêmico possa efetuar uma ação adequada na realidade (*spezifische Aktion*) e livrar-se da compulsão de um escoamento reflexo, deverá modificar esta tendência inercial (do sistema nervoso), tolerar mínimos de energia e complexizar a descarga nos sistemas perceptivos e motores:

Havíamos aprofundado a ficção de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho era regulado pelo *esforço* de evitar a acumulação de excitação e para manter-se tanto quanto possível desprovido de excitação. Ele foi, por isso, construído segundo o esquema de um aparelho reflexo; a motricidade, a princípio, como caminho para a alteração interna do corpo, era a via de descarga disponível. (FREUD, 1900, p. 568)

Um dos pontos de preocupação teórica de Freud está em resolver o problema da ambiguidade desta relação que envolve recepção, armazenamento e escoamento do estímulo num mesmo sistema. As hipóteses de uma permeabilidade na percepção e na memória estão presentes desde os primeiros escritos e buscam dar conta destas três exigências aparentemente conflitivas: a permeabilidade de estímulos na percepção; e a durabilidade temporal dos traços de memória; e uma estabilidade econômica (homeostática). Vale dizer que estas três pré-condições psíquicas e neuronais são também exigidas pelos processos de aprendizagem (PEREZ; BOCCA;BOCCI, 2015, p. 106). Por esta razão que a retranscrição periódica da memória requer uma percepção capaz de coletar os dados de forma irrestrita, um sistema de

reordenamento dos dados, e uma modulação quantitativa para efetuar ligações (associações) mais estáveis entre estes sistemas distintos.

Levando estas hipóteses em consideração, ao reconhecer que a memória necessita efetuar rearranjos constantes e manter níveis bioenergéticos estáveis, Freud acrescenta um vetor econômico fundamental – e sempre presente no modelo: 1) a conservação das atividades que propiciaram satisfação no passado (memória); 2) a sondagem da realidade (percepção); 3) o reencontro o objeto propiciador de satisfação (escoamento parcial).

Eis que se estruturam os pré-requisitos para o desenvolvimento do *Eu*, englobando três instâncias dinâmicas: i) a fonte endógena da excitação; ii) a memória; e iii) a percepção. Caberia a estes dois últimos sistemas (psíquicos) o gerenciamento dos estímulos de todos estes três espectros.

A partir da descrição freudiana, duas fontes assediam o aparelho e disparam a tendência inercial do arco-reflexo: os estímulos exógenos representados pela sigla (*Q*) e os endógenos (*Qn*). Com relação aos primeiros, (*Q*) de os de origem sensorial externa, ainda que apresentem intensidade relativamente alta, o trajeto neuronal que tais estímulos percorrem até os sistemas psíquicos não encontra nenhuma resistência, já que sua captação é atenuada mediante a ação prévia dos órgãos do sentidos – estes são dotados de características previamente seletivas, além de contar com a ação motora para a fuga do estímulo.

Já os estímulos do segundo grupo (*Qn*), provenientes do sistema endossomático periférico – aqueles mesmos longamente apresentados na *Carta 52* e nas *Afásias* (1891) –, por não contarem com um sistema de fuga (motora) para sua anulação, incidem no sistema mnemônico de forma constante e direta.

Na medida em que a complexidade interna do organismo aumenta, o sistema neuronal recebe estímulos dos próprios elementos somáticos – estímulos endógenos – que também precisam ser descarregados. Eles se originam nas células do organismo e dão origem a grandes necessidades fisiológicas: fome, respiração e sexualidade. (FREUD, 1895b/1992, p.341)

Devido ao acúmulo de estímulos advindo de necessidades fisiológicas insatisfeitas, e dado à condição de vulnerabilidade biológica que acomete o filhote humano, o aumento exponencial da livre energia (*Qn*) só pode ser subtraído mediante o auxílio de um agente externo.

É na figura de um agente provedor que o infante poderá sair de um desamparo mortífero. Somente através de um conjunto de objetos bem delineados pela natureza é que o sistema encontrará uma *ação específica* para sua atenuação, e que nenhuma outra poderá

substituir¹⁷, tais como: a provisão de alimentos específicos, média de temperatura, afetos corporais, etc. cuja atividade propicie satisfação. Ou seja, trata-se, a rigor, de consumir um conjunto de ações que visam atenuar uma instabilidade interoceptiva, e que estão de acordo com as necessidades de nossa espécie, ou seja, detém todo o caráter filogenético na teoria. São destas ligações nervosas entre o organismo e o córtex que a biologia dos afetos orientam uma corrente de excitação no sistema nervoso, exigindo – desde a interioridade – uma regulação progressiva das quantidades para a constituição e gerenciamento do aparelho.

Segundo Freud, a memória foi capacitada filogeneticamente a operar com dois grupos de neurônios para a recepção dos estímulos. São eles: i) Os neurônios do *manto*, para os estímulos provenientes do sistema sensorial (Q) e, ii) Os neurônios do *núcleo*, para os estímulos endógenos do organismo (Qn).

Sendo assim, as atividades regulatórias no meio externo fornecem dois fatores cruciais para a complexização da memória: i) o registro do *núcleo*, que captará as oscilações abruptas da excitação endógena, precipitando na descarga massiva nos sistemas posteriores¹⁸, e ii) o registro do *manto*, que irá registrar as imagens sensoriais da superfície corporal, ou seja, a experiência de satisfação, cuja consequência no aparelho será inibidora.

O núcleo de psi está em conexão com aquelas vias pelas quais ascendem quantidades de excitação endógena. Sem excluir as conexões destas vias com pelas quais ascendem as quantidades de excitação endógena. Sem excluir as conexões destas vias com phi, temos que sustentar, porém, a suposição originária de um caminho direto que leva desde o interior do corpo até os neurônios psi. Mas, se é assim, por este lado, psi está exposto sem proteção às Q, e nisto reside a mola pulsional do mecanismo psíquico. O que sabemos sobre os estímulos endógenos se pode expressar no pressuposto de que eles são de natureza intercelular, se geram de maneira contínua e só periodicamente se tornam estímulos psíquicos”. (FREUD, 1895b/1992, p. 360)

Esta dupla fonte e tratamento dos estímulos fornecerá a primeira articulação teórica entre os processos primários e secundários. Segundo Freud, uma interação mais eficiente entre estes dois processos depende de uma conquista psíquica: a identificação de suas fontes. Pois, é nesta condição de indistinção psicofísica que exige-se uma organização mais complexa capaz de três ações: identificar, sintetizar e mediar ambas as fontes. Para efetuar este reconhecimento, recorreremos mais uma vez às características dos estímulos endógenos e às características dos neurônios do *núcleo*.

¹⁷ de onde Freud lhe retira o termo.

¹⁸ Sistema Pcpt-Cs e motor.

Uma vez que a memória implica na capacidade de armazenar informações e tolerar excitações, os neurônios do *núcleo*, ainda que recebam os estímulos diretamente, são os únicos capazes de reter a passagem da excitação e, portanto, guardar informações em seu trajeto.

Freud postula que o caráter retentivo dos neurônios do núcleo são justificados graças às barreiras de contato – pontos de conexão entre os neurônios dessa classe que promoveriam uma resistência no escoamento. Somente quando ultrapassado certo nível, as barreiras seriam, por fim, descarregadas. Esta ultrapassagem promoveria uma modificação *funcional* no tecido cortical: as facilitações (*Barhnungen*). Em decorrência de constantes repetições e ultrapassagens da energia, os neurônios vizinhos seriam ativados através de um novo processo distributivo, as *ocupações laterais* (*Besetzung*). Estas ocupações promoveriam duas funções no aparelho: i) uma redistribuição mais ampla da descarga o que por si só já minimizariam a intensidade e, ii) novas ligações entre os traços mnemônicos, ampliando os complexos associativos. Vale destacar que os termos utilizados por Freud como *Bahnungen* (facilitação) e *Besetzung* (ocupações) se referem explicitamente a conceitos neurológicos, permanecendo constantes no funcionamento psíquico até o fim de sua obra.

Retomando, este trilhamento de neurônios facilitados (de ativações de energia) constituirão representações mais estáveis, ou seja, de prevalências constantes na passagem da excitação, em oposição com os neurônios do manto, cuja natureza é variável:

O *eu* deve, portanto, ser definido como a totalidade das catexias [de memória] existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável. É fácil ver que as facilitações entre neurônios [memória] fazem parte dos domínios do *eu* (...). (FREUD, 1895b/1992, p. 375).

Aos primeiros complexos de representações deste *proto-Eu* são imputados duas funções específicas: 1) tomar providências das necessidades que acometem o aparelho, inibindo a descarga quando o objeto de satisfação está ausente e; 2) estabelecer critérios distintivos entre os estímulos que o assediam, identificando cada uma das suas fontes: interoceptivas ou exteroceptivas.

Apesar das quantidades endógenas serem geradas continuamente pelo organismo, seria apenas quando ultrapassado certa quantidade, e ocupando os neurônios do núcleo que elas poderiam se converter em estímulos psíquicos: “Portanto, *psi*, desse lado, está exposto sem proteção às *Qs*, e nisto reside a “mola pulsional” do mecanismo psíquico”. (FREUD, 1895/1992, p.360)

Notamos que ao longo da obra, Freud está buscando teorizar uma fórmula por onde a estimulação endógena fosse descarregada adequadamente, onde o *princípio de constância* permitira preencher esta lacuna.

A valoração de Freud nos processos neurofisiológicos para o funcionamento psíquico é demonstrado pela forma que este descreve a identificação dos estímulos: 1) através de processos associativos e, 2) através dos padrões variáveis das cargas como índices de diferença. Vejamos, caberia a percepção (interna) deste *proto-Eu* comparar os padrões de excitabilidade – das representações – mais *estáveis* ligadas ao *núcleo*, como complexos de neurônios facilitados que constituiriam as representações mais ativas e investidas, com as representações *variáveis* do *manto*, de origem sensorial periférica.

Veremos que o desenvolvimento deste sistema de inferência do aparelho fundamentará, mais adiante, o teste de realidade na qual iremos abordar no quarto capítulo.

Em resumo, o que Freud apresenta-nos no *Projeto* de 1895 é uma arquitetura de rede neural, cujo propósito é o de modular quantitativamente as diferentes entradas sensoriais entre a memória e a percepção da superfície. Ajustando sincronicamente estes dois modelos de imagens recebidas no aparelho, estabelecendo diferenças por padrões de energia entre aquilo que *vê* (manto) e aquilo que *sente* (núcleo)¹⁹.

Como podemos notar neste resumo esquemático, Freud busca elucidar como ocorre a distinção psíquica entre os estímulos provenientes das entradas interoceptivas e exteroceptivas simultaneamente. A resposta para estas questões, tal como Freud designou, dirige-se a uma variância energética entre as representações. Portanto, ainda neste momento, contentamos-nos com este primeiro postulado: a indistinção entre os estímulos estaria relacionada com a invariância ou excesso de pressão (*Drang*). Guardemos, portanto, esta fórmula para prosseguirmos.

¹⁹Vale comentar, que os termos *ver* e *sentir*, não designam atividades perceptivas mais sofisticadas como a percepção externa e, tampouco, de parâmetros emocionais quanto o sentir. Afinal o aparelho psíquico não está submetido ao princípio de realidade. Trata-se de modelos de imagens construídas internamente a partir de associações a partir dos dados endógenos e os dados da superfície corporal. Estas representações estão em conformidade com as *representações coisa* exploradas no texto *O Inconsciente* de 1915.

3.5.1 O problema da qualidade

É com relação aos neurônios da consciência (w) que Freud enfrenta o problema das qualidades endopsíquicas, ou seja, da identificação das sensações no aparelho. Até aqui o teórico havia apenas considerado três condições da energia: a amplitude das cargas de excitação, seu fluxo e suas partículas materiais, os neurônios. Entretanto, Freud especula outra característica da quantidade, a frequência temporal. Nela, o padrão da frequência é transmitida como um processo de indução ao sistema consciente (FREUD, 1895b/1992, p. 354-5), por esta razão que os órgãos dos sentidos, pela característica de seleção e permeabilidade entre os estímulos externos e internos, seriam responsáveis por colher o ritmo e a periodicidade do fluxo, e a consciência, portanto, resultaria na tradução subjetiva destes processos quantitativos. Ao identificar o aumento e a diminuição do ritmo e da frequência, o aparelho estabeleceria os critérios distintivos da série prazer e desprazer. Lembrando que Freud já nos falava antes mesmo do *Projeto* (1895) de que os estímulos endógenos são de natureza contínua, e sobrevém como estímulos psíquicos em virtude de sua periodicidade. Estas descrições envolvem tudo aquilo que Freud insiste em ressaltar, na ultrapassagem de um pulso da excitação na esfera psíquica. Apenas ultrapassando este acúmulo e descarga subsequente que o aparelho psíquico tem condições de identificar o estímulo.

Em a *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud retoma este caráter frequentista da consciência, preservando suas características quantitativas:

(...) em primeiro lugar pode receber excitações da periferia de todo o aparelho, do sistema perceptivo e, além disso, pode receber excitações de prazer e desprazer, que mostram ser quase a única qualidade psíquica ligada às transposições de energia do interior do aparelho. (FREUD, 1900/1996, p. 603)

Freud, então, busca teorizar a necessidade de certos indicadores psíquicos necessários para o gerenciamento da energia. Daí decorre a necessidade de postular uma atribuição de juízos no aparelho. Critérios discriminativos das sensações geradas por estas experiências (quantitativas), que a percepção irá estabelecer indicadores por busca do prazer e evitação do desprazer.

Ademais, esta estrutura anatomofisiológica que suportará a abordagem quantitativa nas *Afásias* (1891) e no *Projeto* (1895) será retomada em *Além do princípio do Prazer* (1920), conforme veremos. Trata-se por fim de demonstrar como bem assinala Monzani (2014, p.114) que o conjunto de sensações e imagens que surgem na consciência como

estados qualitativos resume-se ao final, no curso de quantidades que estão em fluxo, retidas, fixadas ou dirigidas.

Não obstante, ao seguirmos seu caminho inverso, as correspondências outrora fiéis entre o sentido e a realidade passam a ser brutalmente questionadas, especialmente quando pensadas sob a forma de modulações privadas, internas e ritmadas na consciência.

3.6 PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DE INÉRCIA: A *BINDUNG* E A INSTAURAÇÃO DO EU-PRAZER

“To be able to choose the line of greatest advantage, instead of yielding in the direction of least resistance”. Bernard Shaw

Assegurado pelo princípio inercial do sistema nervoso, o estímulo é condenado a uma expulsão total nos sistemas motores (agitação, grito, automatismo, etc.). Este circuito primário que se estabelece entre a fonte da excitação e a descarga deve interromper sua compulsão reflexiva básica e complexizar sua trajetória. Cria-se a necessidade fisiologicamente justificável de inibir sua ação e favorecer outro tipo de escoamento, menos intenso e abrupto nos sistemas posteriores.

Seguindo a esteira dos processos hierarquizados do aparelho, recorreremos mais uma vez a função secundária. Freud ao admitir que existam resistências opostas a livre energia (anti-catexias) adiantamos um trecho do *Além do princípio de Prazer* (1920) que serve bem ao presente capítulo. Nele, Freud afirma que o princípio de prazer é um derivado direto do princípio de constância e que seu empenho alude ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade* (FREUD, 1920/2010, p. 166).

Entendamos, portanto, este ideal:

Conforme vimos, o acréscimo de pressão endógena que urge por descarga, visaria a uma expulsão radical de estímulos, impedindo a construção de representações que exigem retenções mínimas na circulação da energia. O princípio de inércia que fundamenta o sistema nervoso primário, impõe um tráfego sem nenhum tipo de inibição ou direcionamento. É preciso, portanto, domesticar a intensidade dos estímulos (Q), e torna-lo tratável nos sistemas psíquicos.

(...) Com isso, o sistema neuronal se vê obrigado a abandonar sua *tendência primitiva a inércia*, quer dizer, ao nível (de tensão) = 0. Deve apreender a tolerar o acúmulo de certa quantidade ($Q'n$) suficiente para cumprir as demandas da ação

específica. Na forma como o faz se traduz, sem duvida, a persistência da mesma tendência, modificada no sentido de manter, pelo menos, a quantidade ($Q'n$) no menor nível possível e de defender-se contra todo aumento desta; quer dizer, de manter constante (seu nível de tensão). (FREUD, 1895b/1992, p. 341).

O aparelho neuronal deve se submeter a operações preliminares que promoverão uma robustez no aparelho. Este fato imputa duas condições interdependentes: 1) uma multiplicação de vias de descarga e, 2) uma minimização da intensidade, efetuando descargas mais ponderáveis nos sistemas posteriores. Segundo Freud, apenas no cumprimento destas operações nos circuitos pulsionais que a memória e a percepção poderiam trabalhar cooperativamente, pelo menos de forma mais eficiente.

Recapitularemos o processo agora em outra perspectiva. Como vimos até agora, os estímulos internos (*Reizendogene*) apenas cessariam do represamento exponencial (*Stauung*) quando efetuada uma ação adequada na realidade externa, a ação específica. Esta manutenção da excitabilidade propiciaria um esvaziamento do acúmulo de estímulos. Fato que estaria em conformidade com o sistema reflexo. Entretanto:

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (FREUD, 1895b/1996, p.363).

A relação entre um indivíduo e um cuidador encarnado é fundamental neste processo, já que a satisfação da pulsão depende da manutenção de um objeto específico no ambiente. Sua intervenção cumpre o papel de modificar o circuito pulsional, minimizando sua intensidade e complexizando o circuito – entre entradas e saídas endopsíquicas – para aquele indivíduo.

Buscaremos compreender o que Freud está afirmando quando alude a esta posição favorável, a “de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária”. Freud está garantindo certa eficiência autônoma no aparelho. Ao obter uma vivência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*), a descarga da estimulação do *núcleo* será emparelhada com as percepções de movimento do objeto (interno) através dos neurônios do *manto*. Daí em diante, a cada acúmulo identificado pelo *núcleo*, uma associação será restabelecida pelos registros do *manto*, reproduzindo as imagens e movimentos ligados à satisfação. Conforme vimos, a repetição e intensidade deste evento modificará o curso da descarga através de facilitações corticais. Agora, invés do acúmulo acionado pelo estado de urgência, (*Notzstand*), e acionar a resposta reflexa na extremidade motora, o aparelho buscará reinvestir

(*Wunschzustand*) a imagem produtora de satisfação, consumando a realização *virtual* de desejo.

Sendo a tendência dominante do sistema reflexivo à descarga intensa e imediata, será a vez da imagem psíquica que agora está interposta entre a fonte da estimulação e o sistema motor que receberá o investimento. É justamente por esta posição tópica que, quando completado certas condições constitutivas necessárias, quiçá num futuro próximo, que as representações que constituem o *Eu*, mais consistentes e estabilizadas, operarão como uma barreira protetora de estímulos – endógenos. Entretanto, neste período do desenvolvimento, o aparelho ainda rudimentar, dotados com a miríade de movimentos que acompanharam a vivência de satisfação, serão reproduzidos fielmente no sistema sensorial de forma alucinatória. Afinal, são estas poucas representações que se oferecem como destino de todo o acúmulo endógeno, antes da inevitável descarga motora.

Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento. (FREUD, 1895b/1992, p. 364)

Baseado na força centrípeta do registro de prazer, o sistema de memória será o novo destino para a excitação. Eis que se estabelece o estatuto de uma identidade perceptiva. De agora em diante os processos primários não obedecem integralmente ao sistema reflexo, estão apenas, conforme bem explicita Monzani (2014, p.103) “mais próximos que o processo secundário”.

Ainda que as imagens na memória promovam uma postergação para a descarga motora, este circuito rudimentar está fadado à frustração. A ausência de representação do objeto externo, e a inabilidade motora não permitirá o alívio esperado, além de submeter ao aparelho a grandes quantidades de excitação. Somente quando efetuadas novas inibições que as representações não serão tratadas como uma percepção, mas sim como uma experiência de lembrança. Esta minimização da energia (endógena) poderá, por fim, fornecer uma distinção mais confiável entre a fantasia e a realidade.

Como podemos notar, estas atividades buscam oferecer uma emancipação gradativa da percepção, na qual trataremos nos próximos capítulos. Mas um fato em especial deverá ser antecipado. Segundo Freud, de agora em diante o aparelho deverá reter, sem descarregar via alucinatória ou motora, quantidades cada vez maiores de excitação até que seja apresentado na percepção (exterior) o objeto responsável pela sua consecução. Portanto, este conjunto de atividades prazerosas – vividas internamente – não invalida a importância da experiência, ao

contrário, legitima-as, pois é assegurando a qualidade destas que se “origina um interesse para reconhecer esta imagem perceptiva” (FREUD, 1895b/1992, p. 364).

Por esta razão que o objeto na realidade externa deverá coincidir – sensorialmente – com a imagem de satisfação interna. Ou seja, é desta sincronia entre satisfação e objeto percebido que o próprio objeto será categorizado como um índice de realidade (*Realitätsanzeichen*). Operação que promoverá tanto o reconhecimento exterior, como também, fornecer uma descarga adequada.

Por ora, retomamos às experiências endógenas do aparelho e sua relação com o escoamento da excitação. As imagens de satisfação promovem, tal como vimos, uma retenção da descarga antes de ganhar o inevitável escoamento motor (ex. choro). É disto que Freud nos fala quando afirma que a criança “aprende a empregar intencionalmente estas manifestações de descarga como método de expressar suas emoções” (FREUD, 1911/1992, p. 112). A modulação da expressão externa tal como o choro manhoso, reflete um trabalho de modulação gradativa da excitação. Antes, a tensão encontrava uma única via de expressão, a descarga automática e compulsiva no sistema motor. Agora, o choro modular reflete uma retenção progressiva através das representações na memória e na fantasia.

Este procedimento é confirmado por Hanns (1999, p. 92), onde afirma que a retenção do livre escoamento da energia pulsional implica na capacidade de facilitações (*Bahnung*) e de ligação (*Bindung*) na memória. Deste modo, as inscrições de satisfação poderão fornecer dois modos de a energia circular: livremente ou atada (*gebunden*)²⁰. O alcance teórico do *Projeto* de 1895 para o modelo dos *Sonhos* torna-se ainda mais evidente, inclusive quando Freud transcreve a passagem da excitação numa perspectiva neuronal em 1900:

Dessa maneira, postulo que, em prol da eficiência, o segundo sistema logra conservar a maior parte de suas catexias de energia em estado de quiescência e empregar apenas uma pequena parte do deslocamento. A mecânica desses processos é-me inteiramente desconhecida; quem desejasse levar estas ideias a sério teria de procurar analogias físicas para elas e descobrir um meio de visualizar os movimentos que acompanham a excitação neuronal. (FREUD, 1900/1996 p. 625-6).

Estas facilitações, operando segundo o princípio de prazer, denunciam a finalidade dos sonhos: uma projeção virtual da vida adulta que recapitularia os mesmos trajetos de

²⁰ Em nota Hanns (1999, p.92) esclarece o significado de *Bindung*, salientando que o termo tem sido traduzido por *ligação*, o mesmo que frequentemente é traduzido por *Veknüpung* e *Verbindung*, compartilhando, equivocadamente, do mesmo significado. *Bindung* não se refere a uma ligação funcional como conexão ou associação, e sim detém uma especificidade material como um “atamento”, “fixação”, “aprisionamento”, etc. Quando Freud expressa no *Projeto* que “o ego é uma rede de neurônios bem facilitados (*Gebahnt*) entre si”, refere-se ao termo *Bahnungen* (facilitações) onde a energia pulsional (catexia ou investimento) circulam de um neurônio ao outro. Portanto, o vínculo associativo entre as representações implicam numa ocupação minimamente retida da energia, num sentido neuronal.

satisfação. Ainda que os processos de alucinação primária e os sonhos sejam o mesmo, há um distanciamento quanto o grau. Nas revivências oníricas, a realização do desejo está deformada por incontáveis processos de inibição, segundo o qual, o recalçamento é o maior representante. A alucinação por não contar com processos inibitórios mais sofisticados está mais próxima do livre escoamento.

Através destas diferenciações econômicas, a realidade exterior e a psíquica passam a compor dois modos distintos de funcionamento: “se olharmos para os desejos inconscientes reduzidos a sua mais fundamental e verdadeira forma, teremos de concluir, fora de dúvida, que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material” (FREUD, 1900/1996, p. 644).

4 O PRIVILÉGIO DO ECONÔMICO NA METAPSICOLOGIA

4.1 UMA TÓPICA ENERGÉTICA

A arquitetura de um tratamento hierarquizado (leia-se inibitório) do sistema nervoso permitiu à Freud estabelecer as mais profundas respostas sobre o funcionamento psíquico. Estas hipóteses, segundo nossa pesquisa, permitiram a construção dos conceitos antitéticos mais pertinentes da teoria: alucinação e lembrança, representação e percepção; processo primário e secundário; realidade psíquica e realidade exterior; princípio de prazer e princípio de realidade; imagem e excitação; pulsão de vida e pulsão de morte; corpo e psiquismo.

Ainda que recorramos à repetição dos mesmos conceitos, valemo-nos deles para demonstrar a persistência do mesmo fenômeno no modelo freudiano. Todas estas pares de relações gravitam no estatuto do *Eu* que, segundo Freud é o responsável por efetuar esta gradação. Uma perturbação nesta organização comprometeria as passagens entre excitação e descarga, cuja gravidade psicopatológica é evidenciada ao longo de nossa pesquisa como uma perturbação da livre energia.

Se Freud afirma que os processos mentais são melhores descritos a partir de uma abordagem econômica (FREUD, 1920/2010, p. 01), caberia, ao *Eu*, portanto, a responsabilidade de manter a regulação excitatória preservada, esforçando-se *por mantê-la “tão baixa quanto possível ou, pelo menos, do por mantê-la constante”* (1920/2010, p. 02).

Uma das questões mais pertinentes para a nossa pesquisa está na transição de uma perspectiva tópica para uma estrutural entre os anos de 1920 e 1923, com o *Além do princípio de prazer* e o *Ego e o Isso*, respectivamente. Nestes textos, Freud propôs uma nova topografia para o aparelho mental substituindo os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente em termos de *Isso*, *Eu* e *Super-eu*. A crença numa ruptura radical na teoria – em torno da qual a noção de inconsciente seria oposta ao sistema pré-consciente- consciente, e da pulverização do *Eu* como o principal agente da defesa – é enormemente relativizada quando abordados numa perspectiva quantitativa.

De acordo com Monzani (2014, p. 230), mesmo a noção do recalçado e sua relação com o *Eu*, que sofreram alterações significativas na segunda tópica, estão de vários modos harmonizadas com a dinâmica de sistemas oriundos da primeira.

Vejamos que as representações da consciência e do inconsciente, outrora determinadas pela posição topográfica, são agora concebidas como qualidades psíquicas. É a partir deste gerenciamento que as representações passam a compor ora partes inconscientes, ora conscientes.

Acrescento a observação de que a topologia psíquica aqui elaborada não tem relação nenhuma com a anatomia cerebral, que a toca somente num ponto, na verdade. O que há de insatisfatório nessa concepção, que eu percebo tão claramente quanto o leitor, vem de nossa completa ignorância da natureza dinâmica dos processos psíquicos. Dizemos a nos mesmos que o que diferencia uma ideia consciente de uma pré-consciente, e esta de uma inconsciente, não pode ser senão uma modificação, talvez uma outra distribuição da energia psíquica. Falamos de investimentos e superinvestimentos, mas, afora isso, não dispomos de nenhum conhecimento ou sequer de um ponto de partida para uma hipótese de trabalho viável. (FREUD, 1939/2010, p.136)

O ponto de verdade repousa na dinâmica do cérebro e do sistema nervoso, representado pela abordagem hierárquico-dinâmica, e seu abandono anatômico referem-se exclusivamente ao localizacionismo, longamente detalhado em nossa pesquisa. Vislumbramos assim, um significativo retorno de uma matriz energética para as representações, onde as condições para o surgimento na consciência serão determinadas por padrões de ativação ou inibição cortical, conforme estabelecia no modelo proposto nas *Afásias* (1891), no *Projeto* (1895), e também na *Interpretação dos Sonhos* (1900) quando alude ao esquema pente:

Descrevemos o último dos sistemas situados na extremidade motora como o “pré-consciente”, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que so se pode descrever como atenção esteja distribuída de uma dada maneira. (FREUD, 1900/1992, p. 578)

Freud não descarta radicalmente sua tópica psíquica. O que define sua *nova localização* é a variância quantitativa na consciência. Deste modo, o *Isso* sobrevém como uma quantidade gerada pelos estímulos endógenos do organismo, e é a partir dele que o *Eu* está assentado:

Um indivíduo é agora, para nós, um Isso psíquico, não conhecido e inconsciente, sobre o qual, como uma superfície, se assenta o Eu, desenvolvido desde o sistema P (sistema perceptivo) como se fosse seu núcleo. Se tratarmos de obter uma figuração gráfica acrescentaremos que o Eu não envolve ao Isso por completo, mas só na extensão em que o sistema P forma sua superfície (a superfície do eu), como o disco germinal se assenta sobre o ovo, por assim dizer. O Eu não esta taxatamente separado do Isso: conflui desde embaixo com o Isso (...). É fácil compreender que o Eu é a parte do isso alterada pela influência direta do mundo exterior, com a mediação de P-CS: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies (FREUD, 1923/2010, p. 30).

Um *Eu* que se diferencia do *Isso* unicamente pelo seu contato com as exigências externas, nos impele a destacar que estas exigências envolvem os modos adequados de gerenciamento energético para a autonomia e sobrevivência do sistema. O protótipo funcional posterior aos anos de 1920 seria, então, carente de fronteiras bem traçadas, ainda que a organização do *Eu* seja concebido como um órgão iminentemente sensorial e, portanto, muito ligado à superfície perceptiva e a consciência até o fim da obra. Entretanto, esta mesma organização, será, dali em diante, grande parte inconsciente, operando como um mediador entre os estímulos endógenos e exógenos simultaneamente. As distintas localizações e sistemas são substituídos para os diferentes processos do *Eu*, cuja exigência recai no trabalho imposto na domesticação das pulsões, e de seus modos mais reguláveis de escoamento.

Afinal, as primeiras expressões do *Isso* são descritas como desorganizadas e intensas e, portanto, obedientes à descarga absoluta (compulsão). Por estas razões que seus processos são designados como atemporais e imunes à negativa e a contradição. Em seus atributos não se encontram processos secundários tais como o pensamento e a linguagem, pois, como bem define Manzonni (2014, p. 213), “toda a lógica está ausente”. Seu comportamento descreve, num nível puramente aproximado, a mais elevada expressão das paixões, ainda que sua natureza vincula-se a um campo biológico mais radical. Neste esquema preserva-se um senso tópico na teoria, apoiado na hierarquização de processos energéticos.

4.2 O NÚCLEO BIOLÓGICO DO INCONSCIENTE

Embora a teoria freudiana promova uma vigência hermenêutica do psiquismo, especialmente quando recorremos ao plano metodológico, os textos metapsicológicos (1914-1917), por outro lado, representam a regência do plano energético na teoria, estruturando o plano explicativo do aparelho. Não obstante, um texto de 1922, demonstra esta tendência insuperável de valoração quantitativa no modelo:

Parece-me que aqui temos uma descoberta importante, ou seja, que o fator qualitativo, a presença de certas formações neuróticas, possui menos significação prática que o fator quantitativo, o grau de atenção ou, mais corretamente, a catexia que essas estruturas podem atrair para si próprias. (...) Assim, à medida que nosso conhecimento cresce, somos cada vez mais impelidos a trazer o ponto de vista econômico para o primeiro plano. (FREUD, 1922/2011, p. 217-18.)

Aqui é a mecânica da força, a disfunção econômica que propiciará o julgamento e o sentido como um sinal de desprazer. Conceito que já aparece no texto *A Repressão* (1915),

descrevendo a possibilidade de um recalçamento originário (*Urverdrängung*) na origem do aparelho psíquico e a instalação de profantasmias (*Urphantasien*) como o núcleo (*Kern*) do inconsciente: “O destino do quantum de afeto pertencente à representação é, de longe, mais importante que a representação: é ela que decide o julgamento que fazemos sobre o processo da repressão” (FREUD 1915a/2010 p. 93). Trata-se de uma defesa primária que estaria condicionada a regra biológica: a evitação do desprazer. Aqui o plano hermenêutico e o explicativo do aparelho psíquico vinculam-se mutuamente fornecendo um modo de pensar a clínica e seus limites. Nesta consideração, os textos *Construções em análise* e *Análise terminável e interminável* de 1937, são os maiores representantes destes impasses. Entretanto, estes textos evidenciam a conjugação notável dos fatores econômicos e hermenêuticos no método psicanalítico.

Retornando o texto metapsicológico de 1915, Freud volta a designar os representantes do núcleo pulsional em correspondência quantitativa com os montantes de afeto:

Para designar esse outro elemento da representante psíquica já se encontra estabelecido o termo de montante afetivo; ele corresponde a pulsão, na medida em que este se desligou da ideia e acha expressão, *proporcional a sua quantidade*, em processos que são percebidos como afetos. De agora em diante, ao descrever um caso de repressão, termos de acompanhar separadamente aquilo em que resultou a ideia, devido à repressão, e o que veio a ser da energia instintual que a ele se ligava. (FREUD, 1915a/2010, 91-2).

Os afetos dotados de alta valência quantitativa são desligados das representações originais, e ao operar nesta condição de liberdade excitatória, equivalem-se a lógica pulsional, cuja expressão econômica visa a rapidez e a compulsão da descarga. Do contrário, representações menos intensas, do ponto de vista quantitativo, tenderiam a estabelecer associações mais estáveis e regulares no aparelho.

Seguindo esta linha de pensamento, a natureza dos processos econômicos na vida psíquica torna ainda mais evidente o quanto dos conteúdos herdados filogeneticamente e os reprimidos comportam-se identicamente na vida anímica, especialmente quando referidos sob uma abordagem quantitativa na concepção freudiana. A expressão persistente deste núcleo biológico para o aparelho psíquico foi reafirmado em vários textos, sobretudo, em *O Inconsciente* (1915), designando estes processos, inclusive, como uma lei biológica de origem pré-erótica:

Pode-se comparar o conteúdo do inconsciente ao Isso que seria no domínio psíquico, uma população aborígine. Se existem no homem formações psíquicas herdadas, alguma coisa de análogo ao instinto dos animais, elas constituem o núcleo do

inconsciente. Depois junta-se a elas o que foi eliminado no curso do desenvolvimento da criança como inutilizável e que não precisa ser de uma outra natureza que aquilo que é herdado. (FREUD, 1915d/2010, p. 138).

Estes conteúdos seriam desvinculados das representações, e ganhariam expressão sob a forma de impulsos, afetos e excitações, capazes de acréscimo, diminuição ou inibição. Daí em diante, Freud apresenta com maior rigor de detalhes os destinos variados do fator quantitativo da representante pulsional sob a forma de: suprimido, ideia, afeto, ou sob a forma de angústia. Neste sentido, partindo do capítulo VII de *Além do princípio de prazer*, Monzani (2014, p. 198) refaz a questão freudiana em distinguir se os sentimentos de prazer e desprazer são produzidos nos processos primários, a resposta a este problema é que, os afetos além de ocupar um *lugar* privilegiado nos processos primários, como também, estes mesmos sentimentos são muito mais intensos quando não submetidos a vinculação (*Bindung*) da excitação.

É justamente nesta disposição estratificada para as representações, dotada de uma influência física em sua base psíquica, que a filogenia ganhou relevos cada vez mais marcantes na teoria freudiana. Não é para menos que o princípio de Broussais²¹ se disponha com tamanha precisão ao identificar um processo normal ou patológico apenas pelo seu valor quantitativo.

Ao conceber diferentes substratos tópicos-energéticos, ainda que impreciso do ponto de vista anatômico, que imperariam a “agitação fervilhante” das influências endógenas sobre as representações mais elevadas do pensamento. Ainda que sua imprecisão material seja insuficiente do ponto de vista teórico, sua emergência quantitativa não desconsidera sua preeminência e atuação na mente.

Na conferência XXXI, das *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936), em a *Dissecção da Personalidade Psíquica*, o Isso como base dos processos primários do aparelho é apresentado da seguinte forma:

Abordamos o Isso com analogias; denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades instintuais que nele encontram

²¹ “Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas – pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente. Isso não é propriamente novidade, embora talvez seja conferir ênfase incomum ao que é do conhecimento geral. Por outro lado, bem conhecemos a noção de que a patologia, tornando as coisas maiores e mais toscas, pode atrair nossa atenção para condições normais que de outro modo nos escapariam. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limite, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo”. (FREUD, 1932/1996, p.194).

expressão psíquica; *não sabemos dizer, contudo, em que substrato*. Está repleto de energias que a ele chegam dos instintos, porém não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades instintuais, sujeita à observância do princípio de prazer. As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao Isso, e isto é verdadeiro, acima de tudo, quanto à lei da contradição. Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro: quando muito, podem convergir para formar conciliações, sob a *pressão econômica* dominante, com vistas à descarga da energia. (FREUD, 1932/1996, p.215. *Grifos nossos*).

Estes elementos somáticos, na qual imperariam a entrópica livre-energia, são abordados sob os termos de excitações, representados apenas mediante analogias: “O fator econômico domina todos os seus processos ou, se preferirem, o fator quantitativo, que está intimamente vinculada com o princípio de prazer. Catexias instintuais que procuram a descarga, isso em nossa opinião é tudo o que existe no Isso” (FREUD, 1932/1996, p. 216).

Ao *Isso* o autor designa a instância no aparelho responsável por chegar à quantidade gerada pelo organismo. É a partir dele que a excitação, submetida as suas próprias leis, transformar-se em expressão psíquica. Na citação abaixo Freud apela para a compreensão do problema psiquismo/corpo que envolve diretamente o *Isso* e as moções pulsionais:

Desde logo, o Isso não conhece valorações, nem o bem, nem o mal, nem moral nenhuma. O fator econômico ou, se vocês quiserem, quantitativo, intimamente enlaçado com o princípio de prazer, governa todos os seus processos. Investimentos pulsionais que pedem por descarga: acreditamos que isso é tudo no isso. Parece, é verdade, que a energia dessas moções pulsionais se encontra em outro estado do que nos demais distritos anímicos, é móvel e suscetível de descarga com maior rapidez, pois do contrário não se produziriam estes deslocamentos e condensações que lhe são característicos e dispensam tão completamente da qualidade do que foi investido – no que eu chamaria de representação. O que daríamos para compreender melhor estas coisas! (FREUD, 1932/1996, p. 216).

Por esta razão que o autor confirmará em 1938, toda sua contribuição biológica para a psicologia:

Os fenômenos que nós elaborávamos não pertencem só a psicologia: tem também um lado orgânico-biológico, e, em consonância com isso, em nossos empenhos em torno da edificação da Psicanálise temos feito também substantivos achados biológicos e não pudemos evitar novas suposições nessa matéria. Mas, permaneçamos, em princípio, na psicologia. (FREUD, 1938, p. 257).

Muito embora tenham estado sempre presentes os fatores ambientais e biológicos para o psiquismo, a manifestação patogênica apenas se faz presente quando forem atingidos determinados limiares quantitativos, ou seja, alcançarem certas intensidades. O autor argumenta que deve ser levada em consideração a suposição de que todos os seres humanos dispõe de um certo grau, determinado por fatores biológicos de condições qualitativamente semelhantes, e que sua variação difere apenas em virtude das condições quantitativas:

(...) a experiência ensina que para maioria dos seres humanos existe um limite mais além do qual sua constituição não pode obedecer à exigência da cultura. Todos os que pretendem ser mais nobres do que sua constituição lhes permite caem vítimas da neurose; teria sido melhor se tivessem podido ser piores. (FREUD, 1908/2015, p 373-4).

Nesta controversa citação, Freud admite que para cada indivíduo é dotado um limite constitutivo. Entretanto, perguntamo-nos, qual seria a natureza deste limite, e qual função desempenharia? Sobre sua natureza encontramos uma citação bastante elucidativa nos *Três Ensaio*s (1905): “No campo da vida sexual, justamente, se tropeça com dificuldades particulares, na verdade insolúveis por agora, se por acaso pretende traçar um limite taxante entre o que é mera variação dentro da amplitude fisiológica e os sintomas patológicos” (FREUD, 1905b/2016, p. 56).

Quanto a sua função:

As neuroses possuem, de fato, sua função biológica, como um dispositivo protetor, e têm sua justificação social: a "vantagem da doença" que proporcionam não é sempre uma vantagem puramente subjetiva. Existe alguém entre os senhores que, alguma vez, não examinou a causalidade da neurose e não teve que admitir que esse era o resultado mais suave possível da situação? (FREUD, 1910a/2013 p. 300).

Freud deixa claro que os fatores protetores da neurose, além de sua justificação subjetiva e social, compartilham de uma designação biológica. Os valores limiares do quantitativo encontram sua vertente fisiológica através da regulação psíquica. Eis os fatores constitucionais em Freud, a disposição anímica e a estrutura biológica de modo cooperativo para a sobrevivência da espécie. Cabe a esta expressão quantitativa, cujo propósito biológico ambiciona o “mais suave”.

4.2.1 A plenitude da ausência de excitação

Em *Além do princípio de Prazer* (1920), Freud irá destacar a pertinência dos processos regulativos da excitação “uma descrição que, junto ao fator topológico e ao dinâmico, procure levar em conta esse fator econômico, parece-nos ser a mais completa que hoje podemos imaginar, merecendo a designação de metapsicológica”. (FREUD, 1920/2010, p.162). Ao elevar o fator econômico em primeiro plano em 1920, Freud intitula como metapsicológico uma teoria capaz de fornecer hipóteses sobre a dinâmica psíquica em sua totalidade. Vejamos um exemplo destas descrições a partir de uma abordagem metapsicológica no cap.IV:

A especulação psicanalítica parte da impressão, recebida na investigação dos processos inconscientes, de que a consciência pode não ser a característica geral dos processos psíquicos, mas apenas uma função particular deles. Em termos metapsicológicos, ela afirma que a consciência é realização de um sistema especial, que denomina *Cs*. Dado que a consciência fornece, essencialmente, percepções de excitações vindas do mundo externo e sensações de prazer e desprazer que podem se originar apenas do interior do aparelho psíquico, pode-se atribuir ao sistema *P-Cs* uma localização espacial. Ele deve estar na fronteira entre exterior e interior, voltado para o mundo externo e envolvendo os outros sistemas psíquicos. (FREUD, 1920/2010 p. 184-185).

E, continua:

Notamos que com essas hipóteses não arriscamos algo novo, mas acompanhamos a anatomia cerebral, que situa a sede da consciência no córtex, a camada mais exterior do cérebro, que envolve as demais. A anatomia cerebral não precisa ocupar-se da razão pela qual – anatomicamente falando a consciência esta alojada justamente na superfície do cérebro, em vez de bem abrigada em algum íntimo recôndito seu. Talvez consigamos ir mais longe, na busca de explicação para esse local em nosso sistema *P-Cs*. (FREUD, 1920/2010 p. 185).

Observamos que Freud assume como abordagem uma descrição integrada dos processos psíquicos, cujos termos metapsicológicos reaparecem sob a forma de: sistemas, excitações, sensações e localizações funcionais no interior do aparelho, sem descartar o funcionamento nervoso. Neste âmbito especulativo de hipóteses, sem deixar de apoiarem-se nos dados da realidade, o autor não hesita em ansiar por uma teoria que pudesse melhor informar sobre o significado das quantidades de excitação (prazer e desprazer) que agem tão imperativamente sobre a vida anímica.

Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade de excitação – não ligada de nenhuma maneira – existente na vida psíquica, de tal modo que o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição desta quantidade. Nisso não pensamos numa relação simples entre a força das sensações e as modificações a elas correspondentes; tampouco – após tudo o que nos ensinou a psicofisiologia – numa proporção direta; provavelmente o fator decisivo para a sensação é a medida de diminuição ou aumento num dado período de tempo. A experimentação talvez contribuisse em algo neste ponto, mas para nós, psicanalistas, não é aconselhável adentrarmos esses problemas, enquanto observações bem definidas não nos possam guiar. (FREUD, 1920/2010 p. 163).

Observamos o quanto nesta citação há presente uma retomada explícita das teses apresentados nas *Afásias* e no *Projeto*. Acima, o autor resgata, ainda que indiretamente, sua crítica psicofisiológica meynertiana onde afirma uma relação direta entre as séries fisiológicas e psicológicas. Alude também o fator periódico das quantidades – aumento e diminuição da excitação – como índices qualitativos da sensação. Ademais, reafirma a necessidade de experimentação psico-física nestas áreas, ainda que sua prática seja recomendada fora do exercício psicanalítico, ou seja, paralelas à prática clínica. Estas contribuições estariam

voltadas ao embasamento e legitimidade da própria psicanálise, constituindo, nas palavras de Freud, um verdadeiro guia. Este empreendimento foi destacado em um sugestivo título “O interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas”:

Pois do lado de suas relações com o consciente, com o qual tem bastante em comum, o inconsciente é fácil de descrever e ser acompanhado em seus desenvolvimentos; mas aproximar-se dele a partir do processo físico ainda parece fora de cogitação. Portanto, tem de ser objeto da psicologia (FREUD, 1913a/2012, p.347).

Enfim, todo o intento teórico e clínico freudiano trataria de acessar “o curso dos processos de excitação na vida mental” (FREUD, 1920/2010 p. 184). O lado psicológico de sua prática não exclui a investigação física dos processos envolvidos, cuja única tentativa de aproximação parte das contribuições de outras áreas e das experimentações. Por esta razão que consideramos não ser por acaso que Freud inicia seu texto com uma extensa exaltação à Fechner e seu modelo psicofísico²².

Tais postulados envolvem o predomínio das sensações fornecidas pelo princípio de prazer e suportados numa abordagem econômica dos processos psicofisiológicos. É deste enquadramento que o aparelho psíquico se empenha em conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante, e qualquer aumento seja percebido como disfuncional. Eis o princípio de fechneriano, cuja tendência na vida psíquica visa à estabilidade.

Ainda que Freud nunca tenha abandonado a transitividade do prazer-desprazer orientando as ações de um indivíduo, Hanns (1999, p. 66) observa que a fórmula derivada de um acúmulo do estímulo (*Reizspannung*) vivida como desprazer e sua descarga como prazer, fundamental até os anos de 1920, não mais refletirá a observação clínica, especialmente sobre o masoquismo:

Parece que eles dependem não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa. Se pudéssemos dizer o que é essa característica qualitativa, estaríamos muito mais avançados em psicologia. Talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade estímulo (*Reizquantität*). Não sabemos. (FREUD, 1924b/2011, p.186-7).

Vejamos o quanto Freud em 1924, retoma o modelo do *Projeto*, anunciando o caráter qualitativo da psicologia a partir da oscilação rítmica dos estímulos. Evoca as mudanças de estados da consciência a partir de elevações e quedas de frequência. Anos antes, em *Além do Princípio de Prazer* (1920), Freud retomou as características da superfície cortical, enfatizando seu papel protetor contra estímulos (*Reizschutz*). Os órgãos sensoriais, como

²² *Einige Ideen zur Schöpfungs – und Entwicklungsgeschichte de Organismen* (Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos, de 1873).

atribuições adjacentes do córtex, obedeceriam – durante seu desenvolvimento – a esta finalidade biológica de selecionar e reconhecer a direção dos estímulos externos, e o impacto massivo no sistema psíquico. Seria, portanto, a responsabilidade do sistema Pcpt-Cs o fracionamento da intensidade, dotando os estímulos de ambos os polos a uma qualidade espaço-temporal, incluindo sua auto-percepção, como um fenômeno regular e ordenado.

Desta forma, Freud amplia a noção kantiana segundo a qual o espaço e o tempo são formas necessárias ao pensamento, indicando que estas características resultam de um trabalho imposto na camada cortical, do sistema Pcpt-Cs para a excitação. Este tipo de processamento psíquico – vale-se dizer suportado na neurobiologia freudiana – decorre de um trabalho imposto na redução do estímulo. Seu efeito na consciência, fundamentalmente psíquico, se opõe à atemporalidade do processamento inconsciente, cujo fracionamento da excitação é inoperante, ou seja, é livre (FREUD, 1920/2010, p. 190).

Ainda que os fatores qualitativos da mente reflitam esta variação mecânico- fisiológica da quantidade, Freud deixa ainda mais claro a não correspondência entre o princípio do prazer, cujo movimento envolve acréscimos e decréscimos, e a tendência inercial do sistema nervoso que busca esvaziar-se inteiramente. Este modo de pensar a descarga massiva do estímulo passa a ser representado no *Princípio de Nirvana*, o qual objetiva a decomposição mais radical das ligações e o retorno ao estado inorgânico, conforme trataremos mais adiante.

Já ao princípio de prazer caberia guiar o acúmulo, através da percepção de desprazer (*Unlust*) para o prazer (*Lust*), propiciando uma espécie de homeostase mental e evitando a aniquilação da fonte pulsional. Neste novo enquadramento de 1920, o prazer pode crescer com a tensão e a descarga não visaria mais à eliminação tensional.

Vemos que o desprazer (*Unlust*) oriundo do acúmulo de estímulos insatisfeitos encontra satisfação apenas quando certo limiar é cumprido e, a partir dele, propicia-se uma descarga adequada. Agora a ênfase freudiana não estaria mais no ciclo do desprazer inicial e prazer pelas quais orientavam as relações econômicas do aparelho até a presente data, mas sim nas circunstâncias onde a pulsão estaria ou não inibida, fornecendo um grande acúmulo e pressão do estímulo. O foco dado por Freud a partir de 1920 é na fonte pulsional e na sua natureza torturante que urge por descarga: “Se as exigências pulsionais do *Esso* não encontrarem satisfação (*Befriedigung*) alguma, surgem condições intoleráveis” (FREUD, 1926/2014, p. 148).

Esta posição econômica já se encontrava no *Projeto* (1895), formalizada na relação entre *estado de necessidade/urgência* (*Notzustand*) e *estado de desejo* (*Wunschzustand*). Esta exigência implica não apenas sair do estado do desprazer (dor), mas da necessidade de uma imagem de objeto que propicie prazer.

Portanto, vale a pena retomarmos a linha de construção até o momento. Conforme mencionamos, há neste acúmulo de estímulos insatisfeitos uma pressão (*Drang*), acionando o estado de perigo à medida em que aumentam. O aparelho requer, então, a constituição de imagens de alívio, ou signos de prazer na memória que irão guiar a percepção para as imagens psíquicas e futuras ações motoras. É através das primeiras imagens (*Bild*) que a pulsão emerge da fisiologia. É a partir dela que o acúmulo e a descarga serão conduzidos para uma primeira ligação, um representante: “A pulsão provoca uma excitação cortical que é percebida como fenômeno psíquico de imagem e afeto” (HANNIS, 1999, p. 82).

Em *Psicologia das massas* (1921), Freud referencia o narcisismo primário como o protótipo da vida intrauterina: “com o nascimento, passamos do narcisismo absolutamente autossuficiente, à percepção de um mundo exterior variável e ao início da busca de objetos” (FREUD, 1921/2011, p. 94). Este estado original é interpretado como uma condição de invariabilidade, um mínimo de excitação. Por oposição, com seus acúmulos intermitentes e constantes, o ímpeto da vida induz à excitabilidade e ao movimento.

Este estado orgânico absoluto e primevo, comparável apenas ao paraíso, também é apresentado em *Os Instintos e seus Destinos* (1915): “imaginemos um ser vivo quase completamente fechado, ainda não orientado ao mundo” (FREUD, 1915e/2010, p. 54). Freud não poderia ser mais claro em fazer uso da biologia para fundamentar seu modelo psicológico:

Não apenas aplicamos a matéria da experiência determinadas convenções, na forma de conceitos fundamentais, como nos servimos também de vários pressupostos complicados, para nos guiar no trabalho com os fenômenos psicológicos. O mais importante desses pressupostos já foi assinalado; resta-nos apenas destacá-lo expressamente. É de natureza biológica, faz uso do conceito de tendência (eventualmente de finalidade) e diz que *o sistema nervoso* é um aparelho ao qual coube a função de eliminar os estímulos que lhe chegam, de reduzi-los ao mais baixo nível, um aparelho que, se fosse possível, gostaria de manter-se verdadeiramente livre de estímulos. Não nos surpreendamos, no momento, com a imprecisão dessa ideia, e vamos atribuir ao sistema nervoso, em termos bem gerais, a tarefa de dominar os estímulos (FREUD, 1915e/2010, p. 55. *Grifo nosso*).

Em 1920 em *Alem do Princípio de Prazer*, Freud retoma a um funcionamento anterior à regência do prazer. Um ideal mais perturbador e primitivo que prima pela ausência de estímulos. Esta compulsão negativa ao repouso está em estreita concordância com o

Projeto (1895), pois seria pela ação do arco-reflexo que o sistema nervoso visaria esta meta. Embora o princípio de prazer compartilhe das mesmas operações através do esvaziamento, ele requer outros mecanismos – a serem explorados mais adiante – para sua vigência.

Recorreremos, então, a estes mecanismos para estabelecer algumas distinções conceituais mais precisas. Por exemplo, se o princípio de prazer operasse com uma descarga de igual teor do mecanismo reflexo, a tendência ao prazer visaria ao próprio aniquilamento. Neste sentido, o princípio de prazer, revelar-se-ia como um princípio antivida. Eis, aquilo que Monzani (2014) designa como “paradoxo do prazer” (2014, p.191). Vale, portanto, compreendermos melhor esta ambivalência, e que nos toca tão diretamente acerca da fonte e percurso da excitação.

É neste ponto que nos separamos de Monzani (2014, p. 207) quando afirma que aparelho anímico e o nervoso tendem, lado a lado, ao mesmo princípio básico de evacuação das tensões. Ao seguirmos esta linha de pensamento, que pode equivocadamente identificada como uma ontologia positiva, não nos impede de reconhecer que o aparelho anímico opere como uma resistência à descarga da excitação; uma organização cujo propósito é refrear a tendência mortífera da livre energia no organismo: “Um alongamento no caminho em direção à morte”. (FREUD, 1920/2010, p. 205).

4.3 O TRAUMA COMO EXCEDENTE

Ao longo da obra freudiana a noção de trauma está intimamente relacionada à problemática da memória. Nos *Estudos sobre a histeria* (1893), Freud referia-se a *traços de memória de traumas* que acompanhavam os ataques histéricos. Como já acompanhamos em capítulos anteriores, neste período de construção teórica a dissociação psíquica estava vinculada a um evento de origem externa, de natureza traumática, e cujo fator precipitante era o assédio interno de grandes quantidades de excitação.

No *Projeto* de 1895, Freud havia equiparado o acúmulo de estímulos (*Reizendogene*) endógenos operando como uma experiência de desamparo (*Hilflosigkeit*) biológico, e que este seria uma das tarefas do aparelho psíquico, a defender-se de grandes irrupções. É destes moldes, envolvendo o desamparo biológico do filhote humano que Freud retoma seu

postulado do *Projeto* de 1895. É na ênfase de uma regulação econômica no organismo que conduz a reflexão sobre a relação cuidador/bebe:

Se o bebê exige ter a percepção da mãe, isso ocorre por que sabe, por experiência, que ela satisfaz rapidamente todas as suas necessidades. A situação que ele avalia como perigosa, contra a qual deseja estar garantido, é a da insatisfação, do aumento da tensão gerada pela necessidade, diante do qual ele é impotente. (...) A situação de insatisfação, em que magnitudes de estímulo alcançam nível desprazeroso, não sendo controladas mediante utilização psíquica e descarga, deve ser análoga a vivência do nascimento para o bebe, uma repetição da situação de perigo. Comum a ambas é a perturbação econômica gerada pelo aumento das magnitudes de estímulo a pedir solução, sendo esse fator, portanto, o autêntico núcleo do “perigo”. (FREUD, 1926/2014, p. 78).

O conceito deste desamparo na teoria ocupa tamanho alcance epistemológico que é identificado por Freud como “a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1895/1992, p. 363). É partindo de um pressuposto biológico, que também posteriormente, se vinculará ao conceito de castração psíquica: a angústia aparece, então, como reação à falta do objeto, e duas analogias se nos apresentam: que também o medo da castração tem por conteúdo a separação de um objeto bastante estimado e que a angústia mais primordial (o “medo primevo” do nascimento) origina-se na separação da mãe (FREUD, 1926/2014, p. 78- 9).

Hans (1999) traduz este estado como um *desespero*, um impulso sobre a mente onde é impossível furtar-se. É desta condição de excitabilidade orgânica que a noção de medo, ansiedade ou angústia (*Angst*) surge na teoria freudiana. Como podemos notar, a ansiedade passa a representar um sinal de alerta contra este desamparo biológico primordial: uma magnitude fisiológica equivalente a experiência objetiva da dor. Do mesmo modo a dor, ao mitigar o organismo, passa a operar como uma “pseudopulsão” (HANNIS, 1999, p. 68).

Na conferência *XVIII*, intitulada “*Fixação em traumas – o inconsciente*”, Freud, destaca:

As neuroses traumáticas dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático (...) o termo “traumático” não tem outro sentido senão o sentido econômico. Aplicamo-lo a uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isso só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera. (FREUD, 1916-7/2014, p.366-7).

Segundo este modelo para a neurose traumática, a condição de desvalimento ou desamparo (*Hilflosigkeit*) corresponde à compulsão automática. O quadro instaurado operaria em consequência de uma ruptura da barreira anti-estímulo, ao que Freud também indica, como uma impossibilidade de previsão das ações e de eventos futuros. Eis a correlação entre

as representações do *Eu*, como um atributo de inferência da percepção, capaz de identificar o desejo, antecipar as ações adequadas na memória e, a partir disto, abrir as comportas da motilidade.

Desse Eu diremos que há uma consciência atada a ele, e mais, que é o Eu que controla os acessos à motilidade motora (*Motilität*), isto é, o escoamento (*Abfuhr*) em direção ao mundo externo das excitações (*Reize*) internamente acumuladas. O Eu seria, então, aquela instância psíquica que supervisiona todos os processos parciais que ocorrem na pessoa. É a instância que à noite vai dormir, embora, mesmo dormindo, ainda detenha o controle da censura onírica. É também desse Eu que procedem os recalques. Por meio deles, o Eu faz com que determinadas tendências psíquicas sejam excluídas, não só da consciência, mas também impedidas de se imporem ou agirem por outros meios. Ora, é exatamente com aquilo que o recalque pôs de lado que o Eu terá de se confrontar durante a análise. (FREUD, 1923b/2011, p. 20).

Para que este Eu regulativo possa constituir-se como uma percepção inferente das necessidades endógenas, identificar objetos de satisfação e antecipar as ações (motilidades) no ambiente, Freud em 1920 resgata o modelo de breueriana, sobre a necessidade interna de conter a livre-energia:

(...) como algo novo examinamos a colocação de Breuer, segundo a qual há duas formas de preenchimento de energia, de modo que se deve distinguir entre um investimento que flui livremente, pressionando por descarga, e um investimento parado dos sistemas psíquicos (ou de seus elementos). E talvez possamos conjecturar que o “ligamento” da energia que flui para o aparelho psíquico consiste na passagem do estado de livre fluência para o estado de imobilidade (FREUD, 1920/2010, p.194).

É justamente neste complexo mnemônico do Eu, cuja organização visa ligar e restringir a livre energia que o evento traumático perturbaria, afetando a capacidade de síntese e esgotando a possibilidade de previsão. É na condição de imprevisibilidade psíquica, que determinaria a extensão do susto (*Schreck*) e o aumento abrupto da livre energia sob a forma excitação/angústia:

Ele (o susto) é causado pela falta de qualquer preparação para a angústia, inclusive a falta de hipercatexias dos sistemas, que seriam os primeiros a receber o estímulo. Devido a sua baixa catexia, esses sistemas não se encontram em boa posição para vincular as quantidades afluentes de excitação, e as consequências da ruptura do escudo defensivo decorrem mais facilmente ainda. (FREUD, 1920/2010,194-5).

Esta citação nos reforça a necessidade biológica de uma realidade psíquica. Com a mudança teórica da segunda tópica, o trauma surge em referência a este excesso de excitação não ligado, magnitudes que surpreendem um psiquismo desinvestido e despreparado para a surpresa.

A demanda do trauma envolve este mesmo trabalho de captura do pulsional, um esforço psíquico de assimilação e inserção das quantidades (livre-energia) em uma cadeia representacional. Daí decorre a possibilidade de incluir no modelo uma parte não representacional e quantitativa para o *Isso*. O mecanismo protetor envolveria uma série de inibições descendentes das representações que modulariam a transcrição dos registros entre a memória e a percepção, conforme Freud aludiu na Carta 52.

Em *Moisés e o monoteísmo* (1934-38), Freud aborda esta falha de processos regulatórios da energia como perturbações traumáticas ao narcisismo, irrupções severas de excitação endógena que comprometem a organização do *Eu*, e comprometeriam seu papel como um protetor de estímulos. Embora muito mais profundos, e de efeitos muito mais graves que o conflito neurótico, estes danos impelem a um tipo de rememoração traumática. Uma repetição corporal, mais primitiva que a lembrança ligada ao princípio de prazer. Afinal, esta última, implica em uma conexão estável – em qualquer nível, ainda que inconsciente – entre imagens e afetos.

Como vimos, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) o afeto de angústia recebe esta virada conceitual, obedecendo a uma ordem de autopreservação ditada pela “necessidade biológica” (Freud, 1926, p. 89). Em resumo, esquematizamos três modos de descarga ligados ao afeto de angústia, seguindo três momentos distintos de constituição do aparelho:

- i. Perigo externo: A angústia/ansiedade surge diante a um perigo real, de origem externa.
- ii. Perigo interno: Uma vulnerabilidade biológica. O infante humano é incapaz, por si mesmo, de subtrair o acúmulo de tensão gerado pelas necessidades fisiológicas não satisfeitas. A ameaça é o aumento exponencial de excitação interna, um desamparo.
- iii. Um mecanismo psíquico: A memória e a percepção, como sistemas privilegiados do *Eu*, já estariam consolidados em seu papel protetivo. Representações catexizadas operariam como um fator regulativo dos estímulos internos, sinalizando e prevendo qualquer acréscimo de excitação endógena. De forma a preservar a vida, o sinal de angústia – como registro mnêmico - mobilizaria a percepção de forma antecipatória para o acionamento de defesas (internas), ou fugas (externas). A repressão seria uma das formas de contenção do estímulo psíquico, antes mesmo de acessar a consciência.

O *Eu* freudiano é, portanto, definido pela sua tríplice tarefa: identificar, mediar e regular o incremento de excitação externo e interno simultaneamente.

Ainda que a origem da teoria da angústia está vinculada ao coito insatisfatório e, ao considerarmos a mudança tópica na qual o *Eu* sofrerá, a angústia estará, em ambas às teorias, condicionadas ao perigo do incremento da excitação.

Novamente, não há como deixar de estabelecer relações com o modelo jacksoniano, segundo o qual, os níveis mais arcaicos e, portanto, mais profundos das representações reivindicam o retorno a estágios mais remotos de seu desenvolvimento: “(...) a hipótese de uma compulsão a repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer” (FREUD, 1920/2010, p.23).

Assim, podemos localizar o princípio de prazer como uma tentativa de vinculação da livre energia à signos de prazer na memória, estabelecendo um primeiro paradoxo, uma conexão e uma diferenciação econômica entre o *Isso* e o *Eu*.

Nesta fronteira liminar, nos diz Freud, estão situados os padrões que dão origem a série prazer-desprazer: “(...) as excitações das *camadas mais profundas* estendem-se ao sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer”. (FREUD, 1920/2010, p.191).

Tomando de empréstimo as noções tópicas de Freud, a neurose traumática corresponde a esta linha abaixo, onde a magnitude da excitação violaria a regulação do princípio de prazer, ascendendo nos sistemas corticais e perturbando o funcionamento psíquico.

O princípio de prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulo; surge, isto sim, outra tarefa, a de controlar o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irrompera, para conduzi-las a eliminação. (FREUD, 1920/2010, p.192).

Portanto, a tarefa de regular o estímulo, isto é, de ligar psicologicamente as quantidades para conduzi-las à eliminação, falham. Um impacto neste nível instauraria uma defesa frenética para sua contenção, continua:

De todos é convocada energia de investimento, a fim de criar, em torno do local da irrupção, investimentos de energia correspondentemente elevados. Produz-se um enorme “contra-investimento”, em favor do qual todos os demais sistemas psíquicos empobrecem, de modo que há uma extensa paralisação ou redução do funcionamento psíquico restantes.

As energias presentes no interior do aparelho buscariam fixar-se em torno, bloquear, imobilizar e aprisionar a excitação ascendente. O resultado desta contra-resposta é um grande dispêndio de energia.

Monzani (2014, p. 158) demonstra a partir de sua leitura freudiana uma desvinculação conceitual entre o sofrimento e o aumento de tensão. Utiliza-se da experiência da dor para ilustrar. A emergência da dor é caracterizada pelo encontro da energia móvel a uma forte catexia oposta, economicamente proporcional para refreá-la. É justamente este trabalho de estrangulamento através de ligações, que caracterizaria a dor. O trauma e a dor, portanto, diferenciam-se na gradação de suas intensidades. É o limite da efração corporal que define o impacto nos sistemas psíquicos. Fator que instauraria, ou não, o princípio de prazer como medida protetora. O domínio dos estímulos designa exatamente isto: transformar a livre energia em energia ligada, eis que corresponde a tarefa de elaboração psíquica. O princípio de prazer-desprazer estaria, portanto, conceitualmente condicionado a um estado interno de quiescência necessária.

É com este viés que Freud descreve, já no início do capítulo V do *Mais Além* (1920), uma equivalência entre os processos patológicos, como as psicoses, neuroses traumáticas e as psiconeuroses em geral, como uma ruptura na capacidade de processamento, uma impossibilidade de efetuar ligações em graus distintos, conforme sua gravidade psicopatológica. Nesta perspectiva, o aparelho estaria suscetível a um aumento abrupto da livre energia e, com efeito, a um escoamento massivo no organismo: “Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento da energia do organismo e pôr em movimento todos os sistemas de defesa” (FREUD, 1923/2010, p.192).

Vejamos que nesta citação, Freud deixa explícita a natureza e a atividade da livre energia. O modo pela qual sua ação não está confinada aos sistemas psíquicos, e sim, a uma condição fisiológica disfuncional do organismo. Freud entende o organismo e o aparelho psíquico como um sistema integrado, cuja função ideal é minimizar e restringir a livre energia. Para que possa alcançar estas operações e constituir-se de forma adequada, o aparelho deve estar submetido a três processos interdependentes: i) uma estabilização e síntese do “caos fervilhante”, ii) uma modulação entre os estímulos do sistema mnêmico e o sistema perceptivo e, iii) uma minimização da incerteza/surpresa pela inferência.

Desse comportamento, então, inferimos que um sistema altamente investido é capaz de acolher a nova energia que para ele afluí e transforma-la em investimento parado, ou seja, “liga-la” psiquicamente. Quanto mais alto o investimento parado, tanto maior sua força ligadora; de maneira contrária, quanto mais baixo for o investimento do sistema, tanto menos estará capacitado para receber a energia afluyente, tanto mais

violentas serão as consequências de uma tal ruptura da proteção. (FREUD, 1920/2010, p. 193).

Mais uma vez, Freud reafirma seu modelo hierarquizado de processamento, e o faz em conformidade as disposições anatomofisiológicas de que dispunha.

Um ponto significativo a ser destacado, é que o autor não apenas aproxima-se da abordagem energética do *Projeto* de 1895, como também, retroage conceitualmente propondo uma estrutura morfológica cerebral, condizente com as *Afásias* de 1891, vejamos:

O fato de a camada cortical que recebe os estímulos achar-se sem qualquer escudo protetor contra as excitações provindas do interior deve ter como resultado que essas últimas transmissões de estímulos possuam uma preponderância em importância econômica e amiúde ocasionem distúrbios econômicos comparáveis às neuroses traumáticas. As mais abundantes fontes dessa excitação interna são aquilo que é descrito como os ‘instintos’ do organismo, os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica. (FREUD, 1920/2010, p. 198).

Como já vimos, Freud propõe que a camada cortical opere como uma proteção contra estímulos capaz de reduzir os efeitos nocivos da livre energia. Entretanto, desde o interior, há uma ineficácia protetiva: “as excitações das camadas mais profundas se propagam de forma direta e não atenuada no sistema, na medida em que determinadas características de seu curso que produzem a série prazer-desprazer.” (1920/2010, p. 191).

Nesta citação, em plena década de 20, Freud alude o aparelho psíquico em conformidade com a estrutura cerebral que o suporta. Retoma sua tese de estratificação dos processos cerebrais em camadas funcionais distintas. Estes distritos dinâmicos se diferenciam por intensidades variadas, orientam o comportamento do estímulo, sua ligação e escoamento. Ademais, identifica que as sensações de prazer-desprazer são oriundas de camadas mais profundas²³, e são determinadas pelas características de seu curso.

(...) a prevalência das sensações de prazer e desprazer, que são um índice para o que ocorre no interior do aparelho, sobre todos os estímulos externos; em segundo lugar, a adoção de uma conduta ante as excitações internas que provocam um excessivo aumento do desprazer. Haverá a tendência de trata-las como agissem a partir de fora e não de dentro, para poder usar contra elas os meios defensivos da proteção contra estímulos. Essa é a origem da projeção, destinada a ter um papel importante na causação dos processos patológicos. (1920/2010, p. 191).

²³ Entretanto, vale reforçar que não se trata de estabelecer uma relação direta, nem de coincidir o aparelho psíquico ao lócus anatômico, tese defendida desde as *Afásias* (1891). Ao contrário, parte de sua ciência psicológica fornece as mais notáveis considerações anatomofisiológicas do cérebro e do sistema nervoso (FREUD, 1891/2013, p. 79.). Afinal, trata-se de processos neuropsicológicos cuja variância não é determinada pela estrutura local da anatomia cerebral, e sim, de uma dinâmica funcional anatomofisiológica para os estímulos nervosos, a excitação. Segundo Freud, a aquisição de diferentes processos cooperativos do sistema nervoso integra recursos neurais e psíquicos para sua consecução.

Ao ligar a consciência à recepção e identificação das qualidades, Freud integra os processos de forma hábil no modelo, “o essencial é, provavelmente, que prazer e desprazer, como *sensações conscientes*, achem-se ligados ao *Eu*” (FREUD, 1920/2010, p.167. *Grifo nosso*).

A analogia para o *Eu* como um vaso comunicante entre as diferentes camadas funcionais, deriva desta aspiração teórica: a busca por uma estabilidade econômica que só pode ser alcançada através de inibições e conexões, perfazendo “seu desenvolvimento rumo a organizações mais complexas”. A tudo aquilo que Freud sentencia: a esta “abrangente unidade que é o *Eu*” (1920/2010 p. 166). É através da *Bindung* que a livre excitação coaduna-se no *Eu*: “Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que, de outra forma, seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (FREUD, 1914/2010 p. 30).

4.4 A FISILOGIA INTEROCEPTIVA DAS PULSÕES

“(…) é preciso não esquecer que todas as nossas concepções provisórias em psicologia devem ser, um dia, baseadas em alicerces orgânicos” (FREUD, 1914/2010, p. 21)

A natureza e expressão do pulsional no psiquismo só poderiam ser efetuadas mediante uma interface somático-psíquica, cujo propósito é o de resguardar conceitualmente os fatores biológicos no aparelho. Assim, os estímulos endógenos ao ultrapassarem certos limiares no organismo, seriam representados na consciência como complexos de afetos e/ou imagens.

Caropreso (2006, p. 45) em sua tese, argumenta que o afeto não pode ser o elemento quantitativo da representação, pois do contrário, a dissociação do afeto pela repressão resultaria na anulação da própria representação.

Entretanto, veremos que Freud busca unificar estes impasses no conceito de quantitativo. de estimulação endógena. É na variância da quantidade – da estimulação endógena – que abarcará os fatores afetivos, o quantum de excitação, o sexual e as produções somáticas mais gerais de forma equivalente. Eis a significação da teoria pulsional na teoria.

Vejam, para que esta tradução do *quantum* seja efetuado no aparelho, este depende de uma descrição topográfica – como o sistema *Pcpt-Cs* – capaz de acolher e identificar a variância e a sensação endopsíquica. Deste modo, os representantes pulsionais, designados

como os afetos e as ideias, operariam como veículos de um estímulo ainda mais basal. Notemos que esta estrutura está em conformidade com o modelo apresentado na *Interpretação dos Sonhos* (1900) onde Freud representa-o como o esquema pente. Nele, vemos o trajeto do estímulo atravessando uma base corporal aberta, que será posteriormente localizada ao *Isso* em 1923, perpassando o aparelho e descarregando na extremidade motora. É desta base psicofisiológica que realiza uma pressão (*Drang*) no aparelho, que sediará as pulsões.

Pois bem, supomos que as forças que impulsionam o aparato psíquico para a atividade são produzidas nos órgãos do corpo como expressão das grandes necessidades corporais. Recordem vocês a sentença de nosso filósofo poeta: fome e amor! Um par de forças muito respeitável. Nós chamamos a estas necessidades corporais, na medida em que constituem estimulações para a atividade anímica, de “*Triebe*”, um termo pelo qual muitas línguas modernas nos invejam. (FREUD, 1910b/2013, p. 318).

Hanns (1999), em sua notável pesquisa sobre o caráter polissêmico da pulsão na língua alemã, define o conceito freudiano congregando quatro noções que se relacionam mutuamente, tais como: *Drang* (ânsia/pressão), *Lust* (prazer-desprazer), *Zwang* (compulsão), *Vorstellung* (ideia/representação). Em sua origem biológica refere-se a uma *força que urge*, ou ainda, um *Princípio da Natureza* – da espécie – que brotará no indivíduo como um fenômeno analógico, um impulso somático-energético que impele à ação. Elucida que, ainda que o conceito de pulsão encontre enormes diferenças nas traduções, a abordagem teórico- semântica sempre irá evocar o mesmo sentido dos textos originais (HANNIS, 1999, p.13-4).

Contudo, o autor afirma que algumas distorções modificam as implicações teóricas sobre a natureza e dinâmica do aparelho. Dentre elas, elegemos os conceitos que podem contribuir com a amplitude de nosso tema. Segundo o autor, a tradução de *Abfuhr*, em português é “descarga”, no entanto, tende a ser lida como uma descarga rápida (disparo ou rajada), enquanto o termo, em alemão, designa uma descarga processual, tal qual um escoamento gradativo. Na obra, o termo *Reiz* (estímulo) e *Trieb* apresentam um paralelismo linguístico que se apoia na transitividade entre as sensações de prazer e desprazer. Uma vinculação semântica que está ligada a um conjunto de afetos de origem somática – tais como o desejo, dor, medo, fuga e incômodo de um estímulo inerentemente endógeno – que repertoria o mesmo significado ao longo da obra. O autor indica inclusive que as alternativas de tradução que salientam o rigor biológico, ou não, para o estímulo, influenciaram a divergência entre as escolas inglesas e francesas em psicanálise. A psicanálise brasileira, no

entanto, não se furtou deste embate em função das suas filiações às escolas, segundo a aproximação dos termos e sentidos empregados em francês ou inglês.

Levando em consideração este embate teórico, recorremos, então, às palavras do próprio Freud. É dele que recorremos sobre a natureza da pulsão:

Primeiramente a partir da fisiologia. Ela nos deu o conceito de estímulo e o esquema do arco reflexo, segundo o qual um estímulo que vem de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora por meio da ação. Esta ação se torna apropriada na medida em que subtrai a substância estimulada a influência do estímulo, afasta-a do raio de ação dele. Mas, qual a relação entre pulsão e o estímulo? Nada nos impede de incluir o conceito de pulsão naquele estímulo: a pulsão seria um estímulo para a psique. Mas logo somos advertidos para não equiparar pulsão e estímulo psíquico. Evidentemente existem, para a psique, outros estímulos além dos pulsionais, aqueles que se comportam de maneira bem semelhante a dos estímulos fisiológicos. Quando uma luz bate no olho, por exemplo, não se trata de um estímulo pulsional; mas tal é o caso quando se nota um ressecamento da mucosa da faringe, ou uma irritação da mucosa do estômago²⁴. Agora adquirimos material para a distinção entre estímulo pulsional e um outro estímulo (fisiológico), que age sobre a psique. Primeiro o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. (...) Uma denominação melhor para o estímulo pulsional é a necessidade; o que suprime essa necessidade é a “satisfação”. (FREUD, 1915e/2010, p.53)

Entretanto, em *Instintos e seus destinos* (1915) Freud está distinguindo três condições dos estímulos: o exógeno, o endógeno e as pulsões. A pulsão é destacada como este valor quantitativo que assedia o psiquismo. Um representante psíquico dos estímulos endógenos. Uma imposição de trabalho sobre a mente.

Sua amplitude teórico-clínica para a psicanálise são inúmeras, já que grande parte de sua exploração teórica deriva-se em grande parte daquilo que delineamos como face explicativa, ou, constituinte do aparelho psíquico freudiano. Na outra face, com toda sua pregnância clínica, as pulsões são identificadas como um polo motor do conflito mental. Afinal, é incontestável que sob o vetor pulsional deriva grande parte dos conceitos mais pertinentes da psicanálise, tais como o desejo, o conflito, a angústia, a transferência, etc.

Hanns (1999 p. 25), complementa que Freud utiliza-se de dois grandes blocos semânticos para enfatizar, de um lado, uma tendência de estímulos que ativam o psíquico (catexia), e de outro, de uma contra-tendência (anti-catexia) para evitá-los que fundamentaria a própria natureza do conflito.

É neste sentido que elencamos, portanto, a presença destes mecanismos (catexia e anti-catexia) como uma modulação quantitativa que reaparecem nas seguintes condições

²⁴ Em nota Freud adverte que estas estimulações são designadas como pulsionais apenas quando referem-se a processos de necessidades, como a fome e a sede. Complementa ainda que o comportamento do estímulo, ainda que de origem endógena e não pulsional é de uma força momentânea de impacto, enquanto, uma de origem pulsional é uma força constante. (Pulsões e seus destinos, 1915, p. 53-54).

psicofísicas na obra: i) na origem: endógeno/exógeno; ii) na função realizada: ativação/inibição, iii) na intensidade: acréscimo/decrécimo; e iv) finalidade: fonte/objeto.

Com relação à passagem do *quantum*, a inibição/repressão pode ser efetuada nos mais diversos momentos do trajeto – do estímulo – em direção à descarga. Algumas delas são efetuadas na própria pulsão, proveniente da base fisiológica, que se torna objeto da repressão, ora é a sua representação, e outras vezes, o afeto (1999, p. 26). Ademais, a defesa também encontra uma variedade de mecanismos para sua efetivação: a repressão, a sublimação, a transformação em contrário, a recusa, ou ainda, de um modo mais radical, servir-se da regressão:

Um destino possível para um impulso da pulsão é encontrar resistências que buscam torna-lo inoperante. Em determinadas condições, que passaremos a examinar mais detidamente, ele chega ao estado da repressão. Tratando-se do efeito de um estímulo externo, a fuga seria, obviamente, o recurso mais adequado. No caso de uma pulsão a fuga não serve, pois o Eu não pode fugir de si mesmo. Mais tarde se verá na rejeição baseada no julgamento (condenação) um bom recurso contra o impulso. Um estágio preliminar da condenação, um meio termo entre a fuga e a condenação, é a repressão, cujo conceito não podia ser estabelecido na época anterior à pesquisa psicanalítica. (FREUD, 1915a/2010 p.91-92).

Neste enquadre, o corpo pulsional é um gerador de necessidades endógenas, capazes de acúmulo quando não satisfeitos e, portanto, compelindo a um trabalho psíquico e evacuação motora. Por esta razão que a pulsão, como um estímulo interoceptivo é uma tendência comum a todos os seres vivos. Fato este que legitimou Freud a utilizar indiscriminadamente o termo alemão *Instinkt* como sinônimo de *Trieb*, aos seres humanos (HANNIS, 1999, p. 35).

Uma concepção deste tipo aborda a fisiologia pulsional e a psique atuando mutuamente no aparelho psíquico. Razão pela qual Freud buscou correlacionar os determinantes biológicos em finalidades distintas, como um propósito condizente com a biologia da espécie. Daí decorre as pulsões de autoconservação, pulsão sexual, entre outras. Embora o modelo de aparelho psíquico freudiano constitua-se numa perspectiva monista – abordagem que irá ficar mais clara à medida que avançamos -- a classificação teleológica pulsional será articulada por Freud numa perspectiva dualista, justificadas sob o ponto de vista clínico, isto é, do conflito psíquico. No entanto, o conceito de *Trieb* envolve forças de natureza orgânica que estão instanciadas em matrizes complexas, hierarquizadas e progressivas, segundo as quais partem de uma fonte indeterminada, e se ramificam em pequenas e numerosas pulsões corporais. Uma determinação epistemológica que justifica seu monismo emergentista. Este complexo nervoso seria uma das mais proeminentes diferenças

encontradas entre a espécie humana e as outras espécies de animais. Sua complexidade nervosa torna o ser humano capaz de emitir uma pluralidade de estímulos endógenos e excitações das mais diversas fontes, muitas das quais exigirão um longo percurso – e trabalho – de integração no psiquismo.

Na esteira destas formulações nos deparamos, não sem assombro, com a seguinte afirmação de Hanns (1999, p.43): “Neste sentido, é importante para a clínica freudiana das pulsões que se estude não só a dimensão psíquica dos desejos, das representações e dos afetos, mas também a fisiologia pulsional, suas hipóteses energéticas, químicas e neuroanatomias, bem como, suas teses filogenéticas lamarkistas”.

De todo modo, a teoria freudiana está baseada numa arquitetura de funcionamento que perfaz epistemologicamente a fonte e o destino pulsional, enfatizando uma chave de leitura onde a noção econômica assume o arcabouço geral da teoria.

Para Freud, este conjunto fisiológico da qual a pulsão emergirá envolvem os neurônios, os nervos, as excitações, as glândulas, as propriedades bioquímicas, as células, etc. das quais fornecerão a matéria prima da economia, a saber: a promoção do acúmulo, da circulação e da descarga do estímulo. Como fenômeno subjetivo, estas quantidades serão traduzidas sob a forma de: imagens, necessidades, percepções, vontades, desejos, ímpetos, inibições, sensações e afetos, que fornecerão a matriz subjetiva para suas ações, uma formulação analógica da força.

Mas se a pulsão só pode ser representada – i.e. figurada - psiquicamente pelos seus representantes, a teoria das pulsões forja em si a expressão da força ideativa, reivindicando a dimensão fisiológica por excelência. As equivalências entre noções biológicas e quantitativas para o psiquismo ficam ainda mais evidentes no texto sobre o *Narcisismo* de 1914. Nele, o teórico retoma as bases bioquímicas para as pulsões: “(...) devemos recordar que todas as nossas ideias psicológicas provisórias deverão assentar-se alguma vez no terreno dos substratos orgânicos. (...) Nós levamos em conta tal probabilidade substituindo essas matérias químicas particulares por forças psíquicas particulares” (Freud, 1914a/2010, p. 21).

Entretanto, tal como Monzani (2014) salienta, ainda que o aparelho psíquico seja regimentado por forças, o modo que recebe e transforma essas energias para um fenômeno mental ainda permanece em aberto (MONZANI, 2014, p. 76-7).

O caráter impreciso de todas estas nossas elucidações que chamamos metapsicológicas se deve naturalmente, a nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório nos elementos do sistema psíquico, e a não nos sentirmos autorizados a adotar uma hipótese a respeito dela. Assim, operamos continuamente

com um grande X que transportamos para cada fórmula nova (Freud, 1920/2010, p. 193) - APP).

A estes fatores excitantes, ainda desconhecidos para Freud, é prescrito para as futuras gerações. Por esta razão que recorre a filosofia como uma tentativa de remissão teórica para os processos psico-físicos. Deste modo, Freud não se poupava em fazer uso de terminologias, conceitos e premissas de outras áreas de que dispunha, como a biologia, a física e a filosofia. Foi em busca de uma complementaridade epistemológica entre o psiquismo e a fisiologia que reconhecemos à mítica metapsicológica.

4.4.1 A vida como rodeio

A rearticulação do segundo dualismo pulsional marcou a grande reviravolta na década de 20, onde a antinomia pulsional sob a forma de pulsões sexuais e pulsões do *Eu* cederam lugar à pulsão de vida e à pulsão de morte. Foi por meio de um pensador pré- socrático que Freud buscou reforçar sua nova classificação pulsional. Em *Análise Terminável e interminável* (1937), encontramos a referência de Empédocles de Agrigento 315 (495-435 a. C), o filósofo grego que considerava o universo habitado por forças animadas como uma extensa substância viva. Para Empédocles, toda a matéria era composta basicamente pelos quatro elementos: fogo, ar, terra e água. Estes elementos eram regidos pela alternância do princípio do amor e da discórdia. O espírito do amor seria responsável por agregar as partículas mínimas e elementares, enquanto que, por oposição, a discórdia desarticulava todos os seus componentes. Com efeito, esta sucessiva união e dispersão forjariam a forma e os elementos constituintes, até que um novo ciclo reiniciaria.

Ainda que prescindamos da limitação ao biopsíquico que nos é imposta, nossas substâncias básicas já não são os quatro elementos de Empédocles; a vida se separou para nós, taxantemente, do inanimado; já não pensamos numa mescla e num divórcio de partículas de substância, mas numa soldadura e numa mescla de componentes pulsionais. Por outro lado em certa medida, temos dado infraestrutura biológica ao princípio de “discórdia”, reconduzindo nossa pulsão de destruição à pulsão de morte, o esforço do vivo em regressão ao inerte. Isso não nega que uma pulsão análoga possa ter existido já antes, e, desde já, não pretende afirmar que uma pulsão assim se tenha engendrado somente com a aparição da vida. E ninguém pode prever com que vestimenta o núcleo de verdade da doutrina de Empédocles se mostrara numa inteligência posterior”. (FREUD, 1937/2018, p. 316).

Vejamos que, pelo fato do termo pulsão substituir o termo instinto, termo muito particular na biologia, não exclui sua coadunação biológica. Sua noção na teoria freudiana corresponde a um conjunto de estímulos gerais de toda substância viva, cuja origem é

endógena e de efeitos indeterminados. Embora a noção de *Instinkt* apareça na obra referenciando um padrão universal e determinístico das criaturas com relação ao ambiente. O termo pulsão envolve uma força nervosa que produz efeitos no aparelho psíquico de modo genérico, ou seja, desprovido de uma determinação direta entre o impulso biológico e o objeto na realidade. Sua determinação como representante psíquico envolve um longo e gradativo processo de desenvolvimento e constituição subjetiva. Fato este que caracteriza a diversidade humana e sua forma de obter satisfação absolutamente particular. Em, *Alem do princípio de Prazer* (1920), Freud recorre mais uma vez a fisiologia para descrever a natureza das pulsões. Estas hipóteses trazem algumas conjecturas sobre a origem e o objetivo da vida orgânica. Sobre estes pressupõe que há no interior de cada substância viva:

(...) um velho estado inicial, que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforça por voltar, através de todos os rodeios de seu desenvolvimento. Se é lícito aceitarmos, como uma experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda vida é a morte. (FREUD, 1920/2010, p. 204-205).

E, continua:

Em algum momento, por uma ação de forças ainda inteiramente inimaginável, os atributos do vivente foram suscitados da matéria inanimada. Talvez tenha sido um processo exemplarmente semelhante ao que depois, em certa camada da matéria viva, fez surgir à consciência. A tensão que sobreveio, na substância anteriormente inanimada, procurou anular a si mesma; foi à primeira pulsão, o de retornar ao inanimado. Era fácil morrer, para a matéria então vivente; provavelmente percorria um curso de vida bastante simples, cuja direção era determinada pela estrutura química da jovem vida. (...) sempre morrendo com facilidade, até que decisivas influências externas mudaram de forma tal que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desviar-se cada vez mais do curso de vida original e fazer rodeios cada vez mais complicados até alcançar a meta da morte. Tais rodeios rumo à morte, fielmente seguidos pelas pulsões conservadoras nos ofereciam o quadro dos fenômenos da vida (FREUD, 1920/2010, p. 204-5).

Aqui Freud nos presenteia com um esquema bastante didático sobre o circuito fisiológico da pulsão. Reconstruiremos o processo baseando-nos, segundo a proposta do autor, numa estrutura química primitiva: Num primeiro momento os elementos constituintes estão desarticulados; a fusão da célula germinativa produz na substância – excitável – um mínimo de tensão; segundo o princípio básico ou inercial, um impulso expulsa – abruptamente – a tensão produzida; a esta primeira pulsão caberia à responsabilidade de retornar ao estado original, ou seja, ausente de toda a tensão.

A cada uma dessas duas espécies de instintos estaria associado um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação [anabolismo e catabolismo]), em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas, mas em mistura desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros. (FREUD, 1923/2011, p.50)

Vejamos que Freud se utiliza da histologia para suportar seu modelo pulsional. Ao extrair das fusões celulares e da geração de excitabilidade do tecido orgânico a promoção de tensão, recorre à tendência bio-química por agregar-se e de transmitir a excitação com o ímpeto psíquico, característico das pulsões sexuais e de vida.

Em oposição, reconhece um impulso desagregador que visa à evacuação completa da tensão e ao retorno do estado original: a ausência de excitação. Este circuito simples, promotor de excitações e descargas abruptas para a excitação, tenderia a uma sobrevivência mínima do organismo de acordo com sua estrutura nervosa:

(...) o que resta daí é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais como guardiães da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte. Surge, então o paradoxo de que o organismo vivo se rebela fortemente contra influências (perigos) que poderiam ajuda-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho mais curto (mediante um curto-circuito, digamos), mas essa conduta caracteriza justamente os esforços apenas pulsionais, em oposição aos inteligentes. (FREUD, 1920/2010, p. 206).

Freud questiona esta posição para todos os organismos, advogando desde 1891, de processos mais amplos no circuito nervoso conforme demandam maior complexidade. Afinal, quanto maior a geração de excitação que sobrevém na substância nervosa, como prova da vida orgânica, maior seria anulação por ela mesma. Deste modo, contradiz mais uma vez o aspecto simples e direto de escoamento conforme complexidade fisiológica, afirmando que nem todos os organismos estão sujeitos à coerção externa que os impelem a adquirir um desenvolvimento mais complexo. Ainda que muitos organismos preservem seu estágio inferior, mantendo um pequeno circuito de entradas e saídas simples, observados em alguns animais e plantas, o organismo de um ser vivo superior, como os seres humanos, implica em perfazer todos os estágios do curso do desenvolvimento, combinando processos herdados e adquiridos, até a morte natural.

Sobre este processo de amplitude neurofisiológica, Freud ampara-se, mais uma vez, no modelo dinâmico, hierárquico-evolutivo afirmando que:

O germe de um animal vivo é obrigado a repetir em seu desenvolvimento – de maneira fugaz e abreviada, certamente – as estruturas de todas as formas que ele procede, em vez de tomar a via mais curta para a sua configuração definitiva, e apenas em grau mínimo podemos explicar mecanicamente essa conduta, não podendo deixar de lado a explicação histórica. (...) A objeção natural de que pode haver, além das pulsões conservadoras que obrigam a repetição, também outros, que impelem a criação de novas formas e ao progresso, não pode ser desconsiderada. (FREUD, 1920/2010, p. 202-3).

O restabelecimento de um estado anterior está plenamente justificado numa estrutura estratificada para o desenvolvimento da espécie. Por conta de influências históricas, perturbadoras e desviantes que incitam a substância viva a um estado de excitação, exigem, por parte da matéria, um gerenciamento mais amplo dos modos de descarga. Esta concepção implicaria numa complexização do armazenamento e retenção da informação/excitação. Por esta razão que a experiência corporal articulada com um modelo de memória ocupam um lugar central na teoria freudiana. Este fato nos conduz a uma ontologia para a teoria pulsional que consolida-se como um paradigma emergentista entre o corpo e o psíquico.

Quanto a nós, não recorremos à substância viva, mas as forças nela atuantes, e fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões, aqueles que pretendem conduzir a vida à morte e os sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida. (Freud, 1920/2010, p. 214).

O que Freud está propondo desde sua crítica a Meynert é um jogo de forças ambivalentes presentes na substância excitável, assim como, dos trabalhos impostos ao estímulo rumo à descarga. Enquanto um grupo de pulsões “precipita-se para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida o mais rapidamente possível; atingida uma determinada altura desse caminho, o outro corre pra trás, a fim de retoma-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada” (FREUD, 1920/2010, p. 208).

Notemos como Freud preserva o modelo hierárquico das inibições descendentes, apresentadas na Carta 52, para o circuito pulsional. Nele prevê todas as noções econômicas que, ao serem *atingidas determinadas alturas*, desencadearia um processo oposto, a de uma inibição descendente do conteúdo. Ademais, esta dinâmica interna para a estrutura nervosa perfaz, inclusive, uma noção lamarkista para o circuito pulsional:

Tanto o desenvolvimento superior como a regressão poderiam ser consequências de forças externas que impelem à adaptação, e o papel das pulsões poderia limitar-se, em ambos os casos, a reter como fonte interna de prazer a mudança imposta (FREUD, 1920/2010, p. 209).

Deste modo, o impulso de satisfação apresenta-se, com todo seu apelo evolutivo, como um trajeto estabelecido para a repetição. Ao admitir que a adaptação de um indivíduo, que constitui num trabalho pareado de impulsos e regressões, exclui das pulsões qualquer tendência moral subjacente a uma realização intelectual e sublimação ética. É desta fórmula que versa sobre o curso e a dinâmica das excitações, que Freud consagra sua sentença ontológica para a epistemologia freudiana: “A evolução humana, até agora, não me parece necessitar de explicação diferente daquelas dos animais, e o que observamos de incansável ímpeto rumo à perfeição, numa minoria de indivíduos, pode ser entendido como consequência

da repressão pulsional em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana”.

(FREUD, 1920/2010, p. 209-0)

As condições dinâmicas e econômicas, aquilo que em breves palavras, caracteriza “o esforço de *Eros* para reunir o orgânico em unidades cada vez maiores” (FREUD, 1920/2010 p.211), consoma-se com a restrição da livre descarga no modelo freudiano. Por revelarem-se peculiarmente resistentes ao fluxo livre, estes impulsos excitantes e de oposição à descarga conservam, segundo Freud, a vida por períodos mais longos. A estes processos que promovem um alongamento da excitação ao inevitável escoamento da morte, constituem a pulsão de vida. Em nota, o autor restringe apenas a este processo o que se pode atribuir como uma tendência ao “progresso” e ao maior desenvolvimento (FREUD, 1920/2010, p. 207). É desta abordagem biológica para as pulsões que emprestam-se conceitualmente para a dinâmica e conflito psíquico, são incluídos também, apenas nestes moldes, o “aperfeiçoamento”, seja este moral, psíquico ou neurológico, conforme demonstramos:

A pulsão reprimida jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão. Os eventos implicados na formação de uma fobia neurótica, que não é senão uma tentativa de fuga ante uma satisfação pulsional nos proporcionam o modelo para a gênese desse aparente pulsão de aperfeiçoamento, que de modo algum podemos atribuir a todos os indivíduos. (FREUD, 1920/2010, p. 210)

Aqui reconhecemos os esforços de Freud para a construção de um circuito hierarquizado e dinâmico para as entradas e saídas do estímulo psíquico. Sua resposta é de um sistema de memória em rede altamente complexo e investido (ativado ou inibido), capaz de discriminar e modular os estímulos emergentes na percepção consciente.

Fica aqui a consideração, de que embora o funcionamento primário do sistema nervoso esteja a serviço de uma evacuação total da excitação, a tarefa do aparelho psíquico, em conformidade com o princípio de prazer, visaria a uma conservação e a um desvio, ainda que subordinado à descarga. Esta dupla função constitui a tendência ambígua do sistema nervoso, a de operar de tal modo, que assegure a manutenção da excitabilidade endógena. Lembremo-nos que este ideal não está concebido como uma pulsão gregária e tampouco, naturalmente orientada. Trata-se de operações que congregam fatores biológicos e constitucionais para sua consecução e, sempre passível a falhas, derivando toda a sorte de psicopatologias e graus variados de comprometimento.

Ao transpormos esta linha de raciocínio para a dinâmica das representações, obtemos o seguinte postulado: um inconsciente caracterizado como um polo excitável de estados

livres, mais próximos dos afetos, operando completamente alheio as modulações de uma inibição superior. Isto significa que as representações da memória também possuem atributos pulsionais, cujo movimento ambicione a repetição por traços (registros mnêmicos) mais facilitados e, constantemente impelidos a um funcionamento de acordo com estas zonas de alta excitabilidade: as descargas extremas e compulsivas da pulsão de morte.

4.5 A ATUALIZAÇÃO DA INÉRCIA EM THANATOS

Diante da questão que reemerge dos primeiros escritos que tendem a dar conta da distinção entre inércia e prazer, atualizou-se sob o conceito de *Princípio de Nirvana* (1920) a tendência inercial ao “zero absoluto”. Um modo de escoamento radical da excitação que atuaria anteriormente à domesticação do prazer.

A fim de cumprir a tarefa hercúlea de uma descarga moderada, os estímulos tiveram que emancipar-se, graduar-se em diferentes níveis, tolerar e armazenar níveis de tensão para por fim, desvincular-se mais moderadamente. A este processo gradativo entre os estímulos da memória e a percepção que constitui as bases do *Eu*: “Podemos imaginar um estado inicial em que a energia total disponível de *Eros* – as quais, doravante, mencionaremos como “libido” – acha-se presente no *Eu-Issó* indiferenciado e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes” (FREUD, 1938/2018, p. 197).

Enquanto *Eros* exprime a necessidade de criar resistências e acúmulos cada vez maiores, isto é, de estabelecer ligações e mantê-las, a pulsão de morte objetivaria a dissolução dos nexos, uma meta que reivindica o estado anterior de coisas. Se *Eros* desenha-se como um instinto de amor, a pulsão de morte configura-se como pulsão de destruição.

Embora Freud reconheça que a pulsão de morte seja difícil de precisar, do ponto de vista descritivo, pressupõe que sua ação no organismo é silenciosa; sendo identificada apenas externamente, ao manifestar-se como uma descarga motora, um impulso agressivo²⁵. É neste ponto que Freud utiliza-se do sistema muscular para fixar ainda mais o conceito:

Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então

²⁵ Vale reiterar que a natureza desta expressão destrutiva é concebida como um impulso, uma tendência do sistema nervoso a expulsão abrupta e massiva do estímulo, não tratando de afetos propriamente ditos.

– mas provavelmente só em parte – como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida. (FREUD, 1923/2011, p.51)

Esta relação torna ainda mais evidente para nós a aproximação entre a pulsão de morte e a ação reflexa. Neste enquadre, *Eros* corresponderia a esta tendência oposta. Ora, como uma resistência à evacuação completa, ora como um estado estimulável da substância. Uma agitação constante (e, portanto, promotora de estímulos) que neutralizaria a tendência primária de escoamento absoluto. A instauração do princípio de prazer promoveria uma condição mais regular do ponto de vista econômico, um índice de satisfação – na memória – que instauraria um regime mais moderado, uma mediação entre a fonte de excitação (tensão) e a descarga (esvaziamento). O ponto máximo que ilustra este curso – do estímulo – anuncia-se em seu fundamento hierarquizado, onde os estímulos interoceptivos dotados de valências elevadas são regulados gradativamente até os sistemas posteriores. Este trajeto pulsional submetendo-se ao princípio de prazer pode alcançar regulações mais moderadas exigidas pelo princípio de realidade. É nesta última condição que evidencia o tratamento do estímulo para seu acesso nos sistemas Pcpt-Cs, uma modulação discriminatória e particular na percepção. Vale destacar que o ponto de partida seria esta zona caótica e centrípeta dos estímulos endógenos, representadas psiquicamente pelo *Isso*.

A esta unidade corporal, dispersa e ensimesmada que Freud designa como “narcisismo absoluto, primário” (FREUD, 1938/2018, p. 198) onde: "O princípio de Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte, o princípio de prazer representa a reivindicação da libido e a modificação deste, o princípio de realidade, a influência do mundo exterior" (Freud, 1924b/2011, p. 187).

Esta citação revela a introdução da libido no *modus operandi* da pulsão de morte, uma modificação que expressa à fusão pulsional em seus três modos de descarga: a pulsão de morte; o princípio de prazer e o princípio de realidade. Neste percurso, a leitura freudiana sempre aludirá a fonte do estímulo a uma precipitação narcísica do corpo, um circuito que parte da substância fisiológica – dotada de altas valências afetivas e excitantes – em direção a uma descarga abrupta, completamente alheia ao tratamento do aparelho. É deste extrato nervoso que torna-se, à luz do teórico, indissociável ao estudo da mente. Eis a significação destes fatores para o psiquismo freudiano representados na teoria pulsional e no *Isso*.

Precisamente porque em geral me esforço para manter longe da psicologia tudo o que dela é diferente, inclusive o pensamento biológico quero neste ponto admitir expressamente que a hipótese de pulsões sexuais e do Eu separados, ou seja, a teoria da libido, repousa minimamente sobre base psicológica, escorando-se essencialmente na biologia. (FREUD, 1914/2010, p.21).

É no par de pulsões ambivalentes, pressupostos a toda substância viva, que o teórico reconhece o psíquico operando como uma *elasticidade orgânica*. Aqui Freud reitera a dimensão e dependência orgânica de seu aparelho psíquico:

Aqui se nos impõe a ideia de viemos a deparar com uma característica geral das pulsões, talvez de toda a vida orgânica, que até agora não foi claramente reconhecida ou, pelo menos, explicitamente enfatizada. Uma pulsão (*Trieb*) seria, portanto, um impulso (*Drang*), presente em todo organismo vivo, tendente a restauração de um estado anterior (*Wiederherstellung*), que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras focas externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se preferir, a expressão da inércia da vida orgânica. (FREUD, 1920/2010, p. 202)

Ainda que a pulsão de morte esteja a serviço de um estado de não-excitação no organismo, em paralelo, a libido propiciaria a junção, o estabelecimento de ligações e sínteses maiores atribuído a todas as células vivas. Deste modo a pulsão de vida substitui o antigo modelo das pulsões autoconservadoras do *Eu* e as pulsões sexuais elaboradas na *Introdução ao Narcisismo (1914)*. Enquanto, a pulsão de morte equivale-se com o sistema reflexivo inercial visando ao escoamento abrupto e imediato, a pulsão de vida estreita-se com o princípio de constância breueriano, cuja gênese envolve os mesmos esforços para reter mínimos de excitação, e complexos cada vez maiores de representação cortical.

Sobre uma tendência da pulsão de morte à serviço da regularização do organismo, Freud não poderia ser mais explícito no *Projeto* de 1895. Ainda que:

(...) a tendência persiste, *modificada* pelo empenho de ao menos manter a Qn no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante. Todas as funções do sistema nervoso podem qualificar-se sob o aspecto da função primária ou secundária *imposta pelas exigências da vida*. (FREUD, 1895b/1992, p. 341)

Em *O Eu e o Isso (1923)*, Freud postula que com o intuito de preservar as retenções – incluindo das representações já catexizadas – e escapar do perigo da auto-aniquilação, a pulsão de vida necessita desviar-se do fator centrípeto da pulsão oposta. Uma das soluções é a descarga exterior, uma projeção psíquica para fora do organismo.

Portanto, à medida que o aparelho sofre transformações conceituais em sua estrutura interna, tornando mais complexas as relações entre as representações e o gerenciamento energético, o paradigma de estabilidade orgânica é preservado: “(...) o princípio de Nirvana (e o princípio do prazer, que lhe é supostamente idêntico) estaria inteiramente a serviço dos instintos (*Triebe*) de morte, cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico (...)” (FREUD, 1924b/2011, p. 186)

Agora não se trata mais de pulsões que visam obter apenas satisfação. Além do gerenciamento do prazer, e Monzani (2014, p. 57) é sagaz em frisar este termo, nos refere a

uma *acoplagem* do prazer às funções de *Eros*, a este deus libidinoso que visa estimular-se constantemente e unir à substância nervosa. Esta é a preposição fisiológica na teoria, que imprime a irreduzibilidade pulsional para a mecânica das representações.

Se a evacuação abrupta da pulsão de morte operaria aos moldes da tendência reflexiva, um ideal de estabilidade fisiológica alheia a toda excitação, não é difícil aproximar a pulsão de morte em conformidade com o *Projeto* de 1895. Tratar-se-ia de uma catarse que não contradiz o princípio de prazer, apenas independe-se dele. Freud, em 1920 retorna a esta versão mais primitiva destes impulsos com a pulsão de morte, um período anterior da vigência do prazer e da realização de desejos.

É neste sentido que o conceito de pulsão de morte encontram paralelos com o conceito de entropia, uma regência radical que se opõe a *Bindung*. Freud reforça seu postulado nos conceitos da física termodinâmica e na biologia, equivalendo a pluralidade, a excitação e a fusão química ao sexual, identificando-os com a pulsão de vida, e sugerindo ao ódio, a abolição das tensões químicas e a descarga à pulsão de morte.

Isso condiz bem com a hipótese de que os processos vitais do indivíduo levam, por razões internas, a uma abolição das tensões químicas, isto é, à morte, ao passo que a união com a substância viva de outro indivíduo aumenta essas tensões, introduzindo o que pode ser descrito como novas diferenças vitais, que devem então ser vividas. (FREUD, 1920/2010, p. 228)

Freud encerra este capítulo em *Além do princípio de prazer* (1920) com uma resignada consideração sobre a natureza das pulsões de vida e de morte. O teórico reafirma sua ambição, onde uma ciência biológica futura possa substituir o caráter especulativo da relação mente e corpo, lançando respostas mais seguras às suas formulações:

As deficiências de nossa posição provavelmente se desvaneceriam se nos achássemos em posição de substituir os termos psicológicos por expressões fisiológicas ou químicas. (...) Por outro lado, deve-se deixar completamente claro que a incerteza de nossa especulação foi muito aumentada pela necessidade de pedir empréstimos à ciência da biologia. A biologia é, verdadeiramente, uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de *anos*, às questões que lhe formulamos. Poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses. Se assim for, poder-se-á perguntar por que nos embrenhamos numa linha de pensamento como a presente e, em particular, por que decidi torná-la pública. Bem, não posso negar que algumas das analogias, correlações e vinculações que ela contém pareceram-me merecer consideração. (FREUD, 1920/2010, p. 234).

5 A IDENTIDADE DE PENSAMENTO: A MODULAÇÃO QUANTITATIVA ENTRE A MEMÓRIA E A PERCEPÇÃO

“É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 1914/2010, p.18-19)

5.1 A EMERGÊNCIA DO EU-INICIAL AO EU-PRAZER

Em o *Eu e o Isso* (1923), Freud elucida a ação da percepção endossomática:

A percepção interna traz sensações de processos vindos das camadas mais diversas, e certamente mais profundas, do aparelho psíquico. Elas são conhecidas; as da serie prazer-desprazer ainda podem ser vistas como o melhor exemplo delas. São mais primordiais, mais elementares do que as que vêm de fora, mesmo em estados de consciência turva podem ocorrer.(...) Estas sensações são plurioculares como as percepções externas, podem vir simultaneamente de lugares diversos, e com isso ter qualidades diversas, também opostos. (FREUD,1923/2011 p. 26)

Como podemos notar Freud esta descrevendo com maior rigor de detalhes a natureza das representações abertas e fechadas exploradas nas *Afásias* (1891). Agora é a emergência das percepções endossomáticas com os objetos do mundo (percepção exterior) que Freud irá esquematizar o desenvolvimento do *Eu*: “É fácil ver que o Eu é a parte do Isso modificada pela influência direta do mundo externo, sob a mediação Pcpt-Cs” (FREUD, 1923/2010, p. 31).

Em *Os Instintos e seus destinos* (1915), Freud descreve três emergências do *Eu*, segundo o contato da percepção endopsíquica com os objetos do mundo, tal como se segue: *Eu-realidade inicial*; *Eu puro-prazer*; e posteriormente será acrescentado mais um no texto *A Negação* (1925), o *Eu-realidade definitivo*. Quanto ao primeiro, o *Eu-realidade inicial* é designado como uma organização perceptiva simples, cuja única condição indicativa entre o dentro e o fora, é o par: Eu/Não-Eu, “segundo um bom critério objetivo” (FREUD, 1915e/2010, p. 75).

Esta objetividade, tão característica do *Eu-realidade inicial*, é associada ao esquema reflexivo, onde o organismo primitivo efetua trocas simples com os estímulos: “É através da ação muscular, motora que o aparelho inicia seu reconhecimento de dentro e fora, primeiro da capacidade de fuga do estímulo externo pelo movimento e pela incapacidade de fazê-lo contra os estímulos internos” (FREUD, 1915e/2010, p. 54-5).

Conforme Freud já havia exposto em vários textos, a complexidade do sistema nervoso humano faz com que a pulsão, advinda da multiplicidade endógena, precipite numa força constante e inelutável. O desprazer e a dor seriam os únicos índices filogeneticamente determinantes para o acionamento reflexo. A liberação abrupta seria, então, proporcional ao aumento exponencial da tensão:

As manifestações de uma compulsão a repetição que descrevemos nas primeiras atividades da vida psíquica infantil e também nas vivências da terapia analítica, exigem-se bem em auto grau um caráter impulsivo e, quando se acham em oposição ao princípio do prazer, um caráter demoníaco (FREUD, 1920/2010, p. 200).

Afinal, o organismo primitivo não possui outra forma de reconhecer e lidar com a excitação além de forma automática, ou seja, repetindo o esvaziamento compulsivo através do escoamento motor. Embora o acúmulo e esvaziamento de estímulos consigam fornecer uma significação qualitativa por meio de variâncias no ritmo, amplitudes ou frequências, estes critérios não são suficientes para fornecer informações precisas sobre sua causa ou sua fonte (PEREZ; BOCCA; BOCCHI, 2019, p.65).

Vimos que desde o *Projeto (1895)* uma das grandes preocupações teóricas de Freud é a de estabelecer critérios de identificação e discriminação dos estímulos nervosos.

Para tanto, Freud apoia-se na biologia para postular a regra geral: *Afastar de si tudo o que lhe é desagradável*. Para que o aparelho possa conferir esta atribuição de juízo para os estímulos, Freud retoma as bases neurofisiológicas de seu modelo. Se de início é pela ação do arco-reflexo que o sistema nervoso primitivo (*Eu-realidade inicial*) reivindica o repouso de onde nunca deveria ter saído, a transitividade para o *Eu-prazer-purificado* inicia-se a partir do contato das pulsões auto-eróticas com os objetos exteriores.

A satisfação obtida irá imprimir um critério distintivo para o *Eu-prazer-purificado*. Ainda que a satisfação seja gerada pelas sensações mais difusas do corpo, é delas que irão fornecer um registro mnêmico para a percepção. A partir de então, um novo critério para a descarga é formulado: a percepção identifica-se com o prazer endossomático e, tudo que lhe é desagradável (acumulador de tensão) é expulso da percepção. Este critério, cuja centralidade está na identidade perceptiva, irá pavimentar o palco para a dinâmica e o conflito psíquico.

Em *Os Instintos e seus destinos (1915)*, Freud definiu a meta pulsional como a busca pelo *prazer de órgão*, o que situa as zonas erógenas como objeto erótico por excelência. Mais uma vez, reportamos a experiência emblemática do *Projeto de 1895*, onde o bebê está recapitulando a satisfação oriunda da sucção.

Agora, ao submeter-se a dominância do prazer – revivendo as experiências de prazer e expulsando para longe de si (percepção) o desprazer – que o aparelho poderá resguardar-se contra o aumento súbito e inesperado de tensão. Quanto à percepção da realidade, Freud indica que neste período a percepção coincide com o prazer endógeno, e a realidade lhe é indiferente ou hostil.

Deste modo, uma nova modificação do aparelho é requerida. Afinal, sob o primado do *Eu-prazer-inicial* a satisfação precipita-se de modo extremo no aparelho, pois, não nos furtamos do fato de que nos processos primários, conforme descrito no *Projeto* (1895), os estímulos operam mais próximos do arco-reflexo. Este circuito simples e direto forneceria uma relação bipolar com os objetos, tanto internos, como também, externos. Como resultado, o aparelho passaria trabalhar compulsivamente, a partir de uma introjeção ou expulsão extremas: “Gostaria de comer isso, ou gostaria de cuspir isso; e, numa versão mais geral: Quero por isso dentro de mim e retirar de mim. Ou seja: Isso deve estar dentro ou fora de mim”. (FREUD, 1925a/2011, p. 278).

Esta fixação da percepção com as sensações corporais irão fornecer as primeiras atribuições de juízo. É delas que uma equivalência psíquica irá coincidir entre: o prazer com o bom e o desprazer com o mau, até que por fim, os sentimentos de amor e de ódio. Como podemos notar há um gradativo processo de abstração psíquica cujo ponto de partida é a conexão entre a percepção e a sensação corporal. Assim, a excitação resultará, em última instância, numa significação conceitual: Uma emergência psíquica.

5.2 UM APARELHO DE INFERÊNCIA NO TESTE DE REALIDADE

“(...) a mera existência de uma representação constitui uma garantia da realidade daquilo que era representado” (FREUD, 1925a/201, p.279)

Ao revisarmos de que modo os estímulos nervosos são capazes de produzir um fenômeno psíquico na teoria freudiana, encontramos em *O mal-estar da civilização* (1930) os fundamentos necessários para nossa investigação. Pois, além de estabelecer uma investigação psicológica sobre os fenômenos sociais, este texto transcreve os conceitos energéticos mais pertinentes do *Projeto* de 1895 para as relações mais amplas da realidade, como o fenômeno de grupo. Freud está novamente, buscando teorizar as relações entre o interior e o exterior no modelo psíquico.

Perez; Bocca; Bocchi (2019, p.64) reconhecem na obra de 1930 o esforço freudiano por demarcar mais precisamente os perímetros do *Eu*, esta instância permeável entre o polo energético, representado pelo *Isso*, e sua outra extremidade, a percepção e suas relações objetais.

A fim de modelar este trajeto, Freud retomou as hipóteses de indistinção psicofísica, valorizando em 1930, o modelo psicogenético do *Eu* apresentado no *Projeto (1895)*. Refez o momento em que o bebê lactante não é dotado de critérios distintivos entre a realidade externa e as “sensações que fluem sobre ela” (FREUD, 1930/2010, p. 18). Deste modo, o alcance perceptivo deste proto-Eu não é algo além do que uma mera “massa de sensações”.

Para que possamos avançar na compreensão de uma estrutura perceptiva que leve em consideração a realidade externa, retroagimos para as *Formulações sobre os dois princípios* (1911), onde Freud retoma a importância dos trajetos facilitados na memória como uma orientação para a descarga no sistema perceptivo-motor. Discorre mais uma vez, sobre o modo adequado por onde a excitação deveria ser inibida, evitando a alucinação nos referidos sistemas. Para ultrapassar esta indistinção, utiliza-se do *teste de realidade* como mecanismo decisivo para esta. Parte deste processo seria modular – quantitativamente – as valências da representação, transformando-as numa experiência subjetiva de lembrança, e emancipando a percepção de sua interferência massiva. Salvaguardando estas condições econômicas, a percepção teria condições mais apropriadas para estabelecer comparativos entre a memória e a realidade externa.

Neste esquema o princípio de realidade parte de um circuito onde o agradável interno pode coincidir com a causa exterior. É lá fora que “o eu deve se dirigir e providenciar seu retorno, portanto seu reencontro” (PEREZ; BOCCA; BOCCHI, 2019, p.71), a satisfação.

Não se trata mais de uma experiência exclusivamente endossomática, por onde a percepção realiza-se de forma ensimesmada nas pulsões parciais. Escapar desta retração narcísica, oriunda de uma multiplicidade difusa da experiência endógena, constitui um dos maiores desafios psíquicos. Afinal, o calor do leite trafegando pela mucosa, o movimento peristáltico da sucção, a excitabilidade da mucosa labial, e as sensações geraram um registro inesquecível, carregando consigo todo o valor do termo: desejo.

Formulamos a ficção de não termos sempre possuído a capacidade, e de que no início de nossa vida psíquica realmente alucinamos o objeto gratificante, ao sentirmos necessidade dele. Mas a satisfação não ocorreria nesse caso, e logo o fracasso deve ter nos movido a criar um dispositivo que ajudasse a distinguir entre essa percepção fruto do desejo e uma real satisfação, e a evita-la no futuro. Em

outras palavras, bem cedo abandonamos a satisfação alucinatória do desejo e instituímos uma espécie de exame da realidade. (FREUD, 1915b/1917 p.164)

Com a emancipação da percepção exterior, trata-se agora de emparelhar a imagem-desejo a um objeto na realidade. A natureza deste objeto não é aleatória, ao contrário, deve reproduzir a satisfação vivida, outrora apenas interiormente: “Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte continua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas” (FREUD, 1915d/2016, p.144).

Agora, a imagem exterior deve representar a satisfação vivida apenas internamente. Deve encontrar no semblante, no toque, na palavra, no embale, no seio, enfim, toda a miríade de objetos exteriores, um representante fidedigno de seu próprio corpo. Isto significa substituir o prazer corporal para um objeto exterior como fonte de prazer:

Quando a primeiríssima satisfação sexual ainda é vinculada a ingestão de alimentos, a pulsão sexual tem um objeto fora do próprio corpo, no seio da mãe. Ele o perde somente depois, talvez justamente na época em que se torna possível, para a criança, formar uma ideia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz satisfação. (FREUD, 1905/2016, p.142-3)

Caberia à função da atenção, agora dirigida à realidade externa, a possibilidade de estabelecer novas atribuições, como a de verificar se as representações – de satisfação – internas estão em conformidade com a *real satisfação*. Aos juízos de prazer e desprazer que, até então, somente interessavam para o acionamento da defesa, agora devem estabelecer atribuídos de existência:

A significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo, e da *consciência* a eles ligada. A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensoriais, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Institui-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da *atenção*. (...) Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de *notação*, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência - uma parte do que chamamos *memória*. (FREUD, 1911/2010, p. 113. *Grifos do autor*).

Com a relevância cada vez maior dos objetos externos, o papel do *teste de realidade* visaria estabelecer discriminações mais seguras entre o dentro e o fora. Numa abordagem econômica, o fracionamento de pequenas quantidades em direção aos sistemas posteriores, permitiu um encadeamento lógico para as representações. Com efeito, a imagem-sensação foi dotada da capacidade de processar seus estímulos com as mesmas características sensoriais da realidade externa. Em outras palavras, isto significa na possibilidade de transformar a

excitação intensa e difusa em associações fechadas, ou seja, trabalhar com descargas mínimas e fracionadas de energia.

No lugar da repressão, que excluía do investimento uma parte das idéias emergentes, por gerarem desprazer, colocou-se o julgamento imparcial, que deveria resolver se uma determinada idéia era verdadeira ou falsa - isto é, se concordava ou não, e o fazia comparando com os traços de memória da realidade. (FREUD, 1911/2010, p. 113)

Esta correlação entre as imagens interoceptivas e exteroceptivas, Freud já abordara em seu modelo neurônico, estabelecendo comparações quantitativas entre as imagens- movimento do núcleo (imagem endógena) e as imagens-desejo do manto (imagem sensorial). Em seu desenvolvimento mais elevado, trata-se do estabelecimento entre as representações- coisa à representação-palavra, dos processos primários e secundários.

Por meio de uma sincronização entre as imagens portadoras de prazer e de uma percepção desvincilhada da intensidade, que se efetua a passagem do *Eu-prazer inicial* para o *Eu-realidade*, como um segundo estágio de aquisições.

Este fenômeno é definido por Hanns (1999, p. 89) como “experimentação e simulação” de experiências, onde o indivíduo será dotado de uma inferência sobre seu agir no mundo, o que equivale dizer que será capaz de produzir uma antecipação imagética de suas ações, volições e necessidades. É desta conquista que envolve a inclusão do princípio de prazer que permitirá a ampliação das capacidades cognitivas e intelectuais.

No bloco mágico de 1925, Freud compara este mecanismo de emissão e recolhimento periódico na realidade “como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o vínculo do sistema Pcpt.-Cs, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes” (FREUD, 1925b/2011, p. 274).

Como vimos no *Projeto* (1895), esta sondagem entre a representação e a percepção é ajustada mediante os índices quantitativamente prevalentes, ou seja, oriundos da série prazer e desprazer. Esta mesma inspeção das representações na realidade, é rerepresentada em *Sobre o Narcisismo* (1914), descrevendo de forma análoga os investimentos do *Eu*, semelhante à emissão e recuo dos pseudópodos de uma ameba. Metáfora que repetiu mais de uma vez, e que reaparecerá em o *Compêndio de Psicanálise* (1938) definindo como um “corpo protoplasmático” (FREUD, 1938/2018, p. 198). Estas hipóteses fundamentam as atividades do *Eu* como um agente de exploração periódica entre o mundo interno e o externo, estabelecendo comparativos entre os modelos prévios da memória e os ajustes inibitórios da percepção. Nos estados de desejo, caberia ao *Eu* distinguir entre percepção e representação, e

inibir a descarga – da excitação – nos sistemas posteriores, quando identifica que não se trata de uma percepção, e sim de uma alucinação. O teste de realidade contemplaria, justamente, este mecanismo de identificação do estímulo para sua regulação e descarga.

Notemos o quanto desta organização, dotada de fluxos energéticos e hierarquizados permanece fiel ao modelo proposto no *Projeto (1895)*, concebendo o *Eu* como este grande reservatório da libido, de onde envia, pondera e recolhe as informações baseadas no ajustamento econômico.

Em *A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)*, Freud retoma o mecanismo de modulação supressora da pulsão como uma determinação nosográfica. Neste caso, a supressão de uma parte da pulsão resultaria na neurose, e uma ruptura da organização do *Eu* pela excitação, resultaria na psicose: “Na neurose o *Eu*, em sua dependência da realidade, suprime um fragmento do *Isso* (da vida pulsional), ao passo que, em uma psicose esse mesmo *Eu*, a serviço do *Isso*, se afasta de um fragmento da realidade” (FREUD, 1924a/2011, p. 177).

Estes mecanismos inibitórios, que antes eram atribuídos ao *Eu-nuclear* no *Projeto (1895)*, foram na *Interpretação dos Sonhos (1900)* vinculados ao sistema pré-consciente, juntamente com a censura psíquica, como uma tarefa de corrigir o processo primário. Ademais, no capítulo VI, Freud define o trabalho de deslocamento e condensação como uma modificação das cargas de valências entre as representações. Esta mesma função é identificada em *O Inconsciente (1915)*, quando a vinculação das quantidades é operacionalizada pelo sistema pré-consciente, e a inibição concebida como uma função precursora da repressão. Caberia então ao mesmo sistema, organizar as representações numa ordem temporal em conformidade com a realidade externa (PEREZ; BOCCA; BOCCHI, 2019, p. 96).

Com este conjunto de operações admite-se que o teste de realidade não atua apenas no reconhecimento da representação na percepção, mas promove, também, um reordenamento das representações psíquicas em conformidade com a percepção. Esta modificação das quantidades permite elucidar o trabalho realizado pelo aparelho, para que os dados internos possam ser novamente reordenados em comunicação com os dados da consciência.

5.3 A PERSPECTIVA NEUROEVOLUCIONÁRIA PARA O PSIQUISMO

A necessidade de construir uma estrutura de níveis e gerenciamento econômico culminaria num destino biológico para o modelo freudiano. Uma arquitetura de funcionamento que regula a disposição e dinâmica para as representações, tal como Freud a concebe, está inteiramente justificada pelas hipóteses neurofisiológicas de estratificação desigual e evolucionista, conforme veremos. Nesta perspectiva, os estímulos trafegariam de forma ascendente, tratados ao longo do desenvolvimento – por vias ambientais e constitutivas – em processos distintos até atingir seu ápice ideal, uma síntese associativa de representações: *O Eu*.

Este circuito que envolve emergências e inibições descendentes do impulso nervoso envolveria a necessidade de construir um intercâmbio hierarquizado e codependente entre o suporte físico e os níveis mais abstratos, o que mobilizaria a dinâmica das representações psíquicas. Este intercâmbio dependente entre os dois níveis, não exclui a independência das camadas mais altas das inferiores. Este fato contestaria, por si só, uma posição puramente physicalista. Para entendermos melhor esta relação de emergência e independência hierárquica para as representações, Fenichel (1940) em sua leitura freudiana oferece uma proposta bastante clara sobre a estratificação dos fenômenos físico-químicos. Esta perspectiva reflete de forma muito elucidativa a perspectiva helmholtiana da qual Freud parte para o psiquismo. Segundo Fenichel, as propriedades de codependência não são capazes de homogeneizar todas as leis das quais emergiram as primeiras. Aos moldes de Brentano, o mesmo ocorre em sua compreensão epistemológica onde cada uma das áreas ou abordagens deve fornecer um princípio de sobreposição causal, porém, de gradual independência dos antecessores, por exemplo, o estudo das dinâmicas fluviais não depende dos processos que regem as moléculas da água. Embora estejam vinculadas, as dinâmicas fluviais possuem leis e mecanismos próprios. Isto significa que cada um dos estágios procedentes impõe princípios, mecanismos e inteligibilidades próprias, ainda que correlato aos primeiros.

Não obstante, Freud advoga para esta mesma disposição, onde o aparelho psíquico reflete a mesma gradação, processos e mecanismos que refletem a uma posição desigual, evolucionista e hierarquizada dos processos nervosos. A filogenética freudiana está inserida, justamente, nestes moldes neurofisiológicos de processamento para o psiquismo:

A embriologia, enquanto repetição da história evolutiva mostra realmente que o sistema nervoso central provém do ectoderma, e que o cinzento do córtex cerebral é

ainda um derivado da superfície primitiva e poderia ter herdado características essenciais desta. Seria concebível, então, que o incessante choque dos estímulos externos na superfície da vesícula alterasse a sua substância até certa profundidade, de modo que *o processo de excitação* desta transcorresse diferentemente do que sucederia nas camadas mais profundas. (FREUD, 1920/2010, 187)

Vejamos como o componente filogenético e os fatores acidentais da história de um indivíduo são conceituados numa abordagem econômica. E Freud vai além, explicita seu gerenciamento a partir de um modelo cerebral hierarquizado e dinâmico. Em *o Mais além* (1920), Freud retoma suas teses anatomo-morfológicas, pressupondo uma divisão funcional nas camadas cerebrais. Segundo o teórico, esta modificação – inclusive mecânica – estaria relacionada a certas variâncias, incidências e ritmos dos estímulos.

Sobre a natureza dessa modificação da substância e do processo de excitação no interior dela podemos formar concepções diversas, que no momento se furtam à verificação. Pode-se supor que, ao passar de um elemento para o outro, a excitação tenha de superar uma resistência e essa diminuição da resistência produza o traço permanente da excitação (a facilitação); no sistema Cs não existiria mais, portanto, uma tal resistência a transição de um elemento para o outro. Tal concepção pode ser relacionada a distinção, feita por Breuer entre energia de investimento parada (ligada) e livremente móvel, nos elementos dos sistemas psíquicos. (FREUD, 1920d/2010, p.187-8)

Esta modificação progressiva da base nervosa seria afetada pelo contato com a realidade exterior. Como resultado, esta modificação implicaria numa hierarquização de processos para o tratamento do estímulo, sujeitando a cada indivíduo, uma sobreposição dinâmica, ou seja, uma possibilidade de recapitulação das bases filogenéticas: “As primeiras fases do desenvolvimento não se conservaram em nenhum sentido; desembocaram nas posteriores, as quais serviram de material. (...) Assim chegamos a este resultado: semelhante conservação de todos os estágios anteriores junto à forma última só é possível no anímico, e não estamos condições de obter uma imagem perceptível desse fato” (FREUD, 1930/2010, p. 72). Freud chegou a modelar, inclusive, o que seria a composição morfológica do gerenciamento econômico:

Ainda temos algo a observar sobre a vesícula vivente e sua camada cortical receptiva a estímulos. Esse pequeno pedaço de substância viva flutua num mundo externo carregado de fortes energias, e seria liquidado pela ação dos estímulos que vem dele se não fosse dotado de uma *proteção contra-estímulos*. Ele a adquire da forma seguinte: sua superfície mais exterior perde a estrutura própria do que vive, torna-se inorgânica em certa medida, e funciona como um invólucro ou membrana especial que detém estímulos, isto é, faz com que as energias do mundo exterior possam penetrar com uma fração de intensidades nas camadas adjacentes, que permanecem vivas. Essas podem então, por trás da proteção, dedicar-se a recepção das quantidades de estímulos que passaram. Mas a camada externa, com sua morte, preservou do mesmo destino aquelas mais profundas, pelo menos enquanto não chegam estímulos de força tal que furem a proteção. Para o organismo vivo, a

proteção contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção de estímulos. (FREUD, 1920/2010, p.189)

No texto, *O Inconsciente* de 1915, Freud mais uma vez retoma as contribuições breuerianas para a regulação da energia nervosa:

Os processos do sistema Pcs mostram – e isso não importando se são já conscientes ou apenas capazes de consciência – uma inibição da tendência das ideias investidas à descarga. Quando um processo passa de uma ideia a outra, a primeira retém parte de seu investimento e só uma pequena parcela sofre deslocamento.(...) Isso levou Joseph Breuer a supor dois diferentes estados de energia de investimento na psique, um tônico, vinculado, e outro livremente móvel, tendente a descarga. Acho que essa distinção representa, até agora, nossa mais nova percepção da natureza da energia nervosa, e não vejo como se poderia evitá-la. (FREUD, 1915/2010, p129)

Contradizendo o abandono de uma teoria cerebral para o psiquismo, Freud reafirma em 1920 seu postulado dinâmico do sistema nervoso, em conformidade com a perspectiva cerebral breueriana, onde o córtex operaria “equipado com uma reserva própria de energia, e tem de empenhar-se, sobretudo, em preservar as formas especiais de transformação da energia que nele ocorrem, da influência niveladora e, portanto destruidora, das imensas energias que operam do lado de fora” (FREUD, 1920/2010, p.189)

Trata-se, por fim, de um sistema nervoso que exige um gerenciamento adequado para processar distintamente e preservar as *formas especiais*, a representação:

Nos organismos altamente desenvolvidos, a camada cortical receptora de estímulos da ex-vesícula retirou-se há muito para as profundezas do interior do corpo, mas porções dela ficaram na superfície, imediatamente abaixo da proteção geral contra estímulos. São os órgãos do sentidos, que contém, no essencial, dispositivos para a recepção de estímulos específicos, mas também mecanismos especiais para ainda proteger contra excessivos montantes de estímulos, e deter espécies inadequadas de estímulos. É característicos deles o fato de elaborarem quantidades muito pequenas do estímulo externo, de apenas tomarem mostrar casuais do mundo exterior. (FREUD, 1920/2010, p.189-0)

Deste modo, tanto a constituição das representações, quanto da estrutura nervosa, se organizam em torno desta eficácia econômica. O modo como que as representações ascendentes, dotadas de alto valor afetivo, são inibidas por outra instância, a camada cortical, segundo a qual, foi desenvolvida pela influência do mundo externo:

Agora distinguimos em nossa psique – que vemos como um aparelho composto de várias instâncias, províncias, distritos – uma região a que denominamos o Eu propriamente e outra que chamamos de Isso. Este é o mais velho, o Eu se desenvolveu a partir dele como uma camada cortical, por influência do mundo externo. (FREUD, 1939/2018, p. 135)

Com relação ao encontro verificável de fatores hereditários e adquiridos, representados funcionalmente através do *Isso* e do *Eu*, o teórico considera:

Afinal, nossa situação é dificultada pela atitude presente da ciência biológica, que não quer saber nada da herança, nos descendentes, de uns caracteres adquiridos. Nós, do nosso lado, com toda modéstia confessamos que, todavia, não podemos prescindir deste fator no desenvolvimento biológico. É certo que não se trata do mesmo nos dois casos: num, são caracteres adquiridos difíceis de apreender; no outro, são traços mnêmicos de impressões exteriores, algo de certo modo tangível. Mas, por acaso aconteça que não possamos representarmo-nos um sem o outro. (FREUD, 1939/2018, p. 140)

Amparado por analogias e dificuldades, Freud esforça-se por teorizar uma neoaquisição cerebral para as representações. Estes processos envolvem, segundo a citação acima, dois modos de recapitulação coemergente para os traços de memória:

- i. Os traços adquiridos: de caráter ontogenético, derivados das impressões sensoriais exteriores, o valor histórico e individual das representações adquiridas. Estas, segundo Freud, são dotadas de natureza mais tangível, mais fácil de apreender na percepção.
- ii. Os traços herdados: de caráter filogenético, dotados de características dinâmicas; de natureza biológica, menos tangível e de difícil apreensão na percepção.

As representações freudianas, portanto, articulam-se epistemologicamente sob a combinação mútua e coexistente destes dois fatores: o adquirido individual e o herdado pela espécie. Esta conjunção simultânea está amparada em sua concepção hierarquizada dos processos nervosos:

Surge uma nova complicação, porém, ao nos darmos conta da probabilidade de que na vida psíquica do indivíduo podem estar ativos não apenas conteúdos vivenciados por ele próprio, mas também inatos, elementos de origem filogenética, *herança arcaica*. Não se apresentam as seguintes questões: em que consiste esta, o que contém, quais são suas evidências? A resposta imediata e mais segura é que ela consiste em certas predisposições características de todo ser vivo. A saber, na capacidade e tendência de encetar determinadas direções de desenvolvimento e reagir de maneira específica a determinadas excitações, impressões e estímulos. (FREUD, 1939/2018, p. 137)

Não é pra menos que Freud em *Compêndio de Psicanálise* (1938/2018) apoiou-se na *psicologia animal* para acomodar sua tese neurológica do aparelho.

Este esquema geral de um aparelho psíquico deve se aplicar também aos animais superiores, psiquicamente similares ao ser humano. Devemos supor que existe um Super-eu sempre que, como no caso do ser humano, há um longo período de dependência infantil. É inevitável supor uma separação entre Eu e Isso. A psicologia dos animais ainda não abordou o problema que isso coloca. (FREUD, 1938/2018 p.194)

Ademais, em *Moisés e o monoteísmo* (1939), Freud retoma o caráter universal do simbolismo da linguagem. Afirma que alguns símbolos compartilhados pela espécie,

atribuindo-lhes uma marcação filogenética, cuja expressão na linguagem falada representa uma origem comum. Segundo Freud, a psicanálise revelou esta expressão mais arcaica, de origem corporal, presente em todas as sociedades primitivas, como também, nos sonhos. A formação simbólica que reflete esta capacidade de substituir uma representação por outra é naturalmente constituída, não aprendida pela criança, e tudo o que resta deste saber original, suas variações e desdobramentos, o adulto esquece depois (FREUD, 1939/2018 p. 138).

Freud lança mais de uma vez à neurobiologia futura, uma resposta para estas questões. O alcance teórico de Freud para estas formulações são surpreendentes, pois, além de descrever os processos nervosos e subdivisões cerebrais hierarquizados, propõe uma dinâmica representacional baseada em pressupostos quantitativos e filogenéticos:

O objetivo fundamental da atividade mental, que pode ser descrito qualitativamente como um esforço para obter prazer e evitar desprazer quando examinado do ponto de vista econômico, surge como tarefa que consiste em dominar as quantidades de excitação (massa de estímulos) que atuam no aparelho mental. (FREUD, 1917/2014, p. 397)

É desta massa de estímulos, cujo funcionamento submete às representações a uma dinâmica inelutável no psiquismo, que o teórico designa:

Chamamos isso a mais antiga destas províncias ou instâncias psíquicas: seu conteúdo é todo o herdado, o que se traz com o nascimento, o estabelecido constitucionalmente; em especial, então, as pulsões que provem da organização corporal, que aqui (no isso) encontram uma primeira expressão psíquica, cujas formas são desconhecidas para nós.

Em nota de rodapé, complementa: “Esta parte mais antiga do aparato psíquico segue sendo a mais importante durante toda a vida. Nelas iniciou também o trabalho de investigação da Psicanálise”. (FREUD, 1938/2018, p. 191-2).

Esta concepção dinâmico-evolutiva do sistema nervoso foi apresentada na *Conferência XXII (1933)*, no capítulo sobre *Algumas ideias sobre o desenvolvimento e regressão – Etiologia*. Sob a direção de Brücke, Freud reconhece que os resíduos nervosos são retidos estrutural e funcionalmente nos estágios iniciais do desenvolvimento da espécie, e o quadro geral – a condição superior mais adaptada – será responsável por quantidades de inibição posterior:

Descobri que, exteriormente a matéria cinzenta, tais células nervosas distribuíam-se por todo o percurso até o chamado gânglio espinhal a raiz posterior, o que me levou a conclusão de que as células dessas massas de gânglios haviam migrado da medula espinhal pelas raízes dos nervos. Isso, alias, é o que nos mostra a historia evolutiva. (...) É importante para o entendimento das neuroses que os senhores tenham sempre em vista essa relação entre fixação e regressão. Isso lhes dará um ponto de apoio

seguro nas questões relativas à causação das neuroses, a sua etiologia. (FREUD, 1917/2014, p.452-3)

Ao reconhecer a valoração dos primeiros estágios do desenvolvimento, conclui que algumas aquisições posteriores podem regredir, dinamicamente, a estágios mais arcaicos. No curso da evolução psíquica, uma determinada função podem coexistir: os desenvolvimento posteriores não anulam os predecessores. O infantil continua habitando a vida anímica adulta, assim como o "mais civilizado" continua "selvagem". O psíquico dispõe, enfim, de uma plasticidade que a matéria viva não possui, por mais diferenciada que seja:

(...) Não podemos descrever o estado de coisas, que a nada pode ser comparado, senão afirmando que todo estágio evolutivo anterior se conserva junto aos mais tardios, deles derivados; a sucessão também envolve a coexistência, embora os materiais nos quais transcorre toda a série de transformações sejam os mesmos. Por mais que o estado anímico anterior não tenha se exteriorizado durante anos, tão certo é que subsiste, que um dia pode converter-se de novo na forma de manifestação das forças da alma, e, na realidade, na única forma, como se todos os desenvolvimentos mais tardios tivessem sido anulados, tivessem involuído. Esta plasticidade extraordinária dos desenvolvimentos da alma não é restrita quanto a sua direção; pode-se designá-la como uma capacidade particular para a involução — para a regressão —, pois pode ocorrer que, se uma etapa posterior e mais elevada de desenvolvimento é abandonada, não se possa alcançá-la de novo. Contudo, os estágios primitivos sempre podem se restabelecer; o que há de primitivo em nossa alma é impercível no sentido mais pleno. (FREUD, 1915c/2010, p.225)

A compreensão de um desenvolvimento por etapas admite que estas porções nervosas que prosseguiram na história evolutiva, podem retornar – funcionalmente – aos estádios precedentes – ao se deparar com algum obstáculo externo, ou seja, quando confronta-se com uma impossibilidade de descarga – exterior. Numa linguagem psicológica, a frustração pode desencadear a regressão da libido a registros mnêmicos de estocagem da satisfação, as chamadas fixações. Um acidente externo que afeta o gerenciamento da descarga (satisfação) evocam as condições adicionais na causa precipitante.

Neste sentido, Freud reforça o novo fator na série etiológica, na regulação das quantidades: “Não basta uma análise puramente qualitativa dos determinantes etiológicos. Ou, expressando-o de outra maneira, é insuficiente uma visão simplesmente *dinâmica* desses processos mentais; requer-se também uma linha de abordagem *econômica*” (FREUD, 1917/2014, p. 397).

Esta abordagem não ficará restrita a dinâmica geral dos processos psíquicos, mas também, encontrará seu lugar na nosografia freudiana:

[...] reconhecer nas três disposições para a histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva, regressões a fases pelas quais toda a espécie humana teve que passar em algum momento, do início ao fim dos tempos glaciais, de modo que todos

os seres humanos eram como apenas alguns são hoje, em virtude de sua tendência hereditária e por neo-aquisição. (FREUD, 1987, p.13)

Neste sentido, a compreensão etiológica envolve os fatores constitucionais do aparelho, partindo de uma estrutura nervosa por neo-aquisição à investigação das pulsões parciais na participação patogênica. Em conformidade com as leis que regem a não sujeição da energia breueriana, formula os processos da memória:

No caso de uma pessoa em análise, pelo contrário, a compulsão a repetição na transferência dos acontecimentos da infância evidentemente despreza o princípio do prazer sob todos os modos. O paciente comporta-se de modo puramente infantil e assim nos mostra que os traços de memória reprimidos de suas experiências primeiras não se encontram presentes nele em estado de sujeição, mostrando-se elas, na verdade, em certo sentido, incapazes de obedecer ao processo secundário. (FREUD, 1920/2010, p.201)

As pulsões são conceitualizadas como este circuito inter cruzando noções filogenéticas e adquiridas, entretanto, é em sua máxima neurobiológica que visa restaurar um estado anterior. Em *Moisés e o monoteísmo* (1939), Freud legitima seu modelo cerebral para o psiquismo freudiano:

O tornar-se consciente se liga, antes de tudo, as percepções que nossos órgãos sensoriais obtêm do mundo externo. Para a abordagem topológica é, então, um fenômeno que sucede na camada cortical mais externa do Eu. É verdade que também recebemos informação consciente do interior do corpo, os sentimentos, que influenciam até mesmo nossa psique de modo mais imperativo do que as percepções externas, e em determinadas circunstâncias os órgãos sensoriais mesmo proporcionam sentimentos, sensações de dor, além das percepções que lhes são específicas. Mas, como essas sensações (como são chamadas, para distingui-las das percepções conscientes) também partem dos órgãos finais e nós vemos todos eles como prolongamentos, ramificações da camada cortical, podemos manter a afirmação acima do parágrafo. A única diferença seria que para os órgãos finais das sensações e sentimentos o próprio corpo toma o lugar do mundo externo. (FREUD, 1939/2018, p.211-2)

Vejamos como o teórico está abordando, em uma linguagem neurofisiológica, a necessidade de instaurar uma hierarquização e regulação nos processos de descarga. Ressaltando a exigência de uma conexão psíquica entre o sistema interoceptivo e exteroceptivo, que só alcançarão estabilidade na camada cortical após sujeitar a livre energia. Com efeito, Freud está modelando uma coemergência psicofisiológica com todo seu teor na *Naturwissenschaften*:

Processos conscientes na periferia do Eu e tudo o mais inconsciente no Eu – tal seria o mais simples estado de coisas que poderíamos supor. Talvez seja realmente assim nos animais; no ser humano há uma complicação adicional: também processos internos no Eu podem adquirir a qualidade da consciência. Isso é obra da função da linguagem que, estabelece uma firme ligação entre os conteúdos do Eu e resíduos mnêmicos das percepções visuais e sobretudo acústicas. A partir de então a periferia perceptiva da camada cortical pode ser excitada em medida bem maior também

desde o interior, processos de pensamento podem se tornar conscientes. (FREUD, 1939/2018 p. 212)

Entretanto há ressalvas em identificar os processos inconscientes como processos análogos ao fisiológico. Caropreso (2006) argumenta que ao identificar os processos inconscientes ao somático e o psíquico à consciência, o âmbito psicológico ficaria muito restrito, uma “psicologia que se restringisse a investigação da consciência não conseguiria explicar grande parte das manifestações psíquicas” (CAROPRESO, 2006, p. 115). Com referência a este tipo de paralelismo psicofísico, Freud adverte:

Podemos responder que a identificação convencional entre o somático e o consciente é totalmente inadequada. Ela rompe as continuidades psíquicas, nos precipita nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, fica aberta a crítica de superestimar sem fundamentação razoável o papel da consciência, e nos obriga a deixar o âmbito da pesquisa psicológica, sem nos trazer compensação de outros campos. (FREUD, 1915d/2010, p. 103)

O que Freud vem reiterando desde seus primeiros escritos é de uma abordagem contínua, porém, estratificada entre as séries nervosas e psíquicas. Vejamos como Freud retoma a mesma questão em Esboço de psicanálise (1938), fato que reforça sua importância para a questão mente e cérebro:

Acompanhamos como essas energias, principalmente a libido, se organizam numa função fisiológica que serve a manutenção da espécie. Nada houve, nisso, que sustentasse a característica peculiar do que é psíquico, não considerando, naturalmente, o fato empírico de que esse aparelho e essas energias estão na base das funções que denominamos nossa vida psíquica. Mas há um consenso geral de que esses processos conscientes não formam séries ininterruptas, completas em si mesmas, de modo que não restaria senão supor processos físicos ou somáticos concomitantes aos psíquicos, e aos quais se deve atribuir uma maior completude do que as séries psíquicas, pois alguns deles tem processos paralelos conscientes, mas outros, não. Portanto, é plausível dar ênfase a esses processos somáticos na psicologia, reconhecer neles o propriamente psíquico e buscar uma apreciação diferente dos processos conscientes. (FREUD, 1938/2018, p. 205-6)

É destes mesmos processos, em termos físicos, que correspondem aquilo que nas palavras de Jackson é definido como: uma emergência desigual de representabilidade. Um princípio concomitante, porém estratificado para os processos, que só pode ser explicado a partir de uma estrutura dinâmico-hierárquica:

Nas raízes da atividade pulsional os sistemas se comunicam amplamente entre si. Uma parte dos processos estimulados passa pelo *Ics* como por um estágio preparatório e alcança o mais alto desenvolvimento psíquico no *Cs*, enquanto outra parte é retida como *Ics*. Mas o *Ics* é também atingido pelas experiências vindas da percepção externa. (FREUD, 1915d/2010, p.136)

Do ponto de vista do tratamento dos estímulos, esta diferenciação tópica corresponde à modificação imposta pelos processos primários e secundários, isto é, da passagem da circulação livre à ligada.

O que Freud vem insistindo desde as *Afásias* (1891) é deste longo trabalho hierarquizado entre o sistema nervoso periférico e a camada cortical. O psiquismo freudiano estaria, portanto, a meio caminho. Afinal, segundo o teórico, caberia aos trabalhos realizados no córtex, sede das representações do *Eu*, a possibilidade de sintetizar os estímulos endógenos em uma qualidade projetiva, atribuindo-lhes a característica de um objeto na percepção.

5.4 DA ENTROPIA CORPORAL A SÍNTESE PSÍQUICA

“o amor não é uma pulsão parcial”
(FREUD, 1915d/2010, p.128)

Hanns (1999) nos informa a extensão semântica do termo *Lust* (prazer) como um conceito presente em diversas passagens freudianas, do princípio de prazer (*lustprinzip*) à teoria das pulsões parciais, o prazer de órgão (*Organlust*), o eu-prazer (*lustich*), o auto-erotismo, o narcisismo, etc. Embora enfatize que a significação do termo em alemão corresponde a uma sensação prazerosa experimentada desde a interioridade, esta pode ser originada a partir de um órgão específico, de uma zona do corpo, inclusive, como um apelo interno, uma tensão por obter mais prazer (HANNIS, 1999, p. 58).

Não obstante, Freud segue enfatizando as distinções entre um estímulo interno no psiquismo para um estímulo externo. Como vimos, esta necessidade de discriminação conceitual está intimamente ligada à teoria pulsional: “(...) o estímulo pulsional não provém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. Por isso, atua de modo diferente sobre a psique e requer outras ações para ser eliminado” (FREUD, 1915e/2010c, p. 54).

Portanto, o neurofisiologista Freud esta sempre diante desta mesma questão-problema, o gerenciamento da excitação numa estrutura hierarquizada de processamento. Trata-se sempre desta corrente endógena (*Reiz endógene*) que culmina em sobrecarga e pressão, impelindo o sistema a uma descarga que adequada. Esta exigência de trabalho que

oscila em variações da energia irá justificar a constituição e manutenção do aparelho psíquico freudiano:

As sensações de natureza prazerosa não tem nada inerentemente impelente (*drängendes*) nelas, enquanto as desprazerosas o têm no mais alto grau. As últimas impelem no sentido da mudança, da descarga, e é por isso que interpretamos o desprazer como implicando uma elevação e o prazer uma redução da catexia energética. (FREUD, 1923/2010, p. 27)

No entanto, Freud avança na compreensão da carga pulsional incluindo a variedade de fontes e modos de descarga. Conforme podemos observar, a categorização qualitativa está intimamente ligada aos modos de tratamento do estímulo, ou seja, aos modos da excitação ligar e descarregar nos sistemas posteriores (sensório-motor):

Não me parece injustificável fixar através de uma denominação essa diferença de natureza entre o prazer advindo da excitação das zonas erógenas e o que é produzido pela expulsão das substâncias sexuais. O primeiro pode ser convenientemente designado de pré-prazer, em oposição ao prazer final ou prazer de satisfação da atividade sexual. (FREUD, 1905b/2016, p. 126)

A respeito desta citação, qual seria a necessidade de Freud para distinguir o método utilizado para a descarga sexual? Interpretamos que esta referência revela para nós toda a importância da abordagem econômica para as representações. Vejamos em detalhes:

O primeiro esquema formulado por Freud corresponde ao *auto-erotismo*, nele provê que um órgão ou uma zona erógena (*Organlust*) é, ao mesmo tempo, um circuito capaz de fornecer sobre si acúmulo (tensão) e descarga (satisfação). Quantitativamente, estes circuitos de pulsões parciais operam com excitações livres e diretas, capazes de efetuar uma realização *imediata*. O segundo esquema, mais complexo, cujo ideal está suportado no primado genital, exige o domínio adequado – leia-se regular – de duas condições psíquicas necessárias: i) a integração das pulsões parciais independentes, compulsivas e ensimesmadas e; ii) do reconhecimento e destino (afetivo) de objetos externos para a descarga.

Em resumo esta integração psicofísica possibilitará aquilo que Hanns definirá como uma “grande elaboração das representações” (1999, p. 65). Um pareamento e regulação adequada dos estímulos, afetos e impulsos que do contrário operariam como *circuitos-curtos*, ou seja, anarquicamente centrípetos e independentes. Sua ultrapassagem promoveria uma saída possível para o aprisionamento auto-realizável do processamento primário.

O desenvolvimento psíquico freudiano corresponde, portanto, a este percurso da libido que reivindica a transformação de uma pluralidade mortífera do biológico para uma correspondência integrativa na representação.

A perversão seria concebida, então, como esta perturbação econômica na percepção, uma falha no processo de síntese psíquica, a saber, das zonas de excitação corporal. Do contrário estas zonas independentes estariam operando compulsiva e anarquicamente. Este processo de pareamento entre as pulsões parciais com as representações coincide com as fases pré-genital e genital. Seu fluxo orienta o modo como às representações se relacionam com a percepção, seja este contínuo e acumulativo, ou ainda, capaz de desvio, retrocesso e/ou fixações ao longo do desenvolvimento. Em resumo, este trajeto perfaz à passagem de uma condição polimórfica a uma relação mais estável, com todo seu contorno econômico, com o objeto. O advento do psiquismo além de tributário destas forças, constitui-se como uma interface regulatória capaz de discriminar e mediar estas exigências.

No início dos *Três ensaios* (1915) Freud traz uma série de ressalvas sobre as concepções psiquiátricas e biológicas do ideal sexual no século XIX. Sua crítica dirige-se a uma posição teleologicamente orientada para a reprodução, segundo o qual a heterossexualidade e a centralidade dos genitais desempenhariam um patamar privilegiado da espécie. A desmontagem destes pressupostos encontra justificativa na articulação, própria de Freud, entre as bases biológicas, afetivas e ambientais que irão estruturar suas hipóteses sobre o psiquismo.

A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar sobre a biologia da vida sexual humana com os meios acessíveis à investigação psicológica; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia por que me desconcertar com o fato do método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica. (Freud, 1905b/2016, p. 119).

Freud não está propondo uma exclusão do biológico conforme alude em inúmeras citações, e sim, através dos *meios acessíveis à investigação psicológica* lançar novas luzes à biologia. Assim os chamados fatores sexuais ganharão novos contornos biológicos.

Como já exposto Freud recorre às linhas maturativas da biologia para a estruturação de seu aparelho psíquico, no entanto, a natureza destas correntes biológicas que o autor deposita, inclusive, para certo senso de normatização sexual. Entretanto, esta normatização freudiana só pode ser fielmente lida quando recorrida a uma perspectiva econômica. Em uma nota nos *Três ensaios*, acrescentada em 1924, Freud reafirma seu projeto inacabado sobre as pulsões: “*A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica*” (FREUD, 1905b/2016, p.67).

Opõe-se assim a uma concepção da sexualidade que partirá como um dado a priori, estável e direto com o objeto. Condição que nas palavras de Monzani (2014, p.33) seria representada como um habitat latente no indivíduo, aguardando passível sua eclosão na puberdade. Freud desmonta por completo este modelo. A sexualidade freudiana ganha lugar de destaque no desenvolvimento do aparelho por, justamente, trata-se de um psiquismo emergente do biológico.

Outra hipótese provisória na doutrina das pulsões, que não podemos omitir aqui, reza o seguinte: os órgãos do corpo oferecem excitações de duas classes, baseadas em diferenças de natureza química. A uma destas classes de excitação designamos como especificamente sexual, e ao órgão afetado, como a zona ‘erógena’ da pulsão parcial sexual que parte dele. (FREUD, 1905b/2016, p. 153)

Em *Análise Terminável e Interminável* (1937), o autor abre a possibilidade de que fatores de predisposição determinariam a funcionalidade – quantitativa – dos órgãos de alguns indivíduos. Como resultado, estes órgãos operariam distintamente, portando características de excitações variáveis que ultrapassariam a capacidade de auto regulação do *Eu*. A estes excessos, inerentes do organismo, que Freud irá supor uma espécie de recalque originário.

No tocante a estas, todas estas constelações endossomáticas que envolvem os órgãos do corpo, mucosas e zonas excitáveis, operariam como um fator de predisposição para as perturbações neuróticas. Trata-se, por fim, de uma equação cuja atividade (...) seria errôneo supor uma oposição onde existe um nexo de cooperação” (FREUD, 1905b/2016, p. 70).

Amiúde, estamos diante de um organismo dotado de pulsões parciais centrípetas, intensas e anárquicas que representam um perigo para a autonomia e sobrevivência do indivíduo humano. Se qualquer zona do corpo é passível de erotização (fonte de prazer), a percepção que trilha o curso da excitação pode-se fixar num *looping* excitatório. Ademais, levando em consideração o caráter descritivo do modelo freudiano que modela uma conexão entre os sistemas perceptivos e de memória, e pressupõe uma regulação econômica para seu desempenho, os excessos fisiológicos promoveriam uma indiscriminação entre a fantasia e a realidade.

Sair, portanto, deste processo recursivo da excitação para um modo adequado, ou seja, de projetar-se para fora do próprio corpo, reflete: “a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para [outro] prazer” (FREUD, 1920/2010, p.165).

Assim o caráter normativo, ou quiçá de um finalismo organicista na teoria diz respeito à conjugação das excitações dispersas a uma unidade integradora, que será posteriormente identificada como um *Eu-corporal*:

Um outro fator, além da influência do sistema *Pc*, parece ter tido efeito sobre a gênese do *Eu* e sua diferenciação do *Isso*. O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. Já se discutiu bastante, na psicofisiologia, de que maneira o corpo sobressai no mundo da percepção. (...) O *Eu* é, sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície. Procurando uma analogia anatômica para ele, podemos identifica-lo com o “homúnculo do cérebro” dos anatomistas, que fica no córtex, de cabeça para baixo e com os calcanhares para cima, olha para trás e, como se sabe, tem no lado esquerdo a zona da linguagem (FREUD, 1923/2010, p. 32).

Em uma nota acrescida em 1927, James Strachey nos informa que Freud complementa que, em última instância, o *Eu* deriva das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo.

Tal qual buscamos reiterar ao longo de nossa pesquisa, a obra freudiana trata de percorrer este caminho emergente da percepção: das excitações endógenas até a superfície *Pcpt-Cs*: “Numa época em que a satisfação sexual estava ligada à absorção de alimentos, a pulsão encontrará seu objeto fora do corpo da criança, na sucção do seio da mãe.” (FREUD, 1905b/2010, p.142-3).

Marcando a transitividade das pulsões corporais em uma síntese objetual, Freud descreve a natureza destas pulsões:

Elas são numerosas, originam-se de múltiplas fontes orgânicas, atuam de início independente uns dos outros, e apenas bem depois são reunidos numa síntese mais ou menos completa. A meta que cada um deles procura atingir é o prazer do órgão; somente após efetuada a síntese eles entram a serviço da função reprodutiva, tornando-se geralmente reconhecidos como pulsões sexuais. (FREUD, 1915e/2010, p.63)

Eis a significação da dimensão somato-sexual para o psiquismo freudiano. É nele que provê uma atividade erótica, de fonte de satisfação endógena, que se apoia primeiro nas funções conservadoras da vida, para somente depois, tornar-se independente. Somente cumpridas estas exigências que estas representações, carregadas de alto valor energético, serão dotadas de características mais abstratas, lógicas, as qualidades psíquicas.

Como podemos notar a dimensão sexual não é introjetada no psíquico, de fora para dentro, ao contrário, a imagem de satisfação – de natureza endógena – que é projetado para a realidade exterior. É partindo desta concepção que Freud constrói sua alegoria do corpo

protoplasmático (1938). É o próprio órgão que promove satisfação, o objeto perdido: “Este objeto foi perdido posteriormente, bem na época, talvez, em que a criança se tornou capaz de formar a representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz satisfação.” (FREUD, 1905b/2016, p.143).

A percepção global da pessoa coincide com esta perda de si, pelo menos de uma parte tão valiosa: de seu próprio órgão de satisfação. Ao final, trata-se do que Perez; Bocca e Bocci (2015, p. 91) indicam quando referenciam o texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), encontrando nele uma superação de certo solipsismo presente na teoria. Afinal, os imperativos das necessidades biológicas referidas na teoria do apoio e na própria exigência de satisfação indicam uma recusa de um objeto indefinido para as pulsões. Monzani (2014, p. 53) compartilha da mesma ideia, onde apresenta-nos um Freud que escapa de um determinismo endógeno quando conceitua a atenção como um critério particular para algumas exigências prévias – do organismo – para com o mundo. A independência da atenção para com os objetos de satisfação, em momentos posteriores do desenvolvimento, advoga para esta autonomia psíquica.

Assim, a ação específica e a teoria do apoio situam o narcisismo secundário a meio caminho, um processo intermediário entre o autoerotismo e os objetos da realidade: “(...) assim como o corpo de uma ameba esta relacionada com os pseudópodos que produz” (FREUD, 1914, p.17).

5.4.1 A emancipação da percepção

Em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921) Freud segue a mesma linha de investigação já trabalhada no *Projeto* de 1895, os *Três Ensaios* de 1915 e no *Narcisismo* de 1914. Nesta obra, o autor insere o princípio na economia do aparelho mental para elucidar os fenômenos de sugestão, comparáveis ao efeito hipnótico diante da figura do herói ou do líder sobre o grupo.

Para compor suas hipóteses, utiliza de uma estrutura conceitual compatível com o modo que as excitações operam sob o regime do prazer, uma expressão da excitação na vida anímica individual, designada como libido: “(...) uma magnitude quantitativa daquelas pulsões que tem a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra amor” (FREUD, 1921/2011, p. 43).

Partindo deste tipo de investimento sobre o objeto (imagem exterior) que construirá o eixo por onde gravitam todas as demais identificações num indivíduo. É por meio dela que designa uma forma de captura da imagem pelo afeto. O leitor ainda que ligeiramente familiarizado com a obra, identificará no complexo de Édipo este segundo momento organizador da excitação. É nesta condição subjetiva das identificações investidas de afeto que forja os ideais do *Eu* e o gérmen do *Super-eu*. Do mesmo modo que estabelecerá o conflito entre os polos afetivos e ideativos. Consagramos mais uma vez a velha fórmula, sempre presente, na qual buscamos salientar em nossa pesquisa, onde uma imagem exterior (percepção) deve ser ajustada com os modelos a priori (representação), e vice-versa. A identificação como uma referência externa ao *Eu* não fugiriam a esta regra. Por todos os efeitos, este fenômeno indica a mesma persistência do aparelho: a aproximação e a distância entre os polos antitéticos do aparelho.

Por esta razão que a função de verificar a realidade pelos processos de pensamento envolve um distanciamento gradativo da carga de afeto correspondente:

A tendência do pensar deve, portanto, ir no sentido de se liberar cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer, e de reduzir o desenvolvimento de afeto, pelo trabalho do pensamento, a um mínimo que seja ainda utilizável como sinal. Por meio de um novo superinvestimento, mediado pela consciência, este refinamento do desempenho deve ser atingido (Freud, 1900/1996 p. 572)

Nesta obra sobre as massas que versa sobre a libido e os fatores hipnóticos em 1921, o interesse freudiano não reside apenas em retratar os bastidores quantitativos para a realidade e o pensar, mas essencialmente de nos alertar, o quanto esta dialética imagem/excitação é sumamente mobilizada nas relações com o grupo favorecendo condições de regressão primitiva, isto é, de intensidade afetiva. Afinal, o reconhecimento de um caráter regressivo para os afetos e um ideal para o pensamento científico implica numa fórmula hierarquizada freudiana na qual buscamos salientar: “a antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início” (FREUD, 1925a/2011, p. 279).

5.5 ENTRE A PAIXÃO E A CONS-CIÊNCIA

“Um eu educado dessa maneira tornou-se racional; não se deixa mais governar pelo princípio de prazer, mas obedece ao princípio de realidade que, no fundo, também busca obter prazer, mas prazer que se assegura levando em conta a realidade, ainda que seja um prazer adiado ou diminuído.” (FREUD, 1917/2014 p.474)

Agora, a partir dos dados fornecidos ao longo de nossa pesquisa, temos melhores condições de explorar algumas questões gerais que envolvem esta relação tópico-energética para os processos de pensamento. O que pretendemos demonstrar é que o conjunto de teses e conceitos mais pertinentes da psicanálise freudiana estão, nos mais variados graus de aproximação, acomodados numa arquitetura estratificada para o gerenciamento dos estímulos.

Ainda no texto sobre as *Formulações sobre os dois princípios* (1911), Freud trata das interações do princípio de prazer (*Lustprinzip*) e o princípio de realidade (*Realitätsprinzip*) de forma a designar a correspondência entre os *processos primários* e *secundários*. Não obstante, o modelo quantitativo está também presente nos fenômenos sobre a alienação da realidade, configurando um modo de expressão psíquica de significativa importância teórica. O distanciamento da realidade, tão fortemente presente nas neuroses e nas psicoses, identificados sob a forma de fantasia ou de alucinação, constitui, respeitando seus mais variados graus, uma condição geral dos seres humanos.

Tais estados mentais designam, à luz do autor, processos mais arcaicos de pensamento, resíduos de uma etapa marcada pela intensa significação dos afetos. Nesta fase onde o proto-*Eu* é designado como uma identidade perceptiva, imperam uma lógica de funcionamento em que: “eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por estes processos é fácil de reconhecer; ele é descrito como o princípio de prazer- desprazer [*Lust-Unlust*], ou, mais sucintamente, princípio de prazer” (FREUD, 1911/2010, p. 111).

Paradoxalmente, esta tendência impõe um afastamento de qualquer impressão aflitiva, o que justificará o acionamento posterior da repressão:

No campo da fantasia, a repressão permanece toda-poderosa; ela ocasiona a inibição de ideias in status nascendi antes que possam ser notadas na consciência, se a catexia destas tiver probabilidade ocasionar liberação de desprazer. Este é o ponto fraco de nossa organização psíquica; e ele pode ser empregado para restituir ao domínio do princípio de prazer processos de pensamento que já se haviam tornado racionais. (FREUD, 1911/2010, p. 116).

O ato de pensar foi dotado de características econômicas que permitiram ao aparelho suportar a descarga do sistema reflexivo e, num segundo momento, da satisfação imediata no próprio corpo. Agora, o processo experimental da ação – pelo pensamento – requer uma modulação das excitações livremente deslocáveis em quantidades ainda menores e fixas.

Desde o início, são todas as percepções que vem de fora (percepções sensoriais) e de dentro, as quais chamamos de sensações e sentimentos. E quanto aos processos internos que podemos – de forma tosca e imprecisa – reunir sob o nome de processos de pensamento? Eles, que se efetivam como deslocamentos da energia psíquica a caminho da ação, em algum lugar dentro do aparelho, avançam para a

superfície que a surgir a consciência? (...) E a resposta seria: pela ligação com as representações verbais correspondentes. (FREUD, 1923/2010, p. 23-4).

Daí reside a anatomia energética e quantitativa freudiana, identificado nas sensações e sentimentos, onde o acesso para a percepção consciente só pode ser bem sucedido quando cumprido certas exigências econômicas, o que permitirão ligações adequadas com a percepção com o sistema mnêmico. Estas ligações implicam em transformar as impressões sensoriais livres à representações verbais ou a qualquer grupo de resíduo externo: “O que a partir de dentro quer tornar-se consciente deve tentar converter-se em percepções externas. O que se torna possível mediante os traços mnemônicos” (FREUD, 1923/2010, p. 24).

Afinal, Freud descreve que os resíduos mnêmicos já foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnêmicos, podem votar a ser conscientes. Quanto à estrutura, prossegue mais adiante: os resíduos de memória estão “contidos em sistemas adjacentes ao sistema Pcp-Cs, de forma que os seus *investimentos* podem, com facilidade, prosseguir nos elementos desse sistema a partir do interior”.

Deste modo, o próprio ato de pensar estaria comprometido pela intensidade. Afinal, lembremo-nos da máxima breueriana onde: "Todos os afetos intensos prejudicam a associação, o decurso da representação" (BREUER, 1893b/2006, p. 260).

É nestes moldes típico-hierárquicos no sistema sensorial que explicaria, em grande parte, como os processos de pensamento são transformados em percepções: “É como se fosse demonstrada a proposição de que todo saber tem origem na percepção externa. Num investimento do pensar, todos os pensamentos são percebidos realmente como de fora – e por isso tido como verdadeiros” (FREUD, 1923/2011, p. 28).

Neste viés econômico, o princípio de realidade fornece um funcionamento alternativo para a descarga. Submetido a outras regras, a percepção poderia levar em conta os objetos do mundo, mais desvincilhada das *paixões*.

A tendência do pensar deve, portanto, ir no sentido de se liberar cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer, e de reduzir o desenvolvimento de afeto, pelo trabalho do pensamento, a um mínimo que seja ainda utilizável como sinal. Por meio de um novo superinvestimento, mediado pela consciência, este refinamento do desempenho deve ser atingido. (Freud, 1900/1996, p. 572)

O pensamento, como um ato emergente dos afetos e sensações que vigoram no Isso corporal, impõe um vínculo econômico indissociado capaz de ao mesmo tempo identificar os acúmulos de excitação e também de encontrar, através da exploração da realidade, formas de escoamento apropriado:

Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o *Isso* e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio de realidade no lugar do princípio de prazer, que vigora irrestritamente no *Isso*. A percepção tem, para o *Eu* o papel que cabe as pulsões. O *Eu* representa o que se pode chamar de razão e circunscrição, em oposição ao *Isso*, que contém as paixões. (FREUD, 1923/2010, p. 31)

Se as pulsões são para o *Isso*, o que a percepção é para o *Eu*, lembremo-nos que este mesmo Freud afirma que o *Eu* é a parte do *Isso* modificado pela influência com o mundo externo. Entretanto, Freud nos adverte para a ineficácia de tamanho empreendimento. Muito embora, os sistemas perceptivos possam se desvincular da influência dos processos primários graças a inibição das valências, Freud contraria uma visão imparcial, totalmente desvincilhada de seus elementos constituintes, os afetos:

(...) é muito difícil para o eu colocar-se na situação de mera investigação. O eu quase sempre tem catexias intensionais ou de desejo, cuja presença durante a investigação, como veremos, influencia a passagem da associação, produzindo um falso conhecimento sobre as percepções. (FREUD, 1895b/1992, p. 422)

O falseamento da verdade, na qual Freud já aludia no *Projeto* (1895) privilegia a projeção psíquica como um mecanismo submetido ao princípio de prazer. Parte dele a responsabilidade por expulsar massivamente as sensações desprazerosas para fora da jurisdição perceptiva. Ao tratar seu próprio conteúdo interno como um ideal de satisfação, e uma ameaça quaisquer investida que o contradiga, o indivíduo cego para os processos que lhe constituem irá escamotear, seja qual for, uma parcela da realidade.

É desta condição de intensidade afetiva que as representações são submetidas aos processos primários, derivando toda a sorte de crenças baseadas na onipotência dos pensamentos e dos desejos. Nestes níveis de processamento psíquico, a palavra e a alegoria cênica dos atos mágicos produzem uma distorção da lógica, tornando “equivocadamente uma conexão ideal por uma real” (FREUD, 1912-13/2012, p. 126).

Segundo Freud, o *animismo* representa este modo de funcionamento primário que são encontrados no pensamento primitivo e/ou infantil. Alicerçado no princípio de prazer como um modo de discriminação excludente de estímulos, este mecanismo promoverá toda a gama de juízos irrestritamente privados e afetivos. Esta lógica de pensamento compartilha da mesma dinâmica encontrada no funcionamento inconsciente: “ausência de contradição, processo primário (mobilidade de investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica” (FREUD, 1915d/2010 p. 128).

Os espíritos e os demônios, como demonstrei no último ensaio, são apenas projeções dos próprios impulsos emocionais do homem. Ele transforma as suas catexias

emocionais em pessoas, povoa o mundo com elas e enfrenta os seus processos mentais internos novamente fora de si próprio. (FREUD, 1912-13/2012, p.145)

Já havíamos referenciado em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) que a idealização por um líder – investido de intenso afeto, tem a capacidade de inabilitar ou falsiar o teste de realidade. De acordo com o autor as visões de mundo calcadas nesta condição – afetiva – encontram livre expressão nas crenças infantis, tais como na onipotência da autoridade. Nesta disposição, desconsidera-se o caráter crítico ou de qualquer verificação pautado nas leis que regem o pensamento. Tais processos coincidem com os estados da paixão ou do delírio onde: “a própria ilusão dispensa a comprovação” (FREUD, 1927/2014, p.268).

Como já visto antes, tal empreendimento é coerente com a dialética prazer-desprazer, onde o aparelho, por meio de projeções, se utiliza para expulsar na exterioridade seus próprios conteúdos hostis.

Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a *si mesmos*. Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com os seus desejos. A visão científica do universo já não dá lugar à onipotência humana; os homens reconheceram a sua pequenez e submeteram-se resignadamente à morte e às outras necessidades na natureza. Não obstante, um pouco da crença primitiva na onipotência ainda sobrevive na fé dos homens no poder da mente humana, que entra em luta com as leis da realidade. (FREUD, 1913b/2012, p.139-40)

Medir, avaliar, confirmar ou refutar os objetos dos sentidos exigem parâmetros calcados na retenção da descarga e na ponderação dos afetos, estabelecendo critérios de verificação entre os dados de ambas as fontes (imagem/excitação) simultaneamente. Para efetuar esta distinção constitutiva, na qual Freud nos fala desde o *Projeto* (1895), o aparelho psíquico deve reter a livre descarga até que lhe seja apresentado no exterior a percepção coincidente, a representação de desejo. É na presença deste objeto requerido, que a percepção pode obter um índice de realidade (*Realitätsanzeichen*), e cujo critério de verdade ou falsidade será atribuído; só assim, de forma adequada e segura, o aparelho salvaguardando as condições ideais, abrirá as comportas da motilidade.

Seu esforço é no sentido de chegar à correspondência com a realidade – ou seja, com aquilo que existe fora de nós, e, segundo nos ensinou a experiência, é decisivo para a satisfação ou decepção de nossos desejos. A essa correspondência com o mundo externo real chamamos de verdade. (FREUD, 1933/2010, p. 338)

Ao estabelecer uma conexão dinâmica entre a excitação e o sistema de percepção e processos de pensamento, Freud reconhece a necessidade de um trabalho inibitório capaz regular ambos os processos. Um contra-fluxo para o imediatismo mortífero da descarga “que

pode nos levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos” (FREUD, 1927/2014, p. 269).

Levando em consideração esta prerrogativa constitutiva, a ciência, tal como Freud a concebe, atesta a este lugar psíquico e social privilegiado, comportando-se como outra medida protetora de estímulos.

Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto de exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas. Não temos esperança de poder atingir esse estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo que de novo inferimos deve, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem de nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. Mas aqui reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência (FREUD, 1938/2018 p.258).

Por esta razão que o sistema de pensamento vinculado ao animismo está mais próximo do princípio de prazer, e o pensamento científico estaria de acordo com os processos secundários onde vigoram a retenção da descarga, o desvio do impulso, e a comunicação com os estímulos contraditórios e antagônicos. Tal condição envolve, justamente, a regulação das quantidades afetivas e a emancipação da percepção rumo à realidade exterior. Eis que reconhecemos nesta abordagem uma metapsicologia para a ciência nos textos freudianos.

Embora Freud não seja capaz de promover ao pensamento racional uma condição imparcial com os objetos do mundo, a racionalidade, em seu exercício ideal, pode abarcar processos alheios ou adjacentes a si, sem a necessidade de excluir o conjunto. Aliás, uma das características do teste de realidade é a capacidade de assegurar por validação mútua, a coexistência mais harmoniosa da contradição. Esta capacidade esta ligada ao próprio reconhecimento dos limites que lhe são próprios.

Demonstra, ainda, que a civilização pode, por meios que lhe são caros, despojar-se parcialmente das fantasias e dos impulsos sempre presentes. O pensamento científico representaria este ideal. Trata-se de uma forma de pensamento que envolve um distanciamento conveniente e moderado, pois o ensejo pela autonomia da racionalidade não condiz com uma independência afetiva, e sim de identificar sua existência e de estabelecer seus limites e alcances na realidade objetiva:

A fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; a fase religiosa corresponderia à fase da escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio de prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos. (FREUD, 1913/2012, p.139-40)

A ciência, quanto método, se despoja por opção destas influências, do reconhecimento interno de seus próprios limites, pois já se abandonou a muito a pretensão onipotente do pensamento animista. O método científico coincide, portanto, com uma capacidade psíquica mais sofisticada que atesta a possibilidade de “submeter os fenômenos a exame crítico” (FREUD, 1933/2010, p. 333).

Freud reconhece, portanto, ao pensamento animista, religioso e científico, três modos de funcionamento cuja hierarquização dos processos coincide com as etapas do desenvolvimento da vida anímica individual e da espécie.

Se nos fosse permitido ver na demonstração da onipotência dos pensamentos entre os primitivos um testemunho do narcisismo, poderíamos atrever-nos a comparar os estágios do desenvolvimento da cosmovisão humana com as etapas do desenvolvimento libidinal do indivíduo. Então, tanto no tempo, quanto em seu conteúdo, a fase animista corresponderia ao narcisismo, a religiosa àquele grau de escolha de objeto que se caracteriza pela ligação com os pais, e a fase científica teria seu correspondente pleno no estado de maturidade do indivíduo que renunciou ao princípio de prazer e, sob a adaptação à realidade, busca seu objeto no mundo exterior. (FREUD, 1913b/2012, p. 142)

Há, nesta exposição esquemática, o reconhecimento de uma inibição gradativa que coincide com o desenvolvimento progressivo das fases de pensamento. Tal percurso progride conforme os estágios do desenvolvimento libidinal, onde a percepção ensimesmada emancipa-se de uma libido narcísica, incapaz de distinguir entre a fantasia e a realidade, para um investimento objetal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Teixeira (2011), o desafio progressivo das ciências da mente é o de sediar os problemas conceituais que extrapolam a investigação científica de que dispomos. Se a filosofia tradicional tomou para si as hipóteses acerca do problema mente e corpo, a ciência contemporânea legou a questão para diferentes abordagens. Neste sentido, a filosofia da mente pretende oferecer uma solução teórica em meio ao amplo cenário epistemológico, propondo uma exposição geral dos conceitos fundamentais, tanto para categorizar, como também, ampliar este debate. Neste caso, o modelo de mente proposto por Freud mantém um eixo paradigmático coerente.

Hanns (1999) esclarece que apesar de a neurologia da época, e a própria psicanálise, pressuporem que as excitações corticais estejam presentes na ativação da representação, o termo *Vorstellung* não é substituído por “excitação cortical”. Este fato implica que não há uma correspondência da *Vorstellung* freudiana com o cérebro, pelo menos diretamente, aproximando sua natureza imagética da filosofia e da psicologia alemã.

Entretanto, qual a proximidade entre a excitação cortical e a representação na teoria freudiana? Segundo nossa investigação, tal aproximação conceitual dirige-se àquilo que Monzani se refere quando diz tratar-se não de uma mudança de natureza, mas sim de graus (2014, p.). Portanto, não se trata de reduzir uma à outra, e tampouco, compreender sua dinâmica psíquica como uma atividade neural aleatória. A defesa freudiana, desde seus escritos sobre as *Afásias* (1891), apresenta uma gradativa transformação da excitação neural em uma sobreassociação cortical complexa capaz de constituir, e sempre passível de falhas, sua *Vorstellung*. Já sua dinâmica interna, abrange diferentes níveis de processamento e alude à tese psicanalítica básica: uma atenção orientada a uma realização (mnêmica) de desejo.

É exatamente em função de uma experiência – psíquica e fisiológica – de satisfação que a estrutura explicativa emerge na teoria, dialogando e reafirmando seu lugar de destaque nas ciências naturais. Esta arquitetura psiconeurológica está acomodada no conceito da livre energia: uma exigência por estabilizar a invasão caótica do sistema nervoso. Incluindo, inclusive, todo o campo psicopatológico freudiano. Minimizar o aumento abrupto da livre energia – a surpresa, como um excesso corporal. Haja vista que ao reconhecer perturbações aflitivas quando o aparelho ultrapassa seu limite de regulação, Freud passa a considerar que a remoção do excedente é um fato inerente a todos os sistemas complexos. Pré-existindo, neste

domínio hipotético do sistema nervoso, um sistema caótico de informação²⁶, e identificado no campo psíquico pelo Isso. É deste modelo que envolve a concessão da inércia pela constância, e uma necessidade de modelar uma organização capaz de emancipar-se, graduar-se e sintetizar a complexidade. Em uma linguagem psicológica, o modo que será estabelecido e administrado o agrupamento da excitação/informação, envolvendo suas fixações e desvios, resultaria num processo de singularidade e diferenciação do indivíduo. Embora este processo seja particular do ponto de vista subjetivo, visa a atender uma necessidade comum: o gerenciamento energético.

Eis o trabalho do analista, o de percorrer estes mesmos caminhos: a história do gerenciamento individual da excitação. Seja de um percurso lembrado ou principalmente, esquecido, é no sintoma que o aparelho revela toda a dimensão psicobiologicamente reconciliadora. Ao se deparar com um obstáculo presente, um indivíduo confronta-se com uma antiga estratégia de sucesso, cuja falha no presente encontrou, a contragosto, através de tudo aquilo que agora tem de disponível: uma forma substituta, uma alternativa entre os pares de oposição, uma forma patogênica de escoar.

Ao dotar o sistema nervoso humano com os mesmos predicados de uma constância otimizada, o aparelho psíquico e o biológico de Freud compartilham de um mesmo ideal: a possibilidade de uma estocagem da energia/informação. Um *alargamento*, nas palavras de Freud, ante ao escoamento mortífero e inevitável do sistema nervoso. A instauração de uma organização que imponha uma inibição descendente na descarga é central por toda psicofisiologia freudiana. Em sua vertente mais psicológica, reaparecem por toda a produção inconsciente, sobretudo nos mecanismos da elaboração onírica, na constituição e dinâmica representacional, na formação de compromisso dos sintomas neuróticos.

À primeira vista, os textos de Freud podem confundir o leitor desavisado sobre uma possível transposição, quando não uma superação, entre as séries psíquicas e fisiológicas. Entretanto, esta dificuldade está centrada na própria natureza do psíquico em Freud, sobretudo, como uma organização em desenvolvimento, e cujo ápice se diferencia gradativamente de suas bases. A repetição dos mesmos caracteres nos mais diversos termos e tempos na obra demonstrou que o aparelho psíquico freudiano contempla os diferentes níveis de tratamento do estímulo: partindo desde seu suporte físico (neurobiológico) aos níveis mais

²⁶ Vale ressaltar aqui que a utilização dos termos *caótico*, *inferência* e *surpresa* não levam em consideração a discussão formal dos paradigmas inferenciais e deterministas das quais estes termos se referem. Sua utilização na pesquisa trata da noção de *incerteza* conforme depreendido ao longo da obra de Freud. Tais articulações serão exploradas em trabalhos futuros.

abstratos da informação. É desta última camada que o sinal requer uma decodificação, uma interpretação do sentido e, por fim, toda sua hermenêutica e legitimidade clínica. Trata-se de acompanhar os resultados psíquicos e as causas subjacentes a estes, obedecendo sempre a esta composição analógica da força. É neste tom que Freud conclui em 1938 os contornos e desígnios de sua psicanálise:

Não ficamos desapontados – achamos compreensível, isto sim – se chegamos a conclusão de que o resultado final da luta que encetamos depende de relações quantitativas, do montante de energia que podemos mobilizar a nosso favor no paciente, em comparação com a soma de energia dos poderes que contra nós atuam. (...) Quem acompanhou nossa exposição somente por interesse terapêutico talvez se afaste com desdem depois desta confissão. Mas aqui a terapia nos concerne apenas na medida em que trabalha com meios psicológicos; no momento não temos outros. No futuro, pode ser que aprendamos a influenciar diretamente, com substâncias químicas especiais, as quantidades de energia e sua distribuição no aparelho psíquico. (FREUD, 1938/2018, p.239)

Então, caberia afirmar que a teoria freudiana trata-se, no fim, de uma neuropsicologia? É questionável uma afirmação confiante sobre o título, mesmo tratando de uma neuropsicologia especulativa, conforme R. Solomon (1976) defende. Ainda que Freud trate daquilo que, nas palavras de Fechner, versa sobre uma localidade psíquica (*Psychischen Lokalität*), Monzani (2014, p. 75) alerta para a ponderação sobre o conceito. Afinal, o próprio Freud busca evitar “a tentação” de determinar uma localização física do aparelho psíquico, o que atesta, ainda que por oposição, a dependência entre o aparato anímico (*der seelisch Apparat*) e o preparado anatômico (*anatomisches Präparat*). .

Vale reiterar aquilo que já foi longamente explorado na pesquisa: o aparelho psíquico já fora localizado anatomicamente por Freud muito precocemente na teoria, como o fez nas *Afásias* (1891) e reproduzido fielmente ao longo dos seus escritos, localizando-o como uma distribuição por todo o córtex cerebral. A negação anatômica de Freud caminha num outro sentido, a de localizar a totalidade do aparelho em um centro exclusivo, conforme defendiam os localizacionistas. Ademais, seu interesse em compreender a natureza bio-química das pulsões, a estrutura e dinâmica do sistema nervoso, a epigenética da memória – e seu intercâmbio na percepção, enfim, todas as hipóteses que confrontam com os limites verificáveis de seu período, e que foram lançadas para o futuro, advogam para esta convicção neurobiológica nunca abandonada. O diálogo constante com este campo e sua inclusão no modelo não envolve em uma redução da psicanálise à biologia:

Não estou de modo algum em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação em deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapêuticamente, de modo que preciso comportar-me *como se* apenas o psicológico estivesse em exame (MASSON, 1986/1898, p. 327).

Ao reconhecer os limites da observação psiconeurobiológica, Freud recorre a hipóteses deste espaço lacunar, sua metapsicologia. Estas mesmas especulações, aliás, não se aplicam para qualquer outro sistema complexo? Como poderemos julgar a legitimidade do modelo atômico ou da teoria da relatividade? É com esta mesma indagação que Freud se dirige a Einstein:

Talvez você tenha a impressão de que nossas teorias são um tipo de mitologia, no caso presente uma mitologia que nem mesmo é agradável. Mas toda ciência da natureza não volta a um tal tipo de mitologia? Acontece, hoje, de maneira diferente para você, na física? (FREUD, 1933, p. 211).

A *mitologia* na qual Freud se ampara não se refere a um mito idealista, aquele que impugna uma subordinação do físico ao plano mental, mas sim da justificação de processos neurobiológicos *desconhecidos* na produção do psíquico: “É necessário que venha a feiticeira. Entenda-se: a bruxa metapsicologia. Sem especular nem teorizar – por pouco eu iria dizer fantasiar – metapsicologicamente, não se avança aqui um passo sequer” (FREUD, 1937/2018, p. 225).

Estes argumentos destacam os limites de uma dupla abordagem: primeiro da verificação psicofisiológica destes processos, e segundo, e justamente deles, o que delimita a especificidade psicanalítica, tanto como campo de estudo, quanto método. Pois, é deste:

(...) hiato que a teoria aqui desenvolvida visa preencher. A separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação – adequada mas não incompatível – são processos que ocorrem fora da consciência. Pode-se apenas presumir sua existência, mas não prova-la através de qualquer análise clínico-psicológica. Talvez fosse mais correto dizer que tais processos não são absolutamente de natureza psíquica, mas de processos físicos cujas consequências psíquicas se apresentam como se de fato tivesse ocorrido o que se expressa pelos termos “separação entre a representação e seu afeto” e “falsa ligação” deste último. (FREUD, 1894/1996, p.60)

Esta premissa, construída ao longo de nossa pesquisa, torna evidente que o circuito do *quantum* no modelo freudiano fornece o vínculo conceitual necessário para a conexão psiquismo/corpo, descrevendo uma posição claramente monista para o problema. Um modelo que pretendeu, ao seu modo e com as ferramentas de seu período, modelar a complexa relação entre excitação e imagem. Eis a significação da psicanálise para o problema mente e cérebro: (...) É justamente isso que a psicanálise precisa fazer, e essa é a sua segunda hipótese fundamental. Ela explica os supostos processos concomitantes somáticos como sendo o propriamente psíquico, não considerando inicialmente a qualidade da consciência. (FREUD, 1938/2018, p. 207).

Esta abordagem obedece sempre ao mesmo axioma: uma distinção de diferentes formas de pensamento tributários a distintos processos quantitativos. Esta passagem que envolve a modulação e discriminação das cargas nos sistemas psíquico, não está nas antípodas de uma escolha consciente, ou ainda, de um dado filogeneticamente determinado para sua consecução, mas de uma conquista particular e subjetiva que integram parâmetros biológicos e contingenciais para sua aquisição.

No tocante a estes, a pesquisa demonstrou que somente completado este curso no desenvolvimento – e sempre passível de falhas – é que o aparelho psíquico pode conquistar seu estatuto emergentista em sua máxima ontológica. Isto é, embora inicialmente identificado com o cérebro – o chamado paralelismo psicofísico –, será no auge de seu desenvolvimento que o aparelho pode, por fim, alcançar um distanciamento mais adequado de suas bases, modificando seu funcionamento e instaurando os pares antitéticos mais pertinentes da teoria. É, pois, a partir desta estrutura progressiva e hierarquizada para a informação nervosa que a hermenêutica freudiana assegura todo seu valor nas *ciências da natureza*.

REFERÊNCIAS

- ANDERSSON, Ola. **Freud precursor de Freud: estudos sobre a pré-história da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BEIVIDAS, Waldir; RAVANELLO, Tiago. **Linguagem como alternativa ao aspecto quantitativo em psicanálise**. Florianópolis: Psicologia e Sociedade, v. 21, 2009.
- Binswanger, L. (1936). **La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie**. In: L. Binswanger, *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne*. Paris: Gallimard, 1970.
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BOCCA, Francisco V. **Histeria: Primeiras formulações teóricas de Freud**. São Paulo: Psicologia USP, 2011,
- BOCCHI, Josiane C. **A psicanálise freudiana e o atual contexto da biologia da mente: uma discussão a partir das concepções sobre o ego**. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em filosofia pela UFSCar, 2010.
- BORING, Edwin G. **A History of Experimental Psychology**. New York: Appleton Century-Crofts, 1950.
- CAROPRESO, Fátima S. **A natureza do psíquico e o sentido de natureza na metapsicologia na psicanálise freudiana**. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em filosofia pela UFSCar, 2006.
- CLARKE, Edwin, JACYNA LS. **Nineteenth-century origins of neuroscientific concepts**. University of California Press; 1987.
- FENICHEL, Otto. **La teoria psicoanalítica de las neurosis**. Buenos Aires: Pairós, 1966.
- FREUD, Sigmund. **A phylogenetic fantasy: Overview of the transference neuroses**. Harvard University Press, 1987.
- _____. (1886) **Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1888a) **A Histeria**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1888b) **Prefácio à tradução de Suggestion, de Bernheim**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1891) **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. (1893a) **Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1893b) **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar**. Estudos sobre a histeria. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1894) **Neuropsicoses de defesa**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895a) **Estudo sobre a histeria**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. V. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895b) **Proyecto de psicologia**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V.I. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1992.

_____. (1895c). **Sobre la justificación de separar de la neurastenia determinado síndrome em qualidade de “neurosis de angustia”**. In Obras Completas de Sigmund Freud. V. III. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. (1900) **A Interpretação dos Sonhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905a) **Tratamento Psíquico**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905b) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XI, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1908). **A Moral Sexual “Cultural” e o Nervosismo Moderno**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. VIII, São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. (1909). **Análise da Fobia de um menino de 5 anos. “O pequeno Hans”**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. VIII, São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. (1910a). **As Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. IX, São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. (1910b) **Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. IX, São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. (1911) **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- _____. (1913a) **O interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras., 2012.
- _____. (1913b) **Totem e Tabu**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. (1914) **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915a) **A repressão**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915b) **Complemento metapsicológico dos sonhos**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915c) **Considerações sobre a guerra e a morte**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915d) **O Inconsciente**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915e) **Os Instintos e seus destinos**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1917) **Conferências Introdutórias à psicanálise**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XII São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1918). **História de uma neurose infantil** (“O homem dos lobos”). In: Obras Completas de Sigmund Freud. V.XIV.São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. (1920) **Alem do princípio de prazer e outros textos**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XIV, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1921) **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XV São Paulo: Companhia das Letras., 2011.
- _____. (1922) **Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade**. In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. XV. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1923) **O Eu e o Id**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVI. São Paulo: Companhia das Letras., 2011.
- _____. (1924a) **A perda da realidade na neurose e na psicose**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924b) **O problema econômico do masoquismo**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1925a) **A Negação**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVI, São Paulo: Companhia das Letras., 2011.

_____. (1925b) **Uma nota sobre o bloco mágico**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVI, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1926) **A questão da análise leiga**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XVII, São Paulo: Companhia das Letras., 2014.

_____. (1927) **O futuro de uma ilusão**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V.XVII, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1930) **O mal-estar na civilização**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V.XVII. São Paulo: Companhia das Letras., 2010.

_____. (1932) **Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago,1996.

_____. (1937a) **Análise terminável e interminável**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XIX. São Paulo: Companhia das Letras., 2018.

_____. (1938) **Compêndio de Psicanálise**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XIX. São Paulo: Companhia das Letras., 2018.

_____. (1939) **Moisés e o Monoteísmo**: In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V.XIX.São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
FULGENCIO, Leopoldo. **As especulações metapsicológicas de Freud**. In: FULGENCIO, Leopoldo (Org.) et al. *A Bruxa metapsicologia e seus destinos*. São Paulo: Blücher, 2018. p.34.

GABBI, Jr. O. F. **Notas a Projeto de uma Psicologia**. As origens utilitaristas da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GONÇALVES, Ana L. M. **O pioneiro esquecido**: Freud e as ciências cognitivas. São Paulo: Annablume, 2004.

GREEN, André. **O Discurso Vivo**: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982.

GREEN, André. **La concepción psicoanalítica del afecto**. Siglo Veintiuno Editores, 1975.

GRUBRICH-SIMITIS, I. (1996). **Back to Freud's Texts: Making Silent Documents Speak**. New Haven, London: Yale University Press, 1996.

HACKWORT, John. **An Essay Concerning the History of Entropy and the Rise of Uncertainty**. BookBaby. Edição do Kindle, 2016.

HANNS, Luiz A. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

IBASCIATI, Antonio. **O significado da metapsicologia como instrumento para “explicar”**. In: FULGENCIO, Leopoldo (Org.) et al. *A Bruxa metapsicologia e seus destinos*. São Paulo: Blücher, 2018. p.152.

JACKSON, John Hughlings; TAYLOR, James. **Selected Writings of John Hughlings Jackson**: Vol. 2: Evolution and Dissolution of the Nervous System; Speech; Various Papers, Addresses and Lectures. Staples Press, 1958.

KANDEL, Eric R. et al. **Principles of Neural Science**, Fifth Edition, 2013.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

LACAN, Jacques (1959). O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MALDAVSKY, David. **Pesadillas em vigília**: sobre neuroses tóxicas y traumáticas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

MANNONI, Octave (1968). **Freud**. Paris:Seuil, 1990.

MARBLESTONE, Adam H.; WAYBE, Greg; KORDING, Konrad P. Toward an integration of deep learning and neuroscience. *Frontiers in Computational Neuroscience*, 2016.

MASSON, Jeffrey M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MIGUENS, Sofia. **Será que a minha mente está dentro da minha cabeça?** Da ciência cognitiva à filosofia. Porto: Campo das Letras, 2008.

MILLER, Jacques-Alain. **Matemas II**. Buenos Aires: Manacial, 1988.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PANDOVAN, Caio. Les origines de la méthode psychanalytique. Une étude d`histoire conceptuelle. Thèse de doctorat de L` Université Sorbonne Paris Cité, 2018.

PEREZ, Daniel O.; BOCCA, Francisco, V.; BOCCHI, Josiane C. **Ontologie Sans Miroirs: Essai sur la réalité – Locke – Berkeley – Kant – Freud**. L`Harmattan, 2019.

PRIBRAM, Karl; GILL, Merton. (1976). **O Projeto de Freud: um exame crítico**. São Paulo: Cultrix, 1976.

RICOEUR, Paul. **De l'interprétation. Essai sur Freud**. Paris (Seuil), 1965.

SIMÕES, D. **Herbart e a noção do inconsciente**. Dissertação apresentada ao Programa de Filosofia da PUC/SP: São Paulo, 2017.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

SOLOMON, C. Robert. **A teoria neurológica da mente em Freud**. In: WOLHEIM, Richard (org). *Freud: uma coletânea de ensaios críticos*, Tomo I. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

SOLMS, Kaplan; SOLMS, Mark. **Estudos clínicos em Neuro-Psicanálise**. Introdução a uma Neuropsicologia profunda. São Paulo: Editora Lemos, 2005.

SOLMS, Mark. **The brain and the inner world: an introduction to the neuroscience of subjective experience**. Edição do Kindle, Other Press, 2002.

SOLMS, Mark; SALING, Michael. **Brain (1888)**. In: A Moment of transition – Two Neuroscientific Articles by Sigmund Freud. Londres: Karnac Books/ The Institute of Psychoanalysis, 1990.

SOLMS, Mark; SALING, Michael. **On psychoanalysis and neuroscience: Freud's attitude to the localizationist tradition**. International Journal of Psycho-Analysis, 1986.

STONE, James V. **Information Theory: A tutorial introduction**. Sebtel Press, 2015.

THÁ, Fábio. **Categorias conceituais da subjetividade**. São Paulo: Annablume, 2007.

TEIXEIRA, J.F. **Mente, cérebro e cognição**. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WIDLÖCHER, Daniel. **Métapsychologie du Sens**. Paris: PUF, 1986.

WINOGRAD, Monah. **Freud e a fábrica da alma: sobre a relação corpo-psiquismo em psicanálise**. Curitiba: Appris, 2013.

ZAFIROUPOULOS, Markus. **Lacan e Lévi-Strauss ou o retorno a Freud (1951-1957)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.